LIVRARIA CLASSICA

EXCERPTOS

DOS PRINCIPAES AUTORES DE BOA NOTA

PUBLICADA SOB OS AUSPICIOS DE

S. M. F. EL-REI D. FERNANDO II

OBRA COLLABORADA

POR MUITOS DOS PRIMEIROS ESCRIPTORES DA LINGUA PORTUGUEZA

E DIRIGIDA POR

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

E

JOZÉ FELICIANO DE CASTILHO BARRETO E NORONHA

XIII

ANTONIO FERREIRA

III

ANTONIO FERREIRA

POETA QUINHENTISTA

OBRAS

ESTUDOS BIOGRAPHICO-LITTERARIOS

POR

JULIO DE CASTILHO

TOMO TERCEIRO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER, EDITOR

69, RUA DO OUVIDOR, 69

PARIS. — E. BELHATTE, LIVREIRO, RUA DE L'ABBAYE, 14

1875

PARIS. — TYP. DE SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.

EXCERPTOS

DO

THEATRO DE ANTONIO FERREIRA

PESSOAS DA TRAGEDIA

EL-REI D. AFFONSO IV, rei de Portugal.
O INFANTE D. PEDRO, seu filho.
PERO COELHO, fidalgo do conselho d'El-Rei.
DIOGO LOPES PACHECO, o mesmo que o precedente.
O SECRETARIO DO INFANTE.
UM MENSAGEIRO.
UM CONSELHEIRO D'EL-REI.
CORO DE FIDALGOS.
D. IGNEZ DE CASTRO.
A SUA AMA.
CORO DAS MOÇAS DE COIMBRA.
TRES FILHOS PEQUENOS DO INFANTE E DE D. IGNEZ.

N. B. Todas as rubricas d'esta tragedia, assim como a descripção dos scenarios, foram postas, para maior clareza, pelo collector d'estes excerptos.

CASTRO

TRAGEDIA EM CINCO ACTOS

ACTO I

Jardim do paço de Santa Clara em Coimbra, habitação de D. Ignez de Castro.

SCENA I.

CASTRO, AMA, CÔRO DAS MOÇAS DE COIMBRA.

CASTRO.

Colhei, colhei alegres,
donzellas minhas, mil cheirosas flores.
Tecei frescas capellas
de lirios e de rosas; coroae todas
as doiradas cabeças!
Expirem suaves cheiros,
de que se encha este ar todo.
Soem doces tangeres, doces cantos.
Honrae o claro dia,

meu dia tão ditoso, a minha gloria,
com brandas liras, com suaves vozes.

AMA.

Que novas festas, novos cantos pedes?

CASTRO.

Ama, na criação ama, no amor mãe,
ajuda-me ao prazer.

AMA.

Novos extremos vejo.
Nas palavras prazer, agua nos olhos.
Quem te faz juntamente leda, e triste?

CASTRO.

Triste não póde estar quem vês alegre.

AMA.

Mistura ás vezes a fortuna tudo.

CASTRO.

Riso, prazer, brandura n'alma tenho.

AMA.

Lagrimas sinaes são da má fortuna.

CASTRO.

Tambem da boa fortuna companheiras.

AMA.

Á dor são naturaes.

CASTRO.

E ao prazer doces.

AMA.

Que força de prazer t'as traz aos olhos?

CASTRO.

Vejo meu bem seguro, que receava.

AMA.

Que novo caso foi? que bem te veio?
porque me tens suspensa?

Abre-me já, Senhora, essa alma tua.
O mal se abranda, o bem contando-o cresce.

CASTRO.

Ó Ama, amanheceu-me um alvo dia,
dia de meu descanso. Sofre um pouco
repetir de mais alto a minha historia,
em quanto o esprito lêdo co'a lembrança
de seu temor, de que já está seguro,
ajunta ao mal passado o bem presente.

D'aquelle grande Affonso forte, e santo,
por poderosa mão de Deus alçado
entre armas, ante imigos, o Real sceptro
do grande Portugal, que inda está tinto
do sangue de infieis por seu bom braço,
por legitima herança rege e manda
o bom velho, glorioso da victoria
e nome do Salado, Affonso Quarto,
dos Reis de Portugal setimo em ordem,
filho do grã Diniz, de Isabel santa,
ambos já no alto Ceo claras estrellas;
cuja alta casa, e accrescentado Imperio
pelos grandes avós, espera alegre
seu desejado herdeiro o Infante Pedro,
meu doce amor, minha esperança, e honra.

Sabes como, em saindo dos teus braços,
Ama, na viva flor da minha idade,
(ou fosse fado seu, ou estrella minha)
co'os olhos lhe acendi no peito fogo,
fogo, que sempre ardeu, e inda arde agora
na primeira viveza inteiro e puro.

Por mim lhe aborreciam altos estados;
por mim os nomes de Princezas grandes;
por tão grande me havia nos seus olhos!

Um tempo duro, mas em fim forçado,
deu a Constança a mão (Constança, aquella
por tantas armas e furor trazida,
já quasi do seu fado triste agoiro!);
deu a Constança a mão; mas a alma livre,
amor, desejo, e fé me guardou sempre.
Quantas vezes quizera honestamente
podêl-a dar a mim! quantas mais vezes
se arrependeu despois de se ver prezo!

Não lhe apagou o amor a nova esposa;
não o tão festejado nascimento
do desejado parto; antes mais vivo,
co'o tempo, e co'o desejo ardia o fogo.
Que fará? se o encobre, então mais queima.
Descobril-o não quer, nem lhe é honesto.
Mas quem o fogo guardará no seio?
Quem esconderá amor, que em seus sinaes
a pezar da vontade se descobre?
Nos olhos, e no rosto chamejava;
nos meus olhos os seus o descobriam.
Suspira, e geme, e chora a alma cativa
forçada da brandura e doce fôrça,
sujeita ao cruel jugo, que pezado
a seu desejo sacudir deseja.
Não póde, não convem; a furia cresce.
Lavra a doce peçonha nas entranhas.
Os homens foge, foge a luz, e o dia.
Só passeia, só falla, triste cuida;

Castro na boca, Castro n'alma, Castro
em toda parte tem ante si presente.
Elle á mulher cuidado, eu odio, e ira.
Arde o peito a Constança em furor novo.
Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.

Da antiga casa Castro em toda Hespanha,
já d'antes do Real sceptro d'este Reino
por grande conhecida, inda meu sangue
do Real sangue seu tinha grã parte.
Mas inda á natureza dobram força,
arte ajuntando, e manha : El-Rei ao neto
por madrinha me dá, comadre ao filho.

AMA.

Cegos, que quanto mais vedam, mais chamam !
Cresce co'a força amor; e o que á vontade
se faz mais impossivel, mais deseja.

CASTRO.

Emfim, fortuna, que me já chamava
esta gloria tão grande, quebra o nó
d'aquelle jugo a meu amor contrario.
Leva ante tempo a morte a Infante triste.
Herdo eu mais livremente o amor constante,
que a mim se entregou todo, e todo vive
na minh'alma, onde está seguro, e firme,
já com doces penhores confirmado.
Mas o esprito inquieto co'os clamores
do povo, e rogos graves, que trabalham
apartár este amor, quebrar sua força,
me traziam medrosa, receando
a volta da fortuna, que ora amiga,

ora imiga cruel alça, e derriba;
que sempre do mór bem, mór mal promette,
falsa, inconstante, cega, varia, e forte.
Lograva como a medo os meus amores.
Criava o grande amor desconfiança;
e a consciencia errada sempre teme.

AMA.

Quem te segurou já? quem novo esprito
te deu aos temores?

CASTRO.

O meu medo.

AMA.

Contrarias coisas fallas.

CASTRO.

O medo ousa
ás vezes mais que o esforço; tomo os filhos
co'as lagrimas nos olhos, rosto branco,
a lingua quasi muda, em choro solta,
ante elle assim começo: «Meu Senhor,
soam-me as crueis vozes d'este povo;
vejo d'El-Rei a força, e imperio grave
armado contra mim, contra a constancia,
que em meu amor te'gora tens mostrado.
Não receio, Senhor, que a fé tão firme
queiras quebrar a quem tua alma déste;
mas receio a fortuna que mais possa
com seu furor, que tu com teu amor brando.
Por estas minhas lagrimas, por esta
mão tua, que em sinal de fé me déste,
pelos doces amores, doce fruito,
que d'elles tens diante, se me deves
amor igual ao meu, ou se algum'hora

fui a teus olhos vista alegre, e doce,
me segures, me guardes, me conserves
contra os duros mandados de teu pae,
contra importunas vozes dos que podem
mudar acaso teu constante peito.
Ou quando minha estrella, e cruel genio
te puder arrancar d'est'alma minha,
com teu armado braço envolta em sangue
me arranques d'este corpo, que não veja
tão triste dia, tão cruel mudança.
Eu tomarei por doce a minha morte;
por piedoso amor, tal crueldade! »

AMA.

Moveste-me a alma, e os olhos.

CASTRO.

Assim disse. Elle então lançando os braços
estreitamente em mim, mudado todo,
em vão trabalha de encobrir a mágoa
de meu temor, e lagrimas.

« E póde
oh! Dona Ignez — me diz — póde teu peito
conceber tal receio? aquelle dia
primeiro, que te vi, não mostrou logo
que esta minh'alma á tua só se deve?
por ti a vida me é doce; por ti espero
accrescentar imperios; sem ti o mundo
duro deserto me pareceria.
Não poderá fortuna, não os homens,
não estrellas, não fados, não planetas,
apartar-me de ti por arte ou força.
N'esta tua mão te ponho firme, e fixa

minh'alma ; por Infante te nomeio,
do meu amor senhora, e do alto estado
que me espera, e teu nome me faz doce.
O grande movedor dos Ceos e terras
invoco, e chamo aqui : o alto Ceo me oiça,
e meu intento santo approve, e cumpra. »

AMA.

Entendo o teu prazer, as tuas lagrimas.
Tambem de prazer chóro ; tão contraria
nos é sempre a alegria, que inda toma
lagrimas emprestadas á tristeza.

CASTRO.

Já não temo fortuna, já segura
e léda viverei.

AMA.

No Real esprito
não se deve esperar leve mudança ;
ajuda tua estrella co'o bom siso ;
muitas vezes a culpa empece ao fado ;
prudencia e bom conselho o bem conserva ;
a soberba o destrue, e em grã mal muda.

CASTRO.

Rege tu, ama minha, este meu peito.
O subito prazer engana, e erra.

AMA.

Encobre teu segredo.

CASTRO.

N'alma o tenho.

AMA.

Deus t'o conserve.

CASTRO.

Humilde aos Ceos o peço.

SCENA II.

INFANTE, Côro.

INFANTE.

Poderoso Senhor, grã pae do mundo,
cujo poder immenso, altas grandezas,
cantam os ceos, a terra, os elementos,
a cujo aceno treme a redondeza,
a cujo querer nada é impossivel,
fortalece meu peito, arma-me todo
de paciencia igual á dura afronta!
Socega os alvoroços d'este povo,
a furia de meu pae, que em vão trabalha
arrancar-me minh'alma d'onde vive.

Sou humano, Senhor; tentações grandes
vencem animos fortes.
Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me ira
contra quem me persegue; tu me amansa.
Não poderei soffrer, não poderei
a dura pertinacia, o cruel odio,
que ao meu doce amor mostram.
Vence a dor a razão; vence Amor força.
Tu conserva, alto Deus, a prometida
fé, a quem já de lá dar-m'a mandaste.

Tudo de ti procede; sem ti nada
se move cá na terra. Quem entende

teus meios, e teus fins, e teus segredos?
Quantas vezes mal é, o que bem parece!
Quantas vezes o mal causa bens grandes!
Quanto tempo soffreste o grande Affonso
no nome de Bolonha celebrado,
que novas torres ajuntou ás Quinas,
dura força fazendo ao matrimonio,
contra as divinas leis, contra as humanas!
Quem então não chorava a crueldade
contra o primeiro amor? e quem calava
a dura pertinacia do segundo?
Mas tu querias dar ao mundo o grande,
forte, prudente, e santo, um só Diniz,
paz, e concordia entre altos Reis, que Reinos
deu, e tirou; em armas claro, e em letras.

Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,
porque do meu amor tão mal julgado
não esperarei grandezas? vel-as-hei,
vel-as-hei de ti, Castro, vive leda,
vive segura, lança os medos fóra,
que antes morte, que vida sem ti quero.

CÔRO.

Não é desculpa ao mal, outro mal grande.
Quão danoso é no mundo um máo exemplo!
Mas não póde assim ser a razão cega,
que o que reprende em outro, em si o approve.
Cada um levar-se deixa da vontade.

SCENA III

SECRETARIO, INFANTE, Côro.

SECRETARIO.

Quem ajuntar podér com agua o fogo,
quem misturar co'o dia a noite escura,
e quem o mau peccado co' a virtude,
este no amor ajuntará razão,
este em falsa lisonja a lealdade.
Um o amor não sofre, outro a virtude;
e eu d'estes ambos venho agora armado.
Não sei se poderei vencer com elles.
Se algum esprito bom me quizesse ora
ajudar lá dos Ceos, e aqui acabasse
esta vida!... que fim mais glorioso
que pelos Ceos deixar a baixa terra,
antes que por temor honra e verdade?
Aquelle é que lá vejo pensativo;
Deus me inspire que diga sem temor.
Confiança ha mister, e animo livre
quem quizer resistir ao mau proposito
do Principe, em que está determinado.
Mas deixar de o fazer é vil fraqueza.

INFANTE.

Que dirás, Secretario, a tão grã força
como querem fazer a esta minh'alma?

SECRETARIO.

Senhor, mas antes querem dar-t'a livre

d'onde está tão forçada, e tão cativa.

INFANTE.

Arrancam-me as entranhas; que me querem?
Esta gente que quer, que assim me mata?

SECRETARIO.

Querem-te só, e procuram-te tua honra;
e quebrar d'aqui as azas á fortuna
que contra ti não tenha nunca forças.

INFANTE.

Mas antes lh'as vão dando quanto podem,
procurando apartar-me d'onde vivo.

SECRETARIO.

Se te visses, Senhor, ver-te-hias morto;
ver-te-hias cégo. Em quanto homem não vive
com su'alma propria, póde a tal ser vida?

INFANTE.

Tambem tu me persegues? tambem vens
afiado cortar-me estas raizes,
que no meu peito já tão firmes tenho?

SECRETARIO.

Piedosa obra faz ao que está prezo
quem as prisões lhe corta, e as más cadeias.
Oh! clarissimo Infante, meu Senhor,
muito ha que me conheces; teus segredos
de mim com razão sempre confiaste.
Nunca te descobri as zombarias,
nunca descobrirei o menor d'elles.
De uma parte me tens por Secretario,
mas de outra me has-de ter por conselheiro.
Cumprirei eu comtigo, e co'o que devo;
então venha tua ira, que eu não quero
melhor morte, que aquella, que de infamia

livrar a vida, e a alma de perigo.
Não vês, Senhor, que o sol se escurecesse,
quanto cobre e descobre ficaria
tão triste e escuro, como agora claro?
Pois tal é o bom Principe, sol nosso,
com cuja luz nos vemos, e seguimos
a justiça, que aos Ceos nos vai levando.
Se se esta em ti perder, onde a acharemos?
Quem a virtude seguirá? quem honra?
Abateres-te assim de Principe alto
a pensamentos baixos, que se estranham
nos homens baixos, parecer te póde
grandeza de ti digna, e do que deves
a este estado tão alto, que te espera?

INFANTE.

Quem tão livre te faz, e tão ousado?

SECRETARIO.

Amor e lealdade esta ousadia
me dão; dá-m'a a razão, que tem tal força,
que inda que se não siga, não se nega.
Lá dentro em ti te vejo estar sentindo,
em teu animo Real e generoso,
quasi uma reverencia, a que te move,
inda que com desgosto, a sã verdade.
Não me queres ouvir, mas bem me julgas.
Move-te o zelo honesto, a fé tão pura.
Deixa-te reprender de quem bem te ama,
que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.
Não recebas enganos de quem teme,
ou deseja, ou espera, á custa tua,
de tua honra, e dos teus, que a tantos mata.
Louvas tu, ou alguem louvará aquelle,

que, podendo illustrar a gloria antiga
de seus passados com mór honra e fama,
não sómente o não faz, mas escurece
d'aquella luz antiga o claro raio?

INFANTE.

Mas antes não viver merecia esse;
antes não ser nascido; que a aguia vemos
os filhos engeitar, que ao sol não olham.

SECRETARIO.

E que dirás, que julgarás d'aquelle,
que em vez de se armar bem contra a fortuna
causas anda buscando de a ter sempre
contraria a sua vida, e seu estado?

INFANTE.

Quem não teme a fortuna, e não procura
de contr'ella se armar, tel-a-ha imiga,
que aos que se lhe mais dão, sempre persegue.

SECRETARIO.

Julgaste-te a ti mesmo.

INFANTE.

Em que? ou como?

SECRETARIO.

Aquelle claro sangue, aquelle nome
heroico, tão alto, e em todo o mundo
honrado e conhecido, dos Reis grandes,
de cujo tronco vens, não fica escuro
misturado com outro differente,
dos que foram nascidos e criados
para humildes sofrerem teu Real jugo,
obedecendo ao imperio e aos acenos?

Despois d'isto não vês o grã desprezo,

em que serás aos teus? o grã perigo
em que pões este Reino, co'a soberba
de poucos, que ergues tanto, e tanto podem
com teu favor, que mostram já desprezo
a quem devem mostrar acatamento?
Que coisa mais destrue o Rei, e Reino?

Que coisa cria mór deprezo, e odio,
que vel-o sugeitar-se a coisas baixas?
que vel-o ser mandado de seus vicios?
Com que rosto, Senhor, darás castigo
aos que assim commetterem o que commettes?
Como conservarás a obediencia
santa devida aos paes, pois tu a negas
aos teus no que te pedem justamente?
Memoria deixarás de mau exemplo
a teus filhos; darás licença larga
a Reis, que isto souberem; ao mundo causa
de escurecer teu nome para sempre.
De um mal, vê quantos males nascem logo!
Todos sobre ti caem. Senhor, vê-te,
conhece-te melhor; entra em ti mesmo.
Verás então o porque te importunam,
o que te pede El-Rei, o que teu povo.

CÔRO.

Conselheiro fiel, ousado, e forte,
feriste co'a razão a alma, que dura
os olhos em vão cerra.

INFANTE.

Eu não sou, nem fui nunca qual me julgas,
ou qual me julgais todos. Outros olhos
differentes dos vossos são os meus,

com que me vejo; e vejo que o que faço,
não é tamanho mal, como vós vedes.

Eu não faço erro algum; sigo o que o esprito
me diz, e me revela, a quem eu creio.

Co'os Principes tem Deus outros segredos,
que vós não alcançais, e como cégos
nos juizos errais de seus mysterios.

Olhae esta mulher, vede o que ha n'ella.
De um sangue nos formou a natureza:
Real é, de Reis vem, de Reis é digna.
Do mundo quizera eu ser só monarcha,
monarcha de mil mundos, para todos
debaixo dos pés pôr de quem tanto amo.
Mui baixa me parece esta corôa
para aquella cabeça. Olha o que mando:
tu jámais me não falles em tal coisa.
Meus duros paes não curem de cansar-me;
porque nem posso n'isso obedecer-lhes,
nem em o não fazer desobedeço.
Arranquem-me a vontade d'este peito,
arranquem-me do peito est'alma minha,
então acabarão o que começam.
Não cuidem que me posso apartar d'onde
estou todo, onde vivo; que primeiro
a terra subirá onde os ceos andam,
o mar abrazará os ceos e terra,
o fogo será frio, o sol escuro,
a lua dará dia, e todo mundo
andará ao contrario de sua ordem

que eu, ó Castro, te deixe, ou n'isso cuide.
Dei-te alma, dei-te fé, guardal-a-hei firme.
Confio isto de ti, não m'o descubras.

SECRETARIO.

Oh! Senhor, que me matas! Deus quizera
que nunca merecêra honra tamanha,
pois me põe em perigo de deshonra.
Seguir tua vontade, é destruir-te,
destruir este Reino, e teu pae triste;
querer-te apartar d'ella é impossivel.

INFANTE.

Sigue minha razão, minha vontade.

SECRETARIO.

Não te vejo razão, vejo vontade.

INFANTE.

Sigue a vontade, que forçar não podes.

SECRETARIO.

Manda-me o que te devo que a não siga.

INFANTE.

Queres mandar teu Principe?

SECRETARIO.

Mas sirvo.

INFANTE.

Obedecè ao que quero.

SECRETARIO.

Manda o justo.

INFANTE.

Deus só me julga.

SECRETARIO.

E a razão te obriga.

INFANTE.

Livre ha de ser um Principe.

SECRETARIO.

Cativo
é, quem de si se vence.

INFANTE.

Inda importunas?

SECRETARIO.

Se te não conselhar, meus são teus erros.

INFANTE.

Eu te livrarei d'elles.

SECRETARIO.

A Deus temo.
Tu no corpo só pódes, elle n'alma.
Eu conselhar-te posso, forçar não.
Testemunha me é Deus; e tu tambem.
Amor em ti só reina, amor te manda
peçonha doce d'alma, de honra, e vida.
Mas porque te não movem tantos choros
da Rainha tua mãe? os tantos rogos
d'El-Rei teu pae? os tão leaes conselhos
de quantos a teus pés estão lançados,
pedindo-te piedade d'este Reino,
que ameaçado está assim da fortuna?
Não te declararás por honra tua,
e prova para o mundo, que te infama
com nome de peccado pertinaz?
Eu choro de assim ver hua mulher fraca
mais forte contra ti, que quantas forças,
de Deus, do mundo, estão por ti tirando.

INFANTE.

Oh! perseguição forte! oh! odio estranho!
Oh! duros fados todos conjurados
co'os Ceos, e co' as estrellas a perder-me!

Que me quereis? que sem razão vos faço,
homens de entranhas féras, e danadas,
em ter igual amor a quem m'o tem,
a quem é tão devido, a quem o mundo
todo merece ter (e inda é pequeno!)?

Homens, que procurais meu mal e morte,
vede bem o que eu vejo: que alto imperio
d'aquelle Real rosto não será
honrado, e accrescentado? aquelle rosto,
que tanto aborreceis, que mundos pede!
Que estados, que grandezas, que triumphos!

Em corpo tão fermoso e fermosa alma,
tão santa, tão honesta, casta, e pura,
que tacha podeis dar! ou que virtudes,
que graças das mais raras, e excellentes
não achareis em tudo quanto mostra?
Póde ser mais cru odio, e mais injusto?
Póde ser mór inveja, e mais sem causa?

CÔRO.

Oh! quão perigoso é qualquer principio
de mal! que um só descuido póde tanto,
que traz um animo alto a tal baixeza!

INFANTE.

Para onde fugirei, por que me deixem?

SECRETARIO.

De ti has-de fugir, por teu remedio.

INFANTE.

Não me valerá já ver que não posso?

SECRETARIO.

Tu mesmo te puzeste em tal fraqueza.

INFANTE.

Não quero, nem desejo arrepender-me.

SECRETARIO.

Accrescentas o erro co'a vontade.

INFANTE.

Se é erro, como dizes, não houve outros?

SECRETARIO.

Houve, mas todavia foram erros.

INFANTE.

Desculpem-me outros Reis, e Imperadores.

SECRETARIO.

Como o farão, pois a si não podéram?

INFANTE.

Não me persigas mais.

SECRETARIO.

O mal persigo.

INFANTE.

Um Principe de um Reino tão cativo
ha-de ser, que não faça o que costuma
qualquer do povo seu?

SECRETARIO.

Um Principe antes
ha-de ter seu esprito tão alçado
da terra, que d'ella erga o pensamento
ao baixo povo seu, para que o siga.
Esprito ha-de ser puro; um oiro limpo,
sem fezes, e sem liga; exemplo claro
de fortaleza, mansidão, justiça.

INFANTE.

Vai-te de ante mim, fuge minha ira.

SECRETARIO.

Quem governará uma vontade livre,
que outro senhor não tem, senão a si mesma?

CÔRO I.

Quando Amor nasceu,
nasceu ao mundo vida,
claros raios ao sol, luz ás estrellas.
O ceo resplandeceu,
e de sua luz vencida
a escuridão mostrou as coisas bellas.

Aquella, que subida
'stá na terceira esphéra,
do bravo mar nascida,
amor ao mundo dá, doce Amor géra.

Por Amor se orna a terra
de aguas, e de verdura;
ás arvores dá folhas, cor ás flores.
Em doce paz a guerra,
a dureza em brandura,
e mil odios converte em mil amores.

Quantas vidas a dura
morte desfaz, renova!
A fermosa pintura
do mundo, Amor a tem inteira e nova.

Ninguem tema seus fogos,
e chammas furiosas.

Amor é tudo, Amor suave, e brando,
sujeito a brandos rogos,
as aguas amorosas
dos olhos com brandura está alimpando.

Doiradas, e fermosas
sétas na aljaba soam
á vista perigosas;
mas Amor levam, dos Amores voam.

Amor em doces cantos,
em doces liras soe,
torne seu brando nome este ar sereno.
Fujam mágoas, e prantos,
o lédo prazer voe,
e claro o rio faça, o valle ameno.

No terceiro Ceo toe
d'Amor a doce lira,
e de lá te coroe
Castro, d'oiro o grã deus, que amor inspira.

CÔRO II.

Ante o cego tirano
dos poetas fingido,
cruel desejo e engano,
deus de vã gente, de ocio só nascido,
geral estrago, e dano
da gloriosa fama,

com sua séta, e chamma
tirando a toda parte,
ardendo fica Apollo, ardendo Marte.

Vai pelos ares voando;
arde cá toda a terra,
e d'aljaba soando
o tiro empece mais, quanto o mais erra.
Tem por gloria ir juntando
estados differentes;
os mais convenientes
a Amor, e iguaes aparta.
Nunca de sangue, e lagrimas se farta.

No tenro e casto peito
da moça vergonhosa,
tempo esperando, e geito,
entra com força branda, ou furiosa.
O fogo já desfeito
da cinza outra vez cria,
no frio sangue e fria
neve outra vez se accende.
Dos olhos no meio d'alma o raio prende.

D'ali sua peçonha
vai por todas as veias;
a alma dormente sonha
em seu engano, e tece doces teias;
foge a casta vergonha;
foge a constancia forte;
entra tristeza e morte

debaixo da brandura,
que a razão mata, o coração endura.

Quem a ferrada maça
ao grande Alcides toma?
e quer que assi aos pés jaça
da moça, feito moça, quem leões doma?
Quem da espantosa caça
os despojos famosos
lhe converte em mimosos
trajos de dama, e o uso
das duras mãos lhe põe no brando fuso?

Jupiter transformado
Em tão varias figuras,
deixando desprezado
o Ceo, quão baixo o mostram mil pinturas!
Poderosas branduras,
que assi as almas convertem
no que amam! assi sovertem
por manha a grande alteza
do esprito, que se enterra em vil fraqueza!

De que outro fogo ardia
dos Teucros a alta gloria?
De que deixou historia
tão triste ao mundo Hespanha a forte, e pia?
Amor cego vencia.
Amor cruel matava.
Um moço triumphava
de tanto sangue e vidas,
por um vão appetite mal vendidas.

Ditoso, oh quão ditoso!
quem o seu peito armou
contra o raio furioso,
ou em alçando as chammas o apagou!
Poucos, que Deus amou,
dos Ceos tanto alcançáram;
e mil e mil choráram
do vão contentamento
ao cego Infante seu rependimento.

ACTO II

Sala no castello de Monte-Mór o velho, a poucas leguas de Coimbra.

SCENA I.

EL-REI D. AFFONSO IV, DIOGO LOPES PACHECO, PERO COELHO, E OS CONSELHEIROS.

EL-REI.

Oh sceptro rico, a quem te não conhece
como és fermoso e bello! e quem soubesse
bem quão differente és do que promettes,
n'este chão que te achasse, quereria
pisar-te antes co'os pés, que levantar-te.

Não louvo, os que se louvam por imperios
a ferro, sangue, e fogo destruirem,
o seu proprio estendendo; mas aquelles
(oh! grandeza espantosa, e animo livre!)
que tendo-os muito grandes, os deixáram.

Mór alteza, e mór animo é as grandezas
desprezar, que aceitar; e mais seguro

a si cada um reger, que o mundo todo.
O resplandor d'este oiro nos engana;
e é terra em fim, e terra a mais pesada.

De uma alta fortaleza estamos sempre
postos por atalaias á fortuna;
por escudos do povo, offerecidos
a receber seus golpes; não fazel-o
é usar mal do sceptro; e bem fazèl-o
é não ter vida mais segura e certa,
que quanto estes perigos nos promettem.

CONSELHEIRO.

Gloriosos perigos e trabalhos,
oh! bemaventurados, pois te sobem
da coroa da terra á que nos Ceos
mais rica, mais gloriosa te darão.

PACHECO.

Trabalho mais que estado têm os Reis,
os bons Reis, que não amam assi seus vicios,
como as obrigações de se mostrarem
contra si mais izentos, e mais fortes
que o povo baixo, que anda só apoz elles.
E tal Rei como tu, Senhor, é Rei.
Não te peze de o ser, que virá tempo,
que te hajam mais inveja a esses trabalhos
soffridos com paciencia, e bem regidos,
que a victorias famosas com grã perda
de homens, e de riquezas mal ganhadas.
Isto faz os Reis grandes, dignos sempre
de memoria immortal: soffrer trabalhos
pelo publico bem; quebrar a força

do sangue, e proprio amor; fazer-se exemplo
de todo bem ao povo; atalhar prestes
o mal em seu começo, antes que empeça.
Despois nem forças bastam, nem conselho.
Atalhando a este mal, que te assi agora
tão trabalhado traz, ficarás livre,
rindo-te da fortuna, e de seus medos.

EL-REI.

Vence o mal ao remedio. Vejo o Infante
de todo contra mim determinado,
duro a meus rogos, mais duro aos mandados.
Que estrella foi aquella tão escura?
Que mau signo, ou que fado, ou que planeta?

PACHECO.

Em quanto ha occasião, dura o peccado;
tirando lh'a, eil-o livre.

EL-REI.

Forte coisa
endurecer-se assi aquella vontade!

PACHECO.

Endureça-se a tua com justiça.

EL-REI.

Duro remedio! quanto melhor fora
amor, e obediencia! meus peccados
quão gravemente sobre mim cahíram!

CONSELHEIRO.

Senhor, pera que é mais? moura esta dama.

EL-REI.

Que moura todavia?

PACHECO.

Senhor moura
por salvação do povo.

EL-REI.

Não é crueza
Matar quem não tem culpa?

CONSELHEIRO.

Muitos podes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

EL-REI.

Com que côr, com que causa esta matamos?

PACHECO.

Não basta que em sua morte só se atalham
os males, que sua vida nos promette?

EL-REI.

Ella que culpa tem?

PACHECO.

Dá occasião.

EL-REI.

Oh! que ella não a dá, o Infante a toma.
Que lei ha, que a condemne, ou que justiça?

CONSELHEIRO.

O bem commum, Senhor, tem taes larguezas
com que justifica obras duvidosas.

EL-REI.

Assi que assentais n'isto?

CONSELHEIRO.

N'isto: moura.

PACHECO.

Moura.

EL-REI.

Uma innocente?

CONSELHEIRO.

Que nos mata!

EL-REI.

Não haverá outro meio?

PACHECO.

Não o temos.

EL-REI.

Metel-a-hei n'um Mosteiro.

CONSELHEIRO.

Eil-o queimado.

EL-REI.

Mandal-a hei d'este Reino.

CONSELHEIRO.

O amor voa.
Este fogo, Senhor, não morre logo.
Quanto lhe mais resistes, mais se acende.
Contra Amor que lugar darás seguro?

EL-REI.

Matál-a é cruel meio, e rigoroso.

PACHECO.

Não vês, não ouves quantas vezes morrem
muitos, que o não merecem? Deus o quer,
pelo bem que se segue.

EL-REI.

Deus o faça,
cuja vontade é lei, e a minha não.

PACHECO.

Essa licença têm tambem os Reis,
que em seu lugar estão.

EL-REI.

Antes não tem
licença pera mais, que quanto pede
a razão, e justiça; a mais licença
é barbara crueza de infieis.

PACHECO.

Pois que dirás d'aquelles, que a seus proprios
filhos, e a seu amor não perdoáram
pelo exemplo commum, e bem do povo?

EL-REI.

Aos que o bem fizéram, hei inveja.
Os outros nem os louvo, nem os sigo.

CONSELHEIRO.

Inda que houvesse excessos, todavia
mais males atalháram, dos que deram.

EL-REI.

Não se ha-de fazer mal por quantos bens
se possam d'ahi seguir.

CONSELHEIRO.

Nem bem nenhum,
de que se sigam males.

EL-REI.

Mal parece
Matar uma innocente.

PACHECO.

Não é mal;
que a causa o justifica.

EL-REI.

Antes Deus quer
que se perdoe um mau, que um bom padeça.

CONSELHEIRO.

O bem geral quer Deus que mais se estime,
que o bem particular. Nas circumstancias
se salvam, ou se perdem as obras todas.

EL-REI.

Enganam-se os juizos muitas vezes.

CONSELHEIRO.

Os dos Reis bem fundados Deus inspira.

EL-REI.

Hei medo de deixar nome de injusto.

CONSELHEIRO.

De justo o deixarás, pois te conselhas
co'os juizos dos teus, leaes, prudentes.

PACHECO.

Vês, poderoso Rei, vês co'os teus olhos
a peçonha cruel, que vai lavrando
gerada d'este amor cego; vês quanto
a soberba, e desprezo d'estes homens
contra ti, e contra todos vai crescendo.
Se em tua vida nos tememos tanto,
que faremos despois de tua morte?

Por dar saude ao corpo, qualquer membro
que apodrece, se corta, e pelo são,
porque o são não corrompa. Este teu corpo,
de que tu és cabeça, está em perigo
por esta mulher só; corta-lhe a vida,
atalha esta peçonha, tel-o-has salvo.
Medico, Senhor, és desta Républica.
O poder, que tem o medico n'um corpo,
tens tu sobre nós todos; usa d'elle.

Se te parece em parte isto crueza,
não é crueza aquella, mas justiça,
quando de cruel animo não nasce.
Tua tenção não pecca, em si se salva.
A aspereza dest'obra é medicina,

com que se atalham as mortes, que adiante
muitos ha que por força te mereçam.

A clemencia por certo é grã virtude,
e digna mais dos Reis, que outras virtudes,
pelo perigo grande que ha na ira,
em quem tão livremente assi a executa :
mas com esta o rigor é necessario,
por não vir em desprezo tal virtude.
Este é o que se chamou severidade,
de que tantos exemplos nos deixáram
os famosos Romãos em paz, e guerra.
Estas columnas ambas são tão fortes,
que bemaventurado este teu Reino,
que n'ellas por ti só está tão fundado.
De tal modo, Senhor, has-de usar d'ellas,
que uma vá sempre d'outra acompanhada.
Exemplos tens mostrado de clemencia,
mostra agora, que é bem, severidade.

EL-REI.

A parte, que me cabe d'este feito,
eu a ponho em vós toda, como aquelles,
que, sem odio e temor, sois obrigados
aquillo conselhar-me, que é só justo,
mais serviço de Deus, e bem do povo.
Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo;
vós sois minhas orelhas, que eu não oiço,
minha tenção me leve; ella me salve.
O engano se é vosso, em vós só caia.

PACHECO.

Sobre nós descarrega esse teu pezo.

CONSELHEIRO.

Eu tomo minha parte, ou tomo todo.
Almas, e honras temos; estas ambas
a ti, Senhor, se devem, a ti as damos.
Estas sós te conselham, que bem vês
quão grande mal é nosso o que fazemos.
Aventuramos vidas, e fazendas,
que em odio de teu filho ficam sempre,
sob cujos pés ficamos, e em cuja ira.
Mas percamo-nos nós, percamos vidas;
soffiramos crueis mortes; nossos filhos
fiquem orfãos de nós, e desherdados;
a furia de teu filho nos persiga,
antes que esse tal medo em nós mais possa,
que o que a virtude manda, e te devemos.

EL-REI.

I-vos apparelhar, que em vós me salvo.

SCENA II.

EL-REI, *só*.

Senhor, que estás nos Ceos, e vês as almas,
que cuidam, que propõem, que determinam,
allumia minh'alma, não se cegue
no perigo em que está. Não sei que siga.
Entre medo, e conselho fico agora.
Matar injustamente é grã crueza;
soccorrer o mal público é piedade.
De uma parte receio, mas d'outra ouso.

Oh! filho meu, que queres destruir-me!
Ha dó d'esta velhice tão cansada,
muda essa pertinacia em bom conselho.
Não dês occasião pera que eu fique
julgado mal na terra, e condemnado
ante aquelle grã Juiz, que está nos Ceos.

Oh! vida felicissima, a que vive
o pobre lavrador só no seu campo,
seguro da fortuna, e descansado,
livre d'estes desastres, que cá reinam!
Ninguem menos é Rei, que quem tem Reino.
Ah! que não é isto estado, é cativeiro
de muitos desejado, mas mal crido.
Ua servidão pomposa, um grã trabalho
escondido sob nome de descanso.
Aquelle é Rei sómente, que assi vive
(inda que cá seu nome nunca se oiça);
que de medo, e desejo, e de esperança
livre passa seus dias. Oh! bons dias,
com que eu todos meus annos tão cansados
trocára alegremente!

Temo os homens;
com outros dissimulo; outros não posso
castigar, ou não ouso. Um Rei não ousa;
tambem teme seu povo; tambem soffre.
Tambem suspira, e geme, e dissimula.
Não sou Rei, sou cativo; e tão cativo,
como quem nunca tem vontade livre.
Salvo-me no conselho dos que creio
que me serão leaes; isto me salve,

Senhor, comtigo; ou tu me mostra cedo
remedio mais seguro, com que viva
conforme a este alto estado que me déste;
e me livra algum tempo antes que moura,
de tanta obrigação, pera que possa
conhecer-me melhor, e a ti voar
com mais ligeiras azas do que póde
uma alma carregada de tal pezo.

CÔRO I.

Quanto mais livre, quanto mais seguro
é aquelle estado, que de si contente
não se levanta mais que quanto póde
fugir miserias!

Tristes pobrezas ninguem as deseje.
Cegas riquezas ninguem as procure.
N'um meio honesto está a felicidade
dos ceos, e terra.

Reis poderosos, Principes, Monarchas
sobre nós pondes vossos pés, pisae-nos.
Mas sobre vós está sempre a fortuna.
Nós livres d'ella.

Nos altos muros soam mais os ventos;
as mais crescidas arvores derribam;
as mais inchadas velas no mar rompem;
caem móres torres.

Pompas, e ventos, titulos inchados
não dão descanso, nem mais doce sono.
Antes mais cansam, antes em mais medo
poem, e perigo.

Como se volvem no grã mar as ondas,
assi se volvem estes peitos cheios,
e nunca fartos, nunca satisfeitos,
nunca seguros.

Se eu me podesse á minha vontade
formar meus fados, mais não quereria
que meãmente segurar a vida
co'o necessario.

Quem mais deseja, muitas vezes se acha
triste, enganado; poucas vezes dorme,
temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
temendo os homens.

Rei poderoso, tu porque desejas
nunca ter Reino? porque essa coroa
chamas pesada? pelo peso d'alma,
que te carrega.

CÔRO II.

Quão poucas vezes vimos
tardar a grã justiça,
que não descesse sobre

aquelles livres filhos,
que contra a natural
obrigação, e lei
negáram obediencia
áquelles, que os geráram!

Peccado torpe, e feio
ante Deus, ante os homens,
mais pera hyrcanos tigres,
mais pera liões bravos,
que razão não conhecem,
que para quem só d'ella,
e para ella é formado.

Aquelle amor tão grande
dos paes, com que te criam
co'o sangue do seu peito,
que fereza ha tamanha,
que tal brutalidade,
que contr'elle te mova?

Rei Dom Afonso, Rei,
lembra-te de ti mesmo.
Aquelles erros feios,
com que tu perseguiste
teu pae tão cruamente,
lhe dão de ti vingança
por outro tu, teu filho,
que te desobedece.

Viram-se as Reaes Quinas
pelo mesmo Deus dadas

áquelle Rei primeiro,
de que herdaste esse nome
com esse sceptro rico,
levantadas por ti,
não contra cinco Reis,
com cujo sangue as houve,
mas contra El-Rei teu pae,
mas contra teus vassallos.

Viram-se as Reaes Quinas
crueis contra si mesmas
em bravo fogo acesas
contra uma parte, e outra,
de que tão cruelmente
corria um mesmo sangue!

Quantas vezes a santa
rainha tua mãe
se metteu n'esse fogo
por te salvar a vida?
Por ella era apagado;
por ti tornava a arder.
Agora ardes n'est'outro.
Justiça de Deus grande!

ACTO III

Terrado no paço de Santa Clara. Corre-lhe aos pés o Mondego. É manhã.

SCENA I.

CASTRO, AMA e os filhinhos de D. IGNEZ.

CASTRO.

Nunca mais tarde para mim que agora
amanheceu. Oh! sol claro, e fermoso
como alegras os olhos, que esta noite
cuidáram não te ver! Oh! noite triste!
Oh! noite escura quão comprida foste!
Como cansaste est'alma em sombras vãs!
Em medos me trouxeste taes, que cria
que alli se me acabava o meu amor,
alli a saudade da minh'alma,
que me ficava cá! E vós, meus filhos,
meus filhos tão fermosos, em que eu vejo
aquelle rosto e olhos do pae vosso,
de mim ficaveis cá desamparados.
Oh! sonho triste, que assi me assombraste!

Tremo inda agora, tremo. Deus afaste
de nós tão triste agoiro. Deus o mude
em mais ditoso fado, em melhor dia.
Crescereis vós primeiro, filhos meus,
que chorais de me ver 'star-vos chorando.

Meus filhos tão pequenos! ai! meus filhos,
quem em vida vos ama, e teme tanto,
na morte que fará? mas vivereis,
crescereis vós primeiro, que veja eu
que piseis este campo, em que nascestes,
em fermosos ginetes arraiados,
quaes vosso pae vos guarda, com que o rio
passeis a nado a ver esta mãe vossa;
com que canseis as feras; e os imigos
vos temam de tão longe, que não ousem
nomear-vos sómente. Então me venham
buscar meus fados; venha aquelle dia
que me está esperando; em vossos olhos
ficarei eu, meus filhos; vossa vida
tomarei eu por vida em minha morte.

AMA.

Que choros, e que gritos, Senhora, eram
os que te ouvi esta noite?

CASTRO.

Oh! ama minha,
vi a morte esta noite crua, e fera.

AMA.

Entre sonhos te ouvi chorar tão alto,
que de medo, e de espanto fiquei fria.

CASTRO.

Inda agora minh'alma se entristece,
assombrada dos medos em que estive.
Cansada de cuidar na saudade,
que sempre leva, e deixa aqui o Infante,
adormeci tão triste, que a tristeza
me fez tomar o sono mais pesado
do que nunca me lembra que tivesse.
Então sonhei que estando eu só n'um bosque
escuro, e triste, de uma sombra negra
cuberto todo, ouvia ao longe uns brados
de féras espantosas, cujo medo
me arripiava toda, e me impedia
a lingua, e os pés; eu co'alma quasi morta,
sem me mover, meus filhos abraçava.
N'isto um bravo leão a mim se vinha
co'a catadura féra, e logo manso
para traz se tornava; mas em se indo,
não sei d'onde sahiam uns bravos lobos,
que remetendo a mim com suas unhas
os peitos me rasgavam. Então alçava
vozes aos Ceos, chamava meu Senhor,
ouvia-me, e tardava; e eu morria
com tanta saudade, que inda agora
parece que a cá tenho; e est'alma triste
se me arrancava tão forçadamente,
como quem ante tempo assi deixava
seu lugar, e deixava para sempre
(que este na minha morte era o mór mal)
a doce vista de quem me ama tanto!

AMA.

Ai! e como estaria essa tua alma

tão morta! Deus te guarde. Mas ás vezes
o pensamento triste traz visões
escuras, e medonhas; do cuidado,
com que, Senhora, andaste, e adormeceste,
se te representáram esses medos.

CASTRO.

Chóro d'aquella dor, d'aquella mágoa,
que ao meu Infante déra a minha morte.

AMA.

Para que choras sonhos?

CASTRO.

Não sei que hei:
não sei que peso é este, que cá tenho
assi no coração, que me carrega.

Soía ser, que quando só ficava,
como agora me vejo, em meu Senhor
eram todos meus sonhos tão alegres,
que desejava a noite, pera n'ella
me lograr dos enganos, que com elle
se me representavam; alli o via,
alli cria que o tinha, e que falava
comigo, e eu com elle; e muitas vezes
muitas palavras, que elle em se partindo
me dizia chorando, alli chorando
m'as tornava a dizer; e eu o detínha
apertado em meus braços, senão quando
acordava abraçada só comigo.
Aquelles meus enganos me sostinham
das noites pera os dias.

E esta noite
perdia estes enganos com a vida.

AMA.

Outro dia verás, que te amanheça
mais claro, e mais ditoso : em que a coroa
que te espera, terás sobre esses teus
cabellos d'oiro. Alegra-te entre tanto.
Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.

CASTRO.

Não sei que est'alma vê, que tanto teme.

AMA.

A imaginação é perigosa.

CASTRO.

Que fará quem não póde fugir d'ella?

AMA.

Cuidar no bem lança a tristeza fóra.

CASTRO.

Faze me o bem seguro, que eu não vejo.

AMA.

Porque temes o mal, de que estás livre?

CASTRO.

Porque temo perder o bem, que espero.

AMA.

Temer de longe o mal, é mal dobrado.

CASTRO.

Como estará alma leda em culpa sua?
Julgam-me mal os homens, e a Deus temo.

AMA.

Dos secretos, Senhora, que parecem
ao mundo (que os não vê, e do de fóra
julga sómente) feios, maus, e torpes,
basta a só consciencia, basta tanto,
que com esta ha-de ter Deus toda a conta.
Esta, Senhora, é boa prova d'alma.

Pois esta está segura no teu peito.
Se peccado houve já, já está purgado
com esse animo firme, com que já ambos
estais confederados santamente.
O tempo Deus trará com mór seguro
do que vos este dá, para mais claro
o mundo conhecer quão grã perigo
é as almas julgar, que só Deus vê.
Entre tanto contente espera, e vive.
Vive, para que viva quem tanto ama
esta tua vida, em que toda está a sua.

CASTRO.

Nunca o tanto meus olhos desejáram.
Nunca meu pensamento o imaginou
de mim tão esquecido. Deus o guarde.
Deus te guarde, Senhor, que me parece
que algum mal te detem; algum mal grande!
Arranca-se a minh'alma de mim mesma,
parece que voar quer onde estás.
Parece que lhe foges, que me deixas.
Ah! pensamentos tristes, pensamentos
escuros, carregados! i-vos! i-vos!

AMA.

Ah! não te agoires mal! que melhor fado
o teu será, Senhora; quem tristeza
de sua vontade chama, mal a póde
lançar dē si, que ás vezes na alegria
entra tão furiosa, que a destrue.
Olha para estes teus doces penhores
tão seguros, e certos d'esse amor,
de que forão gerados; em seus olhos
alegra ora esses teus, que assi desfazes

com essas crueis lagrimas; não chores.
Danas esse teu rosto tão fermoso,
filha, com tantas lagrimas; não chores;
não offendas teus olhos; ah! não vejam
n'elles sinaes tamanhos de tristeza
aquelles, cuja gloria é vêr-te alegre.

Olha as aguas do rio como correm
pera onde está tão saudosamente.
De lá te vê, Senhora; ellas lhe lembram
este aposento seu, ou da sua alma.

Estes campos fermosos, que parecem
debaixo d'este Ceo doirado, e bello,
quem os verá, que logo não se alegre?

Ouve a musica doce, com que sempre
te vêm a receber os passarinhos
por cima d'estas arvores fermosas!

Cuida, Senhora, de lograres isto
em algum tempo com dobrado gosto,
segura da fortuna, e de seus medos,
senhora do teu bem, e d'esta terra.

SCENA II.

CASTRO, AMA, CORO e os filhinhos de D. IGNEZ.

CÔRO.

Tristes novas, crueis,
novas mortaes te trago, Dona Ignez.
Ah! coitada de ti, ah! triste! triste
que não mereces tu a cruel morte,
que assi te vem buscar.

AMA.

Que dizes? falla.

CÔRO.

Não posso. Chóro.

CASTRO.

De que chóras?

CÔRO.

Vejo
esse rosto, esses olhos, essa...

CASTRO

Triste
de mim, triste! que mal? que mal tamanho
é esse, que me trazes?

CÔRO.

É tua morte.

CASTRO.

É morto o meu Senhor? o meu Infante?

CÔRO.

Ambos morrereis cedo.

CASTRO.

Oh! novas tristes!
Matam-me o meu amor? porque m'o matam?

CÔRO.

Porque te matarão. Por ti só vive;
por ti morrerá logo.

AMA.

Deus não queira
tal mal, tal desventura.

CÔRO.

Vem mui perto;
não te tardará muito; põe-te em salvo.
Fuge coitada, fuge, que já soam
as duras ferraduras, que te trazem
correndo a morte triste. Gente armada
correndo vem, Senhora, em busca tua.
El-Rei te vem buscar, determinado
de em ti vingar sua furia. Vê se pódes
salvar tambem teus filhos, não lhe empeça
parte de teus maus fados.

CASTRO.

Oh! coitada!
Só! triste! perseguida! ai! meu Senhor,
onde estás, que não vens? El-Rei me busca?

CÔRO.

El-Rei.

CASTRO.

Porque me mata?

CÔRO.

Rei cruel!
Crueis os que o movêram a tal crueza!
Por ti vem perguntando. Esses teus peitos

vem só buscar, para com duro ferro
serem furiosamente traspassados.

AMA.

Cumpriram-se teus sonhos.

CASTRO.

Sonhos tristes!
Sonhos crueis! porque tão verdadeiros
me quizestes sair? ó esprito meu!
Como não creste mais o mal tamanho
que crias, e sabias? Ama, fuge.
Fuge d'esta ira grande, que nos busca.
Eu fico, fico só, mas innocente.
Não quero mais ajudas; venha a morte;
moura eu, mas innocente. Vós, meus filhos,
vivereis cá por mim; meus tão pequenos,
que cruelmente vêm tirar de mim!
Soccorra me só Deus, e soccorrei me
vos, moças de Coimbra. Homens, que vedes
esta innocencia minha, soccorrei me.
Meus filhos, não choreis; eu por vós chóro.
Lograe-vos d'esta mãe, d'esta mãe triste,
em quanto a tendes viva. E vós, amigas,
cercae-me em roda todas, e podendo,
defendei-me da morte, que me busca.

CÔRO I.

Teme teus erros, mocidade cega.
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
que assi te deixa correndo, e voando
com suas azas.

Oh! quanto uma hora, quanto um só momento
breve algum'hora quererás debalde!
Poupa o presente, guarda-o, enthesoira-o;
tel-o-has seguro.

Todo oiro, e prata, pedras preciosas,
a que correndo vão todos perdidos,
por agua, e fogo, não temendo a morte
cevar nas veias,

nunca podéram, nunca poderão
comprar um ponto d'este tempo livre,
que assi atraz deixa Principes, Senhores,
como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge.
Não valem forças, não val gentileza.
Por tudo passa, tudo calca, e pisa.
Ninguem o força.

Com sua foice, cruel vai cortando
vidas a moços, trabalhos a velhos.
Só boa fama, só virtude casta
pode mais que elle.

Esta se salva sómente em si mesma;
esta o esprito segue, sempre vive;
esta seguindo vencerás o tempo;
rir-te-has da morte.

Vive pois, vive, mocidade cega,
vive co'o tempo, d'elle te enriquece.
D'elle só te arma contra aquelle dia
do grande aperto.

CÔRO II.

Apoz amor vem morte,
ou da vida, ou da honra,
e da alma juntamente,
que em noite escura põe,
sem ver, o claro dia
da razão, que lhe diz
os males, e perigos,
em que este amor acaba.
Oh! Principe tão cego!

Oh! Principe tão duro!
Que cerraste os teus olhos
áquelles bons conselhos,
que cerraste as orelhas
áquelles bons avisos!
Tu dormes, ou passeias;
e pelos campos vem
do Mondego correndo
a cruel morte em busca
da tua doce vida,
do teu amor tão doce.

Cruel morte, que vens
buscar esta innocente,
ha piedade, e mágoa
dos seus fermosos olhos,
do seu fermoso rosto,

não desates um nó
tão firme, com que dois
corações ajuntou
amor tão estreitamente.

Crueza farás grande
partir uns olhos d'outros ;
um' alma assi d'outr'alma,
e derramar o sangue,
o sangue tão fermoso
do seu fermoso corpo.
Doam-te aquelles peitos
de marfim, ou de neve.

Doam-te aquellas faces
de lirios, e de rosas,
que já perdem sua cor
pela falta do sangue,
que no coração junto
lhes tens frio, e coalhado
com medo do teu nome.

Aquella alva garganta
de cristal, ou de prata,
que sustem a cabeça
tão alva, e tão doirada,
porque cortar a queres
com golpe tão cruel?
E derramar nos ares
aquelle esprito digno
do corpo em que vivia !

Ha piedade, e mágoa
de tanta fermosura,
d'aquelle triste Infante,
e d'estes seus penhores.
Detem-te, em quanto chega,
detem-te, em quanto tarda.
Corre, ó Infante, corre;
soccorre ao teu amor.
Ai! tardas! saberás
como o Amor sempre acaba

ACTO IV

Sala no paço de Santa Clara.

SCENA I.

EL-REI, PACHECO, COELHO, e o CORO;
logo depois D. IGNES CASTRO, que vem entrando.

PACHECO.

A presteza em tal caso, é bom seguro;
e piedade, Senhor, será crueza.
Cerra os olhos a lagrimas, e mágoas,
que te podem mover d'essa constancia.

EL-REI.

Esta é, que a mim se vem! oh! rosto digno
de mais ditosos fados!

CÔRO.

Eis a morte
vem. Vai te entregar a ella; vai depressa,
terás que chorar menos.

CASTRO.

Vou, amigas;
acompanhae-me vós, amigas minhas,

ajudae-me a pedir misericordia.
Chorae o desemparo d'estes filhos
tão tenros, e innocentes.

Filhos tristes,
vedes aqui o pae de vosso pae.
Eis aqui vosso avô, nosso senhor;
beijae-lhe a mão, pedi lhe piedade
de vós, d'esta mãe vossa, cuja vida
vos vem, filhos, roubar.

CÔRO.

Quem póde ver-te.
Que não chóre, e se abrande?

CASTRO.

Meu senhor,
esta é a mãe de teus netos. Estes são
filhos d'aquelle filho, que tanto amas.
Esta é a quella coitada mulher fraca,
contra quem vens armado de crueza.
Aqui me tens.

Bastava teu mandado
pera eu segura, e livre te esperar,
em ti e em minh'innocencia confiada.
Escusáras, Senhor, todo este estrondo
de armas, e Cavalleiros, que não foge,
nem se teme a innocencia da justiça.
E quando meus peccados me accusáram,
a ti fora buscar; a ti tomára
por vida em minha morte; agora vejo
que tu me vens buscar.

Beijo estas mãos
reaes tão piedosas, pois quizeste
por ti vir-te informar de minhas culpas.
Conhece-m'as, Senhor, como bom Rei,
como clemente, e justo, e como pae
de teus vassallos todos, a quem nunca
negaste piedade com justiça.

Que vês em mim, Senhor? que vês em quem
em tuas mãos se mete tão segura?
Que furia, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra imigos vens, que cruelmente
te andassem tuas terras destruindo
a ferro e fogo.

Eu tremo, Senhor, tremo
de me ver ante ti, como me vejo.
Mulher, moça, innocente, serva tua,
tão só, sem por mim ter quem me defenda;
que a lingua não se atreve, o esprito treme
ante tua presença; porém possam
estes moços, teus netos, defender-me.
Elles fallem por mim, elles sós ouve:
mas não te fallarão, Senhor, com lingua,
que inda não podem; fallão-te co'as almas,
com suas idades tenras, com seu sangue,
que é teu, te fallarão; seu desemparo
te está pedindo vida; não lh'a negues.
Teus netos são, que nunca téqui viste:
e vêl-os em tal tempo, que lhes tolhes
a gloria, e o prazer, que em seus espritos
lhe está Deus revelando de te verem.

EL-REI.

Tristes foram teus fados, Dona Ignez;
triste ventura a tua!

CASTRO.

Antes ditosa,
Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
em tempo tão estreito; põe-n-os ora,
como nos outros soes, n'esta coitada,
enche-os de piedade com justiça.
Vens-me, Senhor, matar? porque me matas?

EL-REI.

Teus peccados te matam; cuida n'elles.

CASTRO.

Peccados meus? ao menos contra ti
nenhum, meu Rei, me accusa. Contra Deus
me podem accusar muitos; mas Elle ouve
as vozes da alma triste, em que lhe pede
piedade. Oh! Deus justo! Deus benigno,
que não mata, podendo com justiça,
mas dá tempo de vida, e espera tempo
só pera perdoar! assi o fazes,
assi o fizeste sempre; pois não mudes
agora contra mim teu bom costume.

EL-REI.

Tua morte me estão outras muitas vidas
pedindo com clamores.

PACHECO.

Foge o tempo.

CASTRO.

Oh! triste, triste! meu Senhor não me ouves?
Socega tua furia, não a sigas.
Nunca conselhou bem; nunca deu tempo

de remedio a algum mal a ira. Sempre
traz arrependimento sem remedio.
Ouve minha razão, minha innocencia.

Culpa é, Senhor, guardar amor constante
a quem m'o tem? se por amor me matas,
que farás ao imigo? amei teu filho,
não o matei. Amor amor merece.
Estas são minhas culpas; estas queres
com morte castigar? Em que a mereço?

PACHECO.

Dona Ignez, contra ti é a sentença dada.
Despide essa tu'alma d'esse corpo
em bom estado, e seja prestesmente;
não tenhas que chorar mais, que só a morte.

CASTRO.

Oh! meus amigos, porque não tirais
El-Rei de ira tamanha? a vós me vou,
em vós busco soccorro; ajudae-me ora
pedir-lhe piedade. Oh! Cavalleiros
que as tristes promettestes defender,
defendei-me, que mouro injustamente.
Se me não defendeis, vós me matais.

COELHO.

Por mágoa d'essas lagrimas te rogo
que este tempo, que tens, inda que estreito,
tomes pera remedio da tua alma.
O que El-Rei em ti faz, faz com justiça.
Nós o trazemos cá, não com tenção
de sermos em ti crus; mas de salvarmos
este Reino, que pede esta tua morte.
Que nunca, oh! Deus quizera que tal meio

nos fôra necessario. A El-Rei perdoa,
que crueza não faz; se a nós fazemos
por ti ante o grã Deus será pedida
vingança justa, se te não parece
que perdão merecemos nas tenções,
com que El-Rei conselhamos. Oh! ditosa,
Dona Ignez, tua morte! pois só n'ella
se ganha ua geral vida a todo Reino.
Bem vês por tua causa como estava,
além d'esse peccado, em que te tinha
o Infante forçada (que assi o cremos);
mas pois pera remedio é necessaria
a morte sua, ou tua, é necessario
que tu soffras a tua com paciencia,
que isso te ficará por maior gloria
que aquella, que esperavas cá do mundo.
E quanto mais injusta te parece,
tanto mais justa gloria lá terás,
onde tudo se paga por medida.

Nós, que a teu parecer mal te matamos,
não viveremos muito: lá nos tens
antes de muito tempo ante esse throno
do grã Juiz, onde daremos conta
do mal, que te fazemos.

Não ouviste
já das Romãs, e Gregas com que esforço
morrêram muitas só por gloria sua?
Morre pois, Castro, morre de vontade,
pois não póde deixar de ser tua morte.

CASTRO.

Triste pratica, triste! crú conselho
me dás. Quem o ouvirá? mas pois já mouro,
ouve-me, Rei, Senhor! ouve primeiro
a derradeira voz dest'alma triste.
Co'estes teus pés me abraço, que não fujo.
Aqui me tens segura.

EL-REI.

Que me queres?

CASTRO.

Que te posso querer, que tu não vejas?
Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes;
a causa que te move a tal rigor.
Dou tua consciencia em minha prova.
Se os olhos de teu filho se enganáram
com o que víram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe àquelle amor com outro amor,
fraqueza costumada em todo estado.
Se contra Deus pequei, contra ti não.
Não soube defender-me, dei-me toda.
Não a imigos teus, não a traidores,
a que alguns teus segredos descubrisse
confiados a mim, mas a teu filho
Principe deste Reino. Vê que forças
podia eu ter contra tamanhas forças!

Não cuidava, Senhor, que te offendia;
defenderas-m'o tu, e obedecêra;
inda que o grande amor nunca se força.
Igualmente foi sempre entre nós ambos;
igualmente trocámos nossas almas.
Esta que te ora falla, é de teu filho;

em mim matas a elle; elle pede
vida para estes filhos concebidos
em tanto amor!

Não vês como parecem
aquelle filho teu? Senhor meu, matas
todos, a mim matando; todos morrem.
Não sinto já, nem chóro minha morte,
inda que injustamente assi me busca,
inda que estes meus dias assi corta
na sua flor indigna de tal golpe;
mas sinto aquella morte triste, e dura
pera ti, e pera o Reino, que tão certa
vejo n'aquelle amor, que esta me causa.
Não viverá teu filho; dá lhe vida,
Senhor, dando-m'a a mim, que eu me irei logo
onde nunca appareça, mas levando
estes penhores seus, que não conhecem
outros mimos e tetas senão estas,
que cortar-lhe ora queres. Ai! meus filhos!
chorae! pedi justiça aos altos Ceos!
Pedi misericordia a vosso avô
contra vós tão cruel, meus innocentes!

Ficareis cá sem mim, sem vosso pae,
que não poderá ver-vos, sem me ver!

Abraçae-me, meus filhos, abraçae-me!
Despedi-vos dos peitos que mamastes!
Estes sós foram sempre; já vos deixam.

Ah! já vos desempara esta mãe vossa!

Que achará vosso pae, quando vier?
Achar vos-ha tão sós, sem vossa mãe;
não verá quem buscava; verá cheias
as casas e paredes de meu sangue.

Ah! vejo-te morrer, Senhor, por mim.

Meu Senhor, já que eu mouro, vive tu.
Isto te peço, e rogo: vive! vive!
Empara estes teus filhos, que tanto amas;
e pague minha morte seus desastres,
se alguns os esperavam!

Rei, Senhor,
pois podes soccorrer a tantos males,
soccorre-me! perdoa-me! Não posso
fallar mais. Não me mates, não me mates.
Senhor não t'o mereço.

EL-REI.

Oh! mulher forte!
Venceste-me, abrandaste-me. Eu te deixo.
Vive, em quanto Deus quer.

CÔRO.

Rei piedoso
vive tu, pois perdoas; moura aquelle,
que sua dura tenção leva adiante.

SCENA II.

PACHECO, EL-REI, COELHO.

PACHECO.

Oh ! Senhor, que nos matas ! que fraqueza
essa é indigna de ti? de um real peito?
Vence-te uma mulher ! e estranhas tanto
vencer assi teu filho, que já agora
terá desculpa honesta? Não te esqueças
da tenção tão fundada, que te trouxe.

EL-REI.

Não póde o meu esprito consentir
em crueza tamanha.

PACHECO.

Mór crueza
fazes agora ao Reino: agora fazes
o que faz a pouca agua em grande fogo.
Agora mais se acende, arderá mais
o fogo de teu filho. A que vieste?
A pôr em mór perigo teu estado?

EL-REI.

Vejo aquella innocente, chora-me a alma.

COELHO.

O animo Real tão firme e forte
ha de ser no que faz, que nunca possa
debaixo do ceo nada pervertel-o.

A justiça, Senhor, pinta-se armada
de espada aguda, contra cujos fios

não possa haver brandura, nem dureza.
Cada um d'estes extremos é grã vicio
Em quem é pae commum de todo um Reino.

Despois da conta feita, e razões claras,
despois de taes conselhos em que viste
quão necessaria era esta tua vinda,
quão necessario o effeito, a que vieste,
se muda assi, Senhor, tão levemente
por lagrimas teu animo constante?
Antes não commettêras, nem cuidáras
commetter isto, porque não vieras
accrescentar o mal, que agora vejo
que fica já de todo sem remedio.

EL-REI.

Não vejo culpa, que mereça pena.

PACHECO.

Inda hoje a viste; quem t'a esconde agora?

EL-REI.

Mais quero perdoar, que ser injusto.

COELHO.

Injusto é quem perdoa a pena justa.

EL-REI.

Peque antes n'esse extremo, que em crueza.

COELHO.

Não se consente o Rei peccar em nada.

EL-REI.

Sou homem.

COELHO.

Porém Rei.

EL-REI.

O Rei perdoa.

PACHECO.

Nem sempre perdoar é piedade.

EL-REI.

Eu vejo uma innocente, mãe de uns filhos
de meu filho, que mato juntamente.

COELHO.

Mas dás vida a teu filho, salvas-lhe a alma;
pacificas teu Reino; a ti seguras.
Restitues-nos honra, paz, descanso.
Destrues a traidores; cortas quanto
sobre ti, e teu neto se tecia.
Offensas, Senhor, públicas não querem
perdão, mas rigor grande. D'aqui pende
ou remedio de um Reino, ou quéda certa.
Abre os olhos ás causas necessarias,
que te mostrámos sempre, e que tu vias;
cuida no que emprendeste, e no que deixas.
O odio de teu filho contra ti,
contra nós tal será, como qual fôra,
fazendo-se o que deixas por fazer.
A ti ficam seus filhos, ama-os, honra-os.
Assi lhe amansarás grã parte da ira.
Senhor, por teu estado te pedimos;
polo amor do teu povo, com que te ama;
polo com que sabemos que nos amas;
por mais vida, e mais honra de teu filho,
Principe nosso; e por aquelle seu
Fernando unico herdeiro, cuja vida
te está pedindo justamente a morte
d'esta mulher; em fim por honra tua,
pola cónstancia firme, com que sempre
acudiste aos remedios, e á justiça,

que a não deixes agora; que te movam
mais estas razões fortes, que essa mágoa
injusta, que despois chorarás mais,
perdendo esta occasião, que Deus te mostra.

EL-REI.

Eu não mando, nem vedo. Deus o julgue.
Vós outros o fazei, se vos parece
justiça assi matar quem não tem culpa.

COELHO.

Essa licença basta; a tenção nossa
nos salvará co'os homens, e com Deus.

CÔRO.

Em fim venceu a ira, cruel imiga
de todo bom conselho. Ah! quanto podem
palavras, e razões em peito brando!
eu vejo teu esprito combatido
de mil ondas, ó Rei. Bom é teu zelo;
o conselho leal; cruel a obra.

EL-REI.

Por crueza julgais o que é justiça?

CÔRO.

Crueza a chamará toda outra idade.

EL-REI.

Minh'alma innocente é; conselho sigo.

CÔRO.

Deus te julgue. Eu não ouso. Porém temo.

EL-REI.

Que temes?

CÔRO.

Este sangue, que aos Ceos brada.
Não culpamos a ti; nem desculpamos
as descortezes mãos de teus Ministros,

constantes no conselho, crús na obra.
Ai! vês que crueldade? oh! nunca viste
mais innocente sangue! e como soffres
ó Rei tal injustiça? ouves os brados
da innocente moça? ouves os chóros
dos innocentes filhos? triste Infante!
Alli passam tua alma teus vassallos,
de teu sangue os crueis tingem seus ferros.

EL-REI.

Afronta-se minha alma. Oh! quem pudéra
Desfazer o que é feito!

CÔRO I.

Já morreu Dona Ignez; matou-a Amor;
Amor cruel! se tu tiveras olhos,
tambem morrêras logo. Oh! dura morte
como ousaste matar aquella vida?
Mas não mataste; melhor vida, e nome
lhe déste, do que cá tinha na terra.

Este seu corpo só gastará a terra,
por quem estará chorando sempre o Amor,
honrando-se sómente do seu nome.
Mas quem a quizer ver com outros olhos,
outro nome, outra gloria, outra honra, e vida
lhe achará, contra a qual não póde a morte.

Aquelles matas tu sómente, ó morte,
cujo nome se esquece; e a quem na terra
fica de todo sepultada a vida.

Mas esta viverá, em quanto o Amor
entre os homens reinar, e sempre os olhos
de todos a verão com melhor nome.

Real Amor lhe dará Real nome.
Oh! que coroa lhe aparelha a morte!
Despois que lhe cerrou os claros olhos
indignos de ante tempo irem á terra,
sem quem só fica, e desarmado, Amor;
sem quem quão triste, Infante, a tua vida!

Tu és o que morreste; aquella vida
era tua; já agora aquelle nome
que tão doce te fez sempre o Amor,
triste t'o tem tornado a cruel morte.
Chorando a andarão sempre na terra
té que nos Ceos a vejam esses teus olhos.

Nem haverá já nunca no mundo olhos,
que não chorem de mágoa de uma vida
assi cortada em flor. E quem a terra
fòr ver, em que estiver escrito o nome
d'ella, dirá: Aqui está chorando a morte,
de mágoa do que fez aqui o Amor.

Amor, quanto perdeste n'uns sós olhos,
que debaixo da terra poz a morte,
tanto elles mais terão de vida e nome!

CÔRO II.

Choremos todos a Tragedia triste,
que esta crua morte deixará no mundo.
Já aquelle esprito, que tão bem vivia
em ti, ó Castro, vai aos Ceos voando.
Já aquelle sangue purpureo, innocente
forçadamente desempara os membros,
a que elle dava aquella cor, e graça,
que a natureza mais perfeitamente
formar pudéra n'esta, ou outra idade.

Assi a região, que vê nascer o sol,
como a região, onde o sol se esconde,
assi aquella, que ao fervente Cancro,
como aquell'outra, que á fria mór Ursa
estão sogeitas, esta mágoa chorem.

Jaz a coitada no seu sangue envolta,
aos pés dos filhos, pera quem fugia.
Não lhe valeram, que não tinham forças
para tomarem os agudos ferros,
com que seus peitos tão irosamente
traspassar viam aquelles crueis.

Oh! mãos tão duras, oh! corações duros,
como pudestes fazer tal crueza?
outras mãos venham, que vo-las arranquem
com mór crueza.

Que duros Getas, mas que liões, que ussos
não amansára tão fermoso rosto?
Que ira tão brava não tornára branda
uma só mágoa de tão doce boca?
Que mãos tão cruas não atáram logo
aquelles crespos seus ricos cabellos?
Aquelles olhos em que pedras duras
não imprimíram brandura? oh! que mágoa!
oh! que crueza tão féra, e tão bruta!
Moça innocente por amor só morta,
com gente armada, como forte imigo.

Tu, Deus, que o viste, ouve o clamor justo
d'aquelle sangue, que te está pedindo
crua vingança.

ACTO V

Logar ermo e selvatico entre montanhas nos arredores de Coimbra.

SCENA I.

O INFANTE, só.

Outro ceo, outro sol me parece este
differente d'aquelle, que lá deixo
d'onde parti, mais claro, e mais fermoso.
Onde não resplandecem os dois claros
olhos da minha luz, tudo é escuro.

Aquelle é só meu sol, a minha estrella,
mais clara, mais fermosa, mais luzente
que Venus, quando mais clara se mostra.
D'aquelles olhos se allumia a terra,
em que sombra não ha, nem nuvem escura.
Tudo alli é tão claro, que té a noite
me parece mais dia, que este dia.
A terra alli se alegra, e reverdece
de outras flores mais frescas, e melhores.

O ceo se ri, e se doira differente
do que n'este horizonte se me mostra.
O soberbo Mondego com tal vista
parece que ao grã mar vai fazer guerra.
De outros ares respira alli a gente,
que fazem immortaes os que lá vivem.

Oh! Castro! Castro, meu amor constante!
Quem me de ti tirar, tire-me a vida.
Minh'alma lá m'a tens, tenho cá a tua.
Morrendo ua d'estas vidas, ambas morrem.

E havemos de morrer! póde vir tempo
que ambos nos não vejamos? nem eu possa,
indo buscar-te, ó Castro, achar-te lá?
nem achar os teus olhos tão fermosos,
de que os meus tomam luz, e tomam vida?
não posso cuidar n'isto, sem os olhos
mostrarem a saudade, que me fazem
tão tristes pensamentos. Viveremos
muitos annos, e muitos; viveremos
sempre ambos n'este amor tão doce e puro.
Rainha te verei d'este meu Reino,
d'outra nova coroa coroada,
differente de quantas coroáram
ou de homens ou mulheres as cabeças.
Então serão meus olhos satisfeitos;
então se fartará da gloria sua
est'alma, que anda morta de desejos.

SCENA II.

O INFANTE, e um MENSAGEIRO.

MENSAGEIRO.

Oh! triste nova, triste mensageiro
tens ante ti, Senhor.

INFANTE.

Que novas trazes?

MENSAGEIRO.

Novas crueis; cruel sou contra ti,
pois me atrevi trazêl-as. Mas primeiro
socega teu esprito, e n'elle finge
a mór desaventura, que te agora
podia acontecer; que grã remedio
é ter o esprito armado á má fortuna.

INFANTE.

Tens-me suspenso. Conta, que acrescentas
o mal com a tardança.

MENSAGEIRO.

É morta Dona Ignez, que tanto amavas.

INFANTE.

Ó Deus! ó Ceos! que contas? que me dizes?

MENSAGEIRO.

De morte tão cruel, que é nova mágoa
contar-ta; não me atrevo.

INFANTE.

É morta?

MENSAGEIRO.

Si.

INFANTE.

Quem m'a matou?

MENSAGEIRO.

Teu pae, com gente armada
foi hoje salteal-a. A innocente,
que tão segura estava, não fugiu.
Não lhe valeu o amor, com que te amava;
não teus filhos, com quem se defendia;
não aquella innocencia, e piedade,
com que pediu perdão, aos pés lançada
d'El-Rei teu pae, que teve tanta força
que lh'o deu já chorando. Mas aquelles
crueis Ministros seus, e Conselheiros,
contra aquelle perdão tão merecido
arrancando as espadas, se vão a ella
traspassando-lhe os peitos cruelmente;
abraçada co'os filhos a matáram,
que inda ficáram tintos do seu sangue.

INFANTE.

Que direi? que farei? que clamarei?
Oh! fortuna! oh! crueza! oh! mal tamanho!
Oh! minha Dona Ignez, oh! alma minha
morta me és tu? morte houve tão ousada
que contra ti pudesse? oiço-o, e vivo?
Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua!
Morte céga, mataste minha vida,
e não me vejo morto? abra-se a terra;
sorva-me n'um momento; rompa-se a alma;
aparte-se de um corpo tão pezado,
que m'a detem por força.

Ah! minha Dona Ignez, ah! ah! minh'alma!
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,
minh'esperança só, minh'alegria!...
mataram-te? mataram-te? tua alma
innocente, fermosa, humilde, e santa,
deixou já seu lugar? ah! de teu sangue
se enchêram as espadas! de teu sangue?
Que espadas tão crueis, que crueis mãos!
Ah! como se movêram contra ti?
Como tiveram forças, como fios
aquelles duros ferros contra ti?
Como tal consentiste, Rei cruel?
imigo meu, não pae; imigo meu!
porque assi me mataste?

Oh! liões bravos!
Oh! tigres, oh! serpentes! que tal sede
tinheis d'este meu sangue, por que causa
vós não vinheis em mim fartar vossa ira?
Matareis-me, e vivêra. Homens crueis,
porque não me matastes? meus imigos,
se mal vos merecia, em mim vingareis
esse mal todo. Aquella ovelha mansa,
innocente, fermosa, simples, casta,
que mal vos merecia? mas quizestes
como imigos crueis buscar-me a morte
não da vida, mas d'alma.

Oh! Ceos, que vistes
tamanha crueldade, como logo
não cahistes?

Oh! montes de Coimbra,
como não sovertestes, taes Ministros?
Como não treme a terra, e se abre toda?
Como sustenta em si tão grã crueza?

MENSAGEIRO.

Senhor, para chorar fica assaz tempo.
Mas lagrimas que fazem contra a morte?
Vai ver aquelle corpo, vai fazer-lhe
as honras, que lhe deves.

INFANTE.

Tristes honras!
Outras honras, Senhora, te guardava;
outras se te deviam. Oh! triste! triste!

Enganado, nascido em cruel signo,
quem me enganou? ah! cego que não cria
aquellas ameaças! mas quem crêra
que tal podia ser?

Como poderei ver aquelles olhos
cerrados para sempre? como aquelles
cabellos já não de oiro, mas de sangue?
aquellas mãos tão frias, e tão negras,
que antes via tão alvas, e fermosas?
aquelles brancos peitos traspassados
de golpes tão crueis? aquelle corpo,
que tantas vezes tive nos meus braços
vivo, e fermoso, como morto agora,
e frio o posso ver? ai! como aquelles
penhores seus tão sós? oh! pae cruel!
tu não me vias n'elles? Meu amor,
já me não ouves? já não te hei-de ver?

Já te não posso achar em toda a terra?
Chorem meu mal comigo quantos me ouvem.
Chorem as pedras duras, pois nos homens
se achou tanta crueza.

E tu, Coimbra,
Cubre-te de tristeza pera sempre.
Não se ria em ti nunca, nem se oiça
senão prantos, e lagrimas; em sangue
se converta aquella agua do Mondego.
As arvores se sequem, e as flores.
Ajudem-me pedir aos Ceos justiça
d'este meu mal tamanho!

Eu te matei, Senhora, eu te matei.
Com morte te paguei o teu amor.
Mas eu me matarei mais cruelmente
do que te a ti matáram, se não vingo
com novas crueldades tua morte.
Para isto me dá Deus sómente vida.
Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.
Arranque d'elles uns corações feros,
que tal crueza ousáram; então acabe.

Eu te perseguirei, Rei meu imigo.
Lavrará muito cedo bravo fogo
nos teus, na tua terra, destruidos
verão os teus amigos, outros mortos,
de cujo sangue se encherão os campos,
de cujo sangue correrão os rios,
em vingança d'aquelle; ou tu me mata,
ou fuge da minha ira, que já agora

te não conhecerá por pae. Imigo
me chamo teu, imigo teu me chama.
Não me es pae; não sou filho; imigo sou.

Tu, Senhora, estas lá nos Ceos; eu fico
em quanto te vingar; logo lá vôo.
Tu serás cá Rainha, como fôras.
Teus filhos, só por teus serão Infantes.
Teu innocente corpo será posto
em estado Real; o teu amor
me acompanhará sempre, té que deixe
o meu corpo co'o teu; e lá vá est'alma
descansar com a tua pera sempre.

FIM.

O CIOSO

COMEDIA EM CINCO ACTOS

PESSOAS DA COMEDIA

JULIO, mercador e banqueiro veneziano, marido de Livia. Homem moço, credulo, e muito cioso de sua mulher.

CESAR, ancião veneziano, pae de Livia ; sessenta annos ; presença veneravel, cabello branco.

BERNARDO, mancebo portuguez domiciliado em Genova, e recem-chegado a Veneza ; grande namorado, sensivel, e melancolico ; espiritualista do amor ; apaixonado por Livia, desde muito antes do casamento d'ella com Julio.

OCTAVIO, mancebo veneziano criado de pequenino em casa do Doge ; astuto e emprehendedor ; materialista amoroso como ha muitos ; grande amigo de Bernardo.

VALERIO, velho veneziano.

IGNACIO, velho portuguez.

ARDELIO, pagem genovez de Bernardo, e seu confidente ; grande espertalhão ; cortador de nós gordios ; useiro e vezeiro em peças e aventuras.

JANOTO, pagem veneziano de Octavio, e seu confidente ; digno companheiro de Ardelio.

LIVIA, filha de Cesar e mulher de Julio ; formosa e loira ; victima insoffrida dos zelos de Julio.

PORCIA, matrona, mulher de Cesar, e mãe de Livia.

BROMIA, velha, ama de leite de Livia.

FAUSTINA, cortesã, moça do mundo venesiana. No fundo da sua misera posição, ama perdidamente a Octavio.

CLARETA, moça de casa de Faustina ; astuta e depravada.

A scena passa-se em Veneza.

N. B. A descripção dos personagens, a dos scenarios, e todas as rubricas, foram para maior clareza postas pelo collector d'estes excerptos.

O CIOSO

COMEDIA EM CINCO ACTOS

ACTO I

Sala de aspecto sombrio em casa de Julio, junto á praça de S. Marcos de Veneza. Janellas ao fundo com estreitas gelosias. Portas lateraes; da esquerda do espectador as da saída; da direita as dos aposentos interiores.

SCENA I

BROMIA, só.

Ai ai! homem que taes justiças faz! Jesu, como não entendo a justiça nos ciosos; como nos doidos (que doidos ha que não fazem tanto mal). Coitadinha de ti, Livia, minha filha, e minha senhora, que eu criei a estes peitos, pois que para tão más fadas te criava; não houvera de haver amor no mundo (se do amor, como elles dizem, vem tanto mal); mas quant' eu,

não sei como pode ser nascer de amor obras de odio e de crueza. Estes negros casamentos, quem os acertára! bom pae, mau pae, oh! mau pae, malaventurado Cesar, que estimaste mais o dinheiro, que tua filha! Que podias tu esperar de um doido, criado sem pae, em tavernas e em frascarias? mal hajam as suas riquezas e os seus tratos, pois que tão mal nos trataram! Que prestam as riquezas sem homem, que não seja melhor o homem sem ellas? Este ter, este não ter, faz desfazer os casamentos, que as virtudes e os vicios haviam de fazer e desfazer! Quantas vezes ouvi dizer a minha mãe que Deus perdôe: « Filha, no tempo que o oiro valer mais que as pessoas, mette-te n'uma cova. » E eu assi o fizera, se podera acabar comigo de deixar só Livia; mas não posso; criei-a. Determino morrer com ella; que, segundo a coisa vai, não tardará muito! que se não passa dia nem noite, que o desastrado não estire a coitadinha no chão sem folego, tal, que parece que não fica já para outras. Então não lhe ha-de escapar ninguem em casa, que não sinta a sua ira.

SCENA II

A PRECEDENTE, e JULIO, que entra da direita.

JULIO, fallando para fora.

Veremos quem pode mais, se hei eu de viver comvosco, se vós comigo.

BROMIA, para si.

Eil-o vem. Coitada! cançou na mulher, e virá descançar em mim.

JULIO, reparando em Bromia.

Que é d'esta boa velha?

BROMIA.

Que me queres?

JULIO, ironico.

Que boa guarda! que boa ama!

BROMIA.

Ai Julio!

JULIO, batendo-lhe.

De quem me eu confio! sobre quem eu deixo minha honra muito segura!

BROMIA.

Que te fiz, coitada de mi?

JULIO, como acima.

Nada, zombo.

BROMIA.

Que te fiz? que te fiz?

JULIO.

Faço isto por meu passatempo.

BROMIA.

Taes passatempos te dê Deus n'esta idade, se a ella chegares; mas que nunca o elle queira.

JULIO.

Ah! pesar de mi! não hei eu de viver?

BROMIA.

Vives mais do que mereces.

JULIO.

Não hei eu de ter casa como os outros?

BROMIA.

Sê tu como elles; cuja culpa?

JULIO.

Não terei eu uma mulher como as outras?...

BROMIA.

Não terá ella marido como os outros?

JULIO, continuando a sua phrase.

Que têm vergonha e medo de seus maridos...

BROMIA, continuando a phrase de Julio.

Que as tratam com amor e honra.

JULIO.

Que resmugas tu estando?

BROMIA.

Que tal marido lhe fosses tu, como te ella é mulher.

JULIO.

Tal mulher me fosse ella, qual lhe eu sou marido.

BROMIA, ironica.

Assi a mereces tu.

JULIO.

Que é isso?

BROMIA.

Que lhe achas? de que te queixas? porque a matas, e a mi com ella?

JULIO.

Parece que sou pau, ou pedra.

BROMIA.

Mas és peor que pau e pedra.

JULIO.

Assi zombam do que eu faço! assi fazem o que eu mando!

BROMIA.

Ai Julio! quanto deves a Livia, e quão mal lh'o agradeces!

JULIO.

Vou-me de casa, deixo as janellas fechadas, as frestas tapadas, as portas que se não abram, requeiro, rogo,

mando, e ameaço que se não bula com ellas até que eu torne; que aproveita?

BROMIA.

Vedes ali todos seus males.

JULIO.

Torno, acho logo signaes, as janellas mal juntas, que parece que então as acabaram de cerrar; as frestas, que entra o sol por ellas á vontade.

BROMIA.

Havemos de viver sempre em trevas?

JULIO.

Si.

BROMIA.

Porquê?

JULIO.

Porque eu quero.

BROMIA.

Basta.

JULIO.

Não sou eu o Rei n'esta casa? não guardarão as leis que eu ponho?

BROMIA.

E as outras assi vivem?

JULIO.

As boas vivem assi.

BROMIA.

Como te enganas!

JULIO.

Os sisudos assi o fazem.

BROMIA.

E para que fez Deus o dia?

JULIO.

Para os homens.

BROMIA.

E não para as mulheres?

JULIO.

Não; em sua casa baste-lhe uma candeia, que não nasceram para negociar fora.

BROMIA.

Essas leis lhes posestes vós outros; que mulheres ha no mundo que governam seus maridos?

JULIO.

D'esses não quero eu ser, e isso é o que trabalho.

BROMIA.

E se a tu deixas fechada n'um antresolho, escuro, e sem fresta, e sem janella, que te temes das janellas?

JULIO.

Ó velha parvoa, que não basta para o mundo a virtude secreta, mas não haver suspeita de maldade.

BROMIA.

De quantas janellas tu vês abertas por essas ruas, de todas tu suspeitas mal?

JULIO.

De todas.

BROMIA.

E das mulheres honradas que vão ou vêm das Igrejas, e de visitações de suas amigas?

JULIO.

D'estas mais ha duvida.

BROMIA.

Que juiz de virtudes!

JULIO.

A quem dão mais licença do que convem, mais quer

do que é bem; e seus maridos, que lhe essa treladam, bem lh'o merecem.

BROMIA.

Isso fazia teu pae?

JULIO.

Não tinha elle mulher a que fosse necessario mais guarda que sua vontade.

BROMIA.

Não tens tu mulher, de que ella e todas as outras não possam aprender muita honra, e muita virtude e honestidade?

JULIO, ironico.

Bem o mostra!

BROMIA.

Ainda mais dissimular tuas córolas! soffrer tão duro captiveiro, sem se aqueixar a Deus nem ao mundo!....

JULIO.

Não faça porquê...

BROMIA.

Que coração de pedra!

JULIO.

Não se aqueixará.

BROMIA.

Não poderá com tanto.

JULIO.

Mulher que acinte quer infamar seu marido!

BROMIA.

Tu infamas a ti e a ella.

JULIO.

Não hei eu de ouvir fallar em maridos infelizes sem me vir a côr ao rosto!

BROMIA.

Maus dias, e negros, e poucos sejam os teus! e que culpa te tem ella n'isso?

JULIO.

Quero andar com meu rosto muito seguro e muito confiado, e não me deixam.

BROMIA.

Quem te não deixa?

JULIO.

Meus peccados, que me foram captivar tão miseramente.

BROMIA.

D'elles te vinga, ou de ti, pois te casaste.

JULIO.

Ora não mais; não sei se esperas que faça meus esconjuros, como faço cada vez que saio d'estas casas.

BROMIA.

Dos quaes tens bem pouca necessidade.

JULIO.

Mas para quê? eu tornarei então.

BROMIA, baixo.

Tornar queiras e não possas.

JULIO, que a não ouviu.

Lembrou-me agora que se me escusou aquella senhora com a visitação de sua mãe; digo que não quero que pae, nem mãe, nem irmão, nem parente, nem visinho, nem amigo, nem amiga, nem compadre, nem comadre, nem Rei, nem Rainha, nem que venham do paraizo, entrem n'esta casa.

BROMIA.

Má hora venham a casa do diabo.

JULIO.

A boa ventura que te venha bater á porta, não quero que lhe abras.

BROMIA.

D'essa estás tu seguro; eu te prometto, que primeiro botáras a má ventura fora.

JULIO.

Não digam depois: «Veio foão, mandou foão, foram a casa de foão.»

BROMIA.

Agora quero eu estar á razão comtigo: não queres ter prestança, nem vizinhança, como se costuma entre gente?

JULIO.

Não.

BROMIA.

Não usarás do emprestimo para que o aches?

JULIO.

Não, não.

BROMIA.

Se n'esta casa for necessario fogo, ou agua, ou outra coisa, ou a vierem pedir de fora, não queres?

JULIO.

Não; digo que não quero esse fogo; e se em casa o houver, mata-o logo por que não haja razão de o virem buscar. A agua, digam que fugiu; pineira, joeira, gral, caldeira, e tudo mais que as importunas vizinhas sóem pedir, dize-lhes que o não ha hi, e que vieram os ladrões, e que o levaram.

BROMIA.

E quem me crerá isso?

JULIO.

Se t'o não crerem, que se enforquem, que não quero que em minha casa entre ninguem, sendo eu fora. Ah! pesar de meu pae! não me valerá a mi isto?

BROMIA.

Mas direi e apregoarei que é esta casa escomungada, e que não communiquem com ella.

JULIO.

Dize que é escomungada, e que morrem de peste n'ella. Dize que andam n'ella todolos diabos, ou que está encantada de maneira, que quem n'ella entra sem minha licença logo morre.

BROMIA, á parte.

Mas depois de tua morte, eu te prometto que elles o aguardem.

JULIO.

Que dizes?

BROMIA.

Que te não aqueixes do comer que achares, pois sem agua e sem fogo o queres.

JULIO.

Contentamento queria eu.

BROMIA.

Bem creio eu que vens tu de lá bem farto de banquetes; e a coitadinha de Livia não se farta de lagrimas!

JULIO.

Dês que ella fôr de tua idade, pode ser que então sairá cá para fóra.

BROMIA.

Bom geito leva de chegar lá, e mais com tal esperança.

JULIO.

Mór bem lhe quero eu do que tu cuidas.

BROMIA.

As obras o dizem.

JULIO.

Ora eu vou.

BROMIA, saindo e resmoneando.

Em hora que nunca tornes.

(Sai Bromia.)

SCENA III

JULIO, só.

Oh! com que trabalhos sáio d'esta casa! o corpo anda pelas ruas; a alma cá fica espreitando as janellas. Oh! por que hei mór inveja aos Reis e Principes? porque são tão bemaventurados, que vêm os homens aos negocios e passatempos buscal-os a suas casas. Se me não fôra por fazer costumes novos, fechára estas portas; aquellas janellas mandara-lhes deitar umas travessas. Mas antre tantos parvos, de força é que o seja. (Pausa.) Não guardarei eu meu thesoiro! e minha honra! e minha fama! rim-se, e não vêem os cegos quanta differença vai da mulher á bolsa! Morrem sobre um pouco de oiro que se acha por esse chão; cavam-n-o, e escondem-n-o, e vigiam-n-o, e têm-n-o em reliquias, e nem elles mesmos o tocam. E a mulher, que é o seu verdadeiro thesoiro, deixam-n-o. desprezam-n-o, e offerecem-n-o aos ladrões!! Chama a um d'estes *confiado*; e um homem que é de espirito, que

estima sua mulher, que é perdido por ella, é *desgraçado!* De pouco experimentados no mundo vos vêm a vós outros parvos estes enganos! Quem anda, quem ouve, quem vê por terras estranhas, fará o que eu faço. Oh! que boa mestra é a experiencia! por isso dizia o outro bem, que mais proveito recebiam os sizudos dos parvos, que os parvos dos sizudos. Os parvos me ensinaram, e não acho um só que queira aprender de mi. Deixae viver estes *confiados;* eu quero-me confiar de mi e dos meus olhos, que não é ainda segura confiança, mas não ha outra. Minha mulher, dêsque foi comigo á porta da Igreja, não sairá senão para a cova; quando eu primeiro morrer, e ella fôr tão ditosa, então levará boa vida; os meus filhos crerei que são meus; os alheios suas mães o saibam. (Com impaciencia.) E não parece senão que quanto me mais guardo, então acinte vejo mais continuar por esta rua galantes, namorados, ociosos, mascaras, invenções, arruidos de noite, assovios, brados, musicas! e por est'-outras todas não! Onde estará o fumo sem fogo? onde estarão os olhos que se encubram? (Pausa; parece reflectir.) Mas a mi me parece certo melhor os de Faustina. Se fosse eu em tão boa hora que os visse! (Põe-se a olhar pela janella.) Mas que presta? que dêsque casei todas me fogem! todas me querem mal! (Pausa; toma uma resolução subita; vai para saír; mas antes que sáia aferrolha primeiro as portas e janellas.) Oh! em que trabalho se mettem os homens! lembrar-me-ha de que maneira ficam estas portas?

(Sai cauteloso. O theatro permanece vasio.)

SCENA IV

BROMIA e LIVIA.

(Passado algum tempo, entra Bromia pé ante pé, como que a espreitar; depois chama para dentro por uma das portas da direita.

BROMIA.

Já lá vai o caseiro; bem podeis saír.

LIVIA, entra da direita; vem triste, e de parecer afflicto.

Ai minha ama! minha amiga! que vida é esta! que captiveiro é este! quem me matou? quem me captivou? quem me levou a terra de moiros?

BROMIA, querendo socegar-lhe o impeto.

Senhora, não choreis, que vos ouvirão.

LIVIA, chorando estrepitosamente.

Que não chore! e isso me mandas tu?

BROMIA.

Que presta, coitada de mi! para que é chorar o que com lagrimas se não pode remediar?

LIVIA.

Desabafo com ellas. (Corre a um lado e a outro.) Abre-me essas portas, que me quero ir gritando por toda a visinhança como uma doida.

BROMIA.

Passo, por amor de Deus! passo, que te ouvirão.

LIVIA.

Oiça-me, veja-me, acuda-me todo o mundo.

BROMIA.

Livia, sizo!

LIVIA.

Quero ir ás ruas e ás praças, clamar e bradar, pedir justiça de mi, e de meu pae, e de quem me mata.

BROMIA.

E de ti de quê?

LIVIA.

Porque fui tão má e tão parvoa, que por obedecer a meu pae deixei de me casar com Bernardo, que me levava para Portugal, sem querer de mi mais que minha pessoa.

BROMIA.

Não te arrependas, que melhor é a má vida na natureza, que a boa na alheia.

LIVIA.

E a isto chamas tu vida?

BROMIA.

Nunca ouviste, filha, que melhor é a má mocidade, que a boa velhice?

LIVIA.

Velhice! mate-me Deus, antes que d'aqui me bula.

BROMIA.

Guarde-te Deus de tal, minha filha.

LIVIA, chorando.

Oh! minha mocidade tão mal empregada! oh! meus cabellos de oiro tão maltratados!

BROMIA, amimando-a.

Livia!

LIVIA.

Ó minha Bromia, minha velha que me creaste, quão bem t'o pago!

BROMIA, como acima.

Livia, filha!

LIVIA.

Ó meu pae! que me vendeste e não me casaste! cruel, que em tal captiveiro me metteste!

BROMIA.

Senhora, não te mates, não te aqueixes do que Deus faz, que quando te não precatares será comtigo.

LIVIA, soluçando.

Bernardo, Bernardo, como te mereço isto?

BROMIA, sorrindo e com malicia.

Enganas-te com estes portuguezes.

LIVIA.

Este ao menos não me engana.

BROMIA.

Já ouvi dizer que sabiam melhor fingir umas lagrimas, que nós mesmas.

LIVIA.

Nos seus olhos via eu como as lançava, e elles me fallavam a verdade, e elles me prometteram o para que eu não fui.

BROMIA.

E quem tolhia que não tiveras lá a mesma vida, sem mãe que te dera outras chaves falsas para teu folego?

LIVIA.

De quem me tamanho bem queria, não se podia esperar isso.

BROMIA.

Quanto elle maior é, dizem elles que mores extremos faz que estes.

LIVIA.

Quem diz isso?

BROMIA.

Teu marido, que do muito amor que te tem diz que vem guardar-te tanto.

LIVIA.

Tal lh'o tenham e mostrem por onde quer que fôr! praza a Deus!

BROMIA.

Tu estás aqui, e não sabes o que vai pelo mundo; não deve de ser elle só; já ouvi contar de outros e de outras.

LIVIA.

Boa consolação me dás.

BROMIA.

A quem tem os males sem cura, filha, não se dá outra.

LIVIA.

Por isso eu não posso ter paciencia, coitada de mi, moça parvoa! enganada! onde podera eu ir, que não vivêra ou não morrêra?

BROMIA.

Coitada de tua mãe, que tantas lagrimas lhe têm as tuas custado, que sempre refusou este negro casamento!

LIVIA.

Conhecia este diabo, conhecia-o.

(Ouve-se bater á porta.)

BROMIA.

Parece que sinto bater á porta.

LIVIA, sobresaltada.

Ai! vê se é elle, que já tardava.

BROMIA, depois de espreitar pela fechadura.

Fuge, que elle é.

LIVIA.

Vem-me fechar, Bromia, antes que lhe abras. Ó morte! que vida é esta!!

(Sai Livia correndo; Bromia sai atraz d'ella, mas volta passados segundos, e abre a porta a Julio.)

SCENA V

BROMIA e JULIO.

JULIO, entrando aforçurado, e depois de correr com os olhos a sala

Bromia.

BROMIA, com serenidade.

Que mandas?

JULIO.

Se aqui vier um mancebo esquerdo hespanhol, ou recado seu, digam-lhe que não poiso aqui.

BROMIA, á parte.

Afadigado vem.

JULIO.

Ouves?

BROMIA.

Como posso eu negar o que se pode saber da visinhança?

JULIO, depois de pequena pausa.

Tens razão. Dize-lhe... que sou fora.

BROMIA.

Da cidade?

JULIO, com um acceno negativo de cabeça.

Mas que me mandou chamar o Duque; isto é mais verisimil; ouves? em chegando, me mandou chamar.

BROMIA, á parte.

Que medos serão estes?!

JULIO.

Eu ir-me-hei a casa de Alberto. (Á parte.) Irei jogar este anel, que levava para Faustina.

BROMIA.

Ir-te-ha lá buscar.

JULIO.

Vá se quizer; ou lhe dize que costumo lá tardar muito.

BROMIA.

Que torne á tarde.

JULIO.

Não (má paschoa tenhas!), não quero que me ache aqui nem em outra parte.

BROMIA, á parte.

Teme-se. (Alto.) E se aqui quizer esperar?

JULIO, irado.

Como *esperar!* onde ha-de esperar?

BROMIA.

Por essa rua publica; quem lh'o tolhe?

JULIO.

Má velha, tu estás bêbada! dize que não espere, que não quero.

BROMIA, arremedando-o.

Hei-de-lhe dizer *que te não espere? que não queres?*

JULIO.

Não digo assi. (Á parte.) Ha-me de deter até que o outro venha.

BROMIA.

Pois que dizes?

JULIO.

A ti digo eu, que não quero que me espere, nem que cá entre, nem que sómente falle comtigo.

BROMIA.

Como lh'o tolherei eu?

JULIO.

Tolhe-lhe logo a pratica, e dize: «Não é aqui.»; e fecha logo a janella.

BROMIA.

E se tu não queres que falle comigo, como hei eu de fallar com elle?

JULIO, á parte.

Nunca vi velha tão pernostica; cuido que o faz a cinte. (Alto.) Se lhe poderes deixar de fallar, não lhe falles.

BROMIA.

Jesus! que esconder de ladrões é este! se dizes mais...

JULIO.

Não ha; nem sei se perguntarás mais.

BROMIA.

Se algo deves á justiça, ella te descubra.

(Sai.)

SCENA VI

JULIO, só.

Parece-vos que me não veio bom alvitre? Mancebo disposto, lustroso, gentil-homem, hespanhol, e creio ainda

que portuguez, levae-o a vossa casa, mostrae-o a vossa mulher, agasalhae-o de noite e de dia. (Pausa.) O bom de Benedicto, o que costuma em Génoa cuida que sou eu obrigado a fazer cá! se elle é liberal de sua mulher, eu sou muito escaço da minha. Encommende-me elle outras coisas de boa amizade, achar-me-ha.

(Sai pela esquerda. Cai o pano.)

ACTO II

Uma praça em Veneza. Ao fundo avista-se a torre ponteaguda de S. Marcos. No primeiro plano á direita a casa de Julio; aspecto sombrio; tudo fechado; argolões nas portas; gelosias nas estreitas janellas; feição de castello e mosteiro burguez. No segundo plano á esquerda a casa de Cesar. Ao fundo, meio a sumir-se, a casa de Faustina.

SCENA I

ARDELIO e JANOTO.

(Vêm entrando de vagar, conversando entre si.)

ARDELIO.

Não ha tal homem no mundo como Alexandre! a mulher é para ser senhora de Genoa, fermosa, reverenda, liberal, prasenteira.

JANOTO.

Agora te creio, porque n'estas coisas a mulher é o principal.

ARDELIO.

Que mais nos agazalhava com seu rosto, que com iguarias e mimos.

JANOTO.

O homem queria eu na praça, e a mulher em casa.

ARDELIO.

E tambem é já costumada a banquetes. Benedicto, como digo, é grosso e largo; não passa dias sem tres ou quatro homens.

JANOTO, observando-o.

Que taes queixadas trazes!

ARDELIO.

Pois digo-te que emmagreci na nau.

JANOTO.

De quê? mal se te enxerga.

ARDELIO.

Assi de enjoado, como de umas certas saudades que lá ficam.

JANOTO.

De quem está bem fora de as ter de ti.

ARDELIO.

Mas as alheias sinto eu mais que as minhas.

JANOTO.

Havia de haver um espelho publico, onde se os homens vissem.

ARDELIO.

E a que proposito?

JANOTO.

Por escusar enganos que estão em o mundo.

ARDELIO.

E para quê, se cada um os tem em sua casa?

JANOTO.

E se esses não fallam verdade?

ARDELIO.

Dá ao diabo esses amores velhos que sempre reverdecem.

JANOTO.

Como assi?

ARDELIO.

Via lá fermosas, fallava com fermosas, nenhuma achava que merecesse o nome de fermosa, senão Livia. (Pausa.) Quando lhe lembra seu pae, que ha cinco annos que deixou de o ver!

JANOTO.

Esqueça-lhe.

ARDELIO.

E na verdade, posto que aquella terra seja bem abastada de bons olhos e de boas graças (já vereis que coisa é Genoa) eu os não vi taes, quaes os ella tem.

JANOTO.

Tinha houveras de dizer.

ARDELIO.

Porquê?

JANOTO.

Porque já os não tem.

ARDELIO.

Como não tem?

JANOTO.

Agora sabes que não vê.

ARDELIO, cada vez mais admirado.

Não vê!!

JANOTO, fazendo mysterio.

Não vê sol, nem lua, nem terra, nem gente. Chamas tu a isto *vêr?*

ARDELIO.

Jesu! que foi isso? cegou?

JANOTO.

Arrancou-lhe os olhos seu marido.

ARDELIO, recuando dois passos.

Arrancou-lh'os!?

JANOTO.

Diz que lhe dava com elles má vida.

ARDELIO, no auge do espanto.

Tal ha no mundo?!!

JANOTO, com uma gargalhada.

Espanta-me como és boçal.

ARDELIO, socegando, e sorrindo.

Já te entendo: mettes-me em confusão.

JANOTO.

Dêsque a coitada casou, anda em rifão por toda a vizinhança.

ARDELIO, com muito sentimento.

Mofina moça!

JANOTO.

Marido tão desagastado que anda cego, chama aos outros cegos.

ARDELIO, cruzando os braços.

De maneira, que a mataram em vez de a casarem.

JANOTO.

Mas não lhe fizeram ainda tão boa obra.

ARDELIO, com certa resolução.

Quem é elle? como se chama?

JANOTO.

Micer Julio.

ARDELIO, pasmadissimo, e recuando um passo

Micer Julio?!!!

JANOTO.

Si.

ARDELIO.

Mercador?

JANOTO.

Mercador.

ARDELIO.

Onde mora?

JANOTO.

Aqui junto de S. Marcos, para onde imos.

ARDELIO, com intenção.

Ora não mais : entendido é.

JANOTO, com curiosidade.

E porque dizes isso?

ARDELIO, depois de pequena pausa, chegando se muito a Janoto.

Sabes tu onde nós iamos?

JANOTO.

A casa do teu hospede, me disseste.

ARDELIO.

Sabes quem é?

JANOTO.

Como o hei eu de saber, se m'o não dizes?

ARDELIO.

O hospede que nós vinhamos buscar, a que te disse que dêmos a carta de Benedicto para nos agasalhar.....

JANOTO.

Si,

ARDELIO.

É esse Micer Julio.

JANOTO.

Certo?!

ARDELIO.

Senão se me tu mentes.

(Olham algum tempo um para o outro, como admirados)

JANOTO.

A que hospede negro vinhamos! e que negro hospede

lhe vinha! bom acerto foi o do nosso encontro. Parece-me que foreis á estalagem.

ARDELIO.

Nós nos espantámos da maneira que se tornou em lendo a carta.

JANOTO.

Conhecia-vos elle?

ARDELIO.

Nós ao menos não o conhecemos.

JANOTO.

Como se escusou?

ARDELIO.

Não se escusou, nem nos fallou; fez que ia fallar a um homem, e nós quando nos precatámos não o vimos.

JANOTO, com intenção.

Nem o has-de achar.

ARDELIO.

Cuidámos que chegava a casa dar recado.

JANOTO.

Diria que o negassem, e fechar-se-hia a mil chaves.

ARDELIO.

Como faz a sua mulher. Todavia cheguemos lá.

(Encaminham-se procurando a casa de Julio.)

JANOTO, observando.

Aqui me parece que é.

ARDELIO, pasmado no sombrio e cerrado da habitação.

Santa Maria! isto é mosteiro! e gente vive aqui?

JANOTO.

Uma gente estranha, que não tem nunca dia, não ouviste já dizer que a havia no mundo?

ARDELIO.

Eu bato.

(Chega á porta e bate. Pausa.)

SCENA II

OS PRECEDENTES e BROMIA, entre-abrindo a gelosia da janella, e fallando para baixo, sem ser vista.

BROMIA.

Quem está ahi?

ARDELIO.

Um recado ao senhor Micer Julio.

BROMIA.

Não é cá.

ARDELIO, baixo a Janoto.

Não sai á janella?

JANOTO, baixo a Ardelio.

Nunca senão quando elle lá está, e ainda por regra.

ARDELIO, para Bromia.

Chega á janella, quem quer que és.

BROMIA, abrindo a gelosia.

Que mandas? já te digo que não está cá; mandou-o chamar o Duque.

ARDELIO, reconhecendo Bromia.

Bromia, não me conheces?

BROMIA, reconhecendo-o.

Ai Ardelio, d'onde vens?

ARDELIO, com intenção, e referindo-se a Livia.

Já sei tudo; Deus sabe o que perdeu.

BROMIA.

Teu senhor é vindo?

ARDELIO.

Vindo, mas se tal soubera!.....

BROMIA, á pressa.

Foram peccados nossos. Vai-te, que te não posso mais fallar. (Recolhe-se.)

SCENA III

OS PRECEDENTES, menos Bromia.

ARDELIO.

Tal se soffre entre christãos! e não tomam um doido e o degradam do mundo fora! ?

JANOTO.

Nunca por aqui passa ninguem que não chore a um; e pragueje o outro.

ARDELIO.

Ah moças parvoas! apetitosas! cabecinhas de vento!

JANOTO.

Que culpa tem?

ARDELIO.

Não era meu senhor homem para se ella aventurar com elle, mais que segurar-se com ess' outro?

JANOTO.

Parecia-lhe que escolhia o mais seguro.

ARDELIO.

Mas são mulheres! os que as pedem, desprezam-n-os; e os que as não estimam, pedem.

JANOTO.

Creio eu que forçado foi o negocio.

ARDELIO.

E pae que tal faz!.....

JANOTO.

Bom homem é o pae, mas enganou-se como outros muitos.

ARDELIO.

Bom homem parvo faça-se frade, e não case filhas. Se seu irmão fôra!.....

JANOTO.

Mofina foi n'isso.

ARDELIO.

E não tendo outro filho nem filha!

JANOTO.

Cegueiras d'este mundo.

ARDELIO.

Vai-te para casa; dá lá estas novas, que assi sem comer nem beber hei-de correr toda a cidade, até que o ache e veja com que se desculpa. Ao menos metel-o-hei em afronta.

JANOTO.

Farás bem.

(Sai Ardelio.)

SCENA IV

JANOTO e CLARETA, que vem entrando

JANOTO, para si.

Doidinha Clareta! que pressa que traz!

CLARETA.

Janoto, minha rosa!

JANOTO.

Clareta, meu cravo!

CLARETA.

Ai que venho sem folego.

JANOTO.

Viste algum lobo?

CLARETA.

E peor que lobo.

JANOTO.

Como vens tão á pressa!

CLARETA.

Deixa-me descançar. (Pausa.) Oh! diabo! oh! malaventurado!

JANOTO.

Quem?

CLARETA.

Quem me assi cançou.

JANOTO.

Quem é?

CLARETA.

Ia lá para casa com um recado de Faustina, veio dar comigo aquelle desastrado, que, dêsque casou, parece chupado das carochas.

JANOTO, com impaciencia.

Não me dirás quem é?

CLARETA.

Ai Senhor! quão desmaselado se torna um homem casado!

JANOTO.

Parece-me que zombas.

CLARETA.

Espera que eu t'o direi.

JANOTO.

Porque o não dizes?

CLARETA.

Quem viu aquelle de antes, mancebo galante, gentilhomem, polido, penteado, mais enfeitado que uma dama! como o conheceram agora sujo, magro, a capa caída? Por isso eu não casaria senão com um Principe.

JANOTO.

Vou-me.

CLARETA.

Vem cá. (Tomando-o á parte, como segredando.) Este demo (digo de Julio) importunador de Faustina.....

JANOTO.

Que te fez?

CLARETA.

Queria-me deter em tanta parola, que lhe fugi, té que se enfadou de me seguir.

JANOTO.

Que te dizia?

CLARETA.

Mil juramentos, que saíra hoje de casa com um anel de um rubi muito fino, que trazia no dedo polegar para lh'o dar.

JANOTO.

Como te entendo? quem lh'o tolheu?

CLARETA.

Diz que ella, que se escondeu d'elle.

JANOTO.

Requerimentos trazes.

CLARETA.

Que requerimentos?

JANOTO.

Dou-vos ao diabo todas, que tantos ardís sabeis.

CLARETA.

Bem, Janoto, e isso suspeitas tu de Faustina para Octavio?

JANOTO.

Já não suspeito senão quanto vejo, perdoe-me Deus.

CLARETA.

Não sabes tu que o seu amor para com elle é odio cris para todolos outros?

JANOTO.

Ao fim o veremos; antes quizera que lhe quizera mal.

CLARETA.

Pois crê que anda aquelle coitado perdido.

JANOTO.

Deus o encaminhe.

CLARETA.

Por Faustina digo.

JANOTO.

Foi lá?

CLARETA.

Que pergunta! tem-me defezo, que se lhe não virar o rosto, e cuspir, onde quer que o achar, que me não ha mais de ter em casa.

JANOTO.

Queres tu que te creia eu isso?

CLARETA.

Como és mau!

JANOTO.

Sou tanto teu amigo, que o farei por amor de ti.

CLARETA.

Vós outros sois os que desconcertais os estomagos.

JANOTO.

Vós outras sois as que os tornais a concertar muito bem.

CLARETA.

Pois outro anda aqui bebendo os ventos.

JANOTO.

Se não achares ainda outro, que me mates.

CLARETA.

Conheces Raphael Patricio, mancebo, galante, liberal, que se desaveio agora de Laura?

JANOTO.

O mancão?

CLARETA.

Morto, chorando de noite e de dia, como menino.

JANOTO.

E Faustina tão dura, que a não amolentam essas lagrimas?

CLARETA.

Mais chorou e chora hoje em dia aquelle filho do mercador biscainho.

JANOTO.

Finalmente, que negociação é a tua?

CLARETA.

Mas já te digo, que nem o mesmo Duque poderá ter remedio.

JANOTO.

Acaba, tudo creio.

CLARETA.

Não é por ser; parece que a encantou teu amo, que

nunca tal vi! Uma meia hora que o não vê não dura; e a visitar o ia agora.

JANOTO.

E mais?

CLARETA.

Que mais?

JANOTO.

Tem razão, dizem que de rosto a rosto.

CLARETA.

Sabeis mais do necessario.

JANOTO.

Tu vens diante fazer o campo franco.

CLARETA.

Mas para que vejas quão mau és, não quero lá ir; dize-lhe que me achaste no caminho.

JANOTO.

Tudo isso.

CLARETA, continuando o recado.

Que diz Faustina que a veja ainda hoje.

JANOTO, sorrindo.

Tem hospedes; não sei se poderá.

CLARETA.

Não zombes, que em verdade m'o disse quasi chorando.

JANOTO.

Eu tambem lhe direi quasi chorando: « Não sei em « que isto ha-de ir parar; ella se entrega ao inferno; e « ir-se-ha coroar a Roma se ella é a que eu cuido. »

(Sai.)

SCENA V

CLARETA, só.

Nunca vi moço mais trincado que este Janoto; outras o fariam a elle tão refolhado! Que fôra se lhe dissera que promettera a Julio uma noite a furto de Octavio! Não é aquelle anel para engeitar. Faustina não será tão parvoa; mas ella é perdida por est'outro. Em tal hora o viu, com taes olhos o olhou, e tal graça lhe achou, que todos os outros acha feios, desairosos, desengraçados. Não sei quão bem o empregou. Eu por minha parte grangeio o que posso; não pode ser tão cru, que umas horas pelas outras não deixe uma peça em casa. Que coisas somos tão parvoas! ora roubamos todo mundo, ora nos deixamos roubar.

(Vai para sair, quando repara em que vem entrando vagaroso, cabisbaixo, e meditativo, o velho Cesar encostado ao seu bordão.)

Que velho é este? (Affirma-se melhor.) O sogro do outro triste. Bofé! assi velho como elle é, antes o eu tomara que o genro.

(Sai.)

SCENA VI

MICER CESAR, só.

(Sai de casa, vem caminhando de vagar, e pára no meio do proscenio.)

Quem vê este mundo que se não espanta! E verdadeiramente, olhando bem, todas as coisas por Deus creadas fazem direitamente seu officio natural, senão o homem. Nós sós andamos fora d'elle. Anda a razão entre nós tão cega, ou tão trocada, que a não vemos; ou quando nos parece que a melhor seguimos, então d'ella mais nos desviamos. Não sohia de ser assi. Sempre o dia derradeiro é peor. (Pausa.) N'aquelles tempos bemaventurados quando eu nasci (que bem se podiam chamar de oiro) andava a coisa em sua ordem natural: os moços eram moços; os mancebos mancebos; os velhos velhos. Agora tudo ao revez: os moços homens; os mancebos velhos; os velhos são moços. E quando eu, com sessenta annos ás costas, tão branco, tão calejado nas voltas d'este mundo, e com tanta experiencia de fortuna, me ceguei, me enganei, me distrahi, que se pode dizer senão que andamos desatinados, sem olhos, sem juizo!? Onde cuidei de casar uma só filha que tinha, ali a fiz viuva; onde cuidei de a honrar, a deshonrei; onde cuidei de a enriquecer e descançar, a empobreci e captivei. Oh! pensamentos vãos! cegueiras d'este mundo! quem cuida que melhor vê, esse vai cego; á vida quem mais certas contas lança, esse cega, esse se engana, esse se perde. (Com explosão de muito sentimento.) Que te farei, minha filha?

filha minha, que te farei, filha em que os meus olhos se reviam, em que as minhas cãs descançavam? como te tirarei de tammanho captiveiro? (Falla todo voltado para a casa de Julio.) Pragueja de mi; pide de mi justiça a Deus, que eu te matei; velho parvo! Não fôra melhor que não tiveras tu mais do que eu para ti busquei, e cavei, e ajuntei? Entregar juntamente com a fazenda a quem destrue a ella e mata a ti!! Não dera eu agora quanto tenho e quanto tinha por te ver livre! por não ver os escandalos da vizinhança, das justiças que em ti fazem! e os brados de tua mãe! e suas lagrimas! e seus arrependimentos magoados! Ó cubiça, quanto podes! nem nos dás descanço n'este mundo, nem a gloria no outro, nem sei que remedio tenha. (Pausa.) Palavras boas, conselhos, admoestações, encravam-n-o mais. Por onde o levarei? Perdoe Deus a Micer Julio, que se elle vivera, ou tu outro fôras, ou não vivêras. E perdoe-me Deus, que me enganei com sua amizade, e com o nome de seu filho; quizeram meus peccados que assi fosse. Mas porque soffrerei o que soffro? porque não vingarei minha honra e minha filha? (Com grande exaltação.) Não ha aqui justiça? não ha aqui homens? tal se ha-de consentir!? Vou-me em sua busca. Hei-de morrer eu tão magoado? não queira Deus. Segundo o que achar n'elle, assi o farei.

(Vai para sair; repara em Julio, que vem entrando sem attentar no sogro.)

SCENA VII

CESAR e JULIO.

JULIO, sem olhar em redor de si, e contemplando fitamente a pedra do annel.

Para que tem virtude esta pedra? de crear amor onde o não ha. Ah! mulheres! que nunca vos acenam que não tomeis! E que me fie eu da minha!?

CESAR, á parte reconhecendo-o.

Mas eil-o acolá vem.

JULIO, embebido em seus pensamentos.

Se me aquella verdade falla, nunca anel vi melhor empregado.

CESAR, á parte.

Que pensamentos serão aquelles! Deus os melhore.

JULIO, continuando sem ver a Cesar.

Com o alvoroço não quiz ir á casa de Fabricio, nem o coração me dava esse vagar; quiz antes vir ver como receberam o hospede. (Encaminha-se para a sua porta; de repente pára, e muda de tenção.) Não sei se chegaria já. (Afasta-se para sair.)

CESAR, vendo-o afastar-se; á parte.

Vou a elle, que outro caminho toma.

JULIO.

D'aqui estou seguro; e depois me virei segurar de toda a casa. (Repara em Cesar, que lhe sai ao encontro; á parte.) Mas eis outro demo.

CESAR, batendo no hombro de Julio.

Julio, Deus te salve.

JULIO, compondo o aspecto.

Não pode homem fugir a fortunas. Deus te salve.

CESAR, á parte.

Com que rosto! ah! meus peccados!

JULIO, á parte.

Vir-me-ha quebrar a cabeça, como costuma?

CESAR.

Rogo-te, Julio, que me queiras ouvir um pouco, repoisadamente.

JULIO.

Um pouco te ouvirei; mas estou de pressa.

CESAR.

Sempre te acho com essas pressas!

JULIO.

Parece-te que é de espirito ocioso?

CESAR.

Fosse de tua honra.

JULIO.

Bem entras para te ouvir muito. (Faz um movimento repentino para o lado da casa, como se lá tivesse ouvido algum rumor á porta.)

CESAR, admirado.

Que é isso?

JULIO, com apparente serenidade.

Nada. (á parte) Fiquei assegurado; cuidei que era o meu hospede.

CESAR.

Socega; sempre andas como assombrado!

JULIO, á parte.

Matar-me-hia se viesse aqui dar comigo.

CESAR, começando pausadamente a conversar com Julio.

Eu, Julio, como já muitas vezes te disse...

JULIO, á parte e enfadado.

Bastavam as ditas.

CESAR, depois de pequena pausa.

Por christão, ainda que mais obrigações não houvera, era obrigado (como tu a mi) a mostrar-te teus erros secretos, quanto mais os publicos, que escandalisam ao mundo; sob pena de os fazer meus na culpa e pena.

JULIO.

Avante.

CESAR.

Ora tendo-te eu por filho, como aquelle a quem eu por dar minha filha a neguei a todos (como tu sabes), e tendo-te o amor que te tenho, que te parece que devo fazer?

JULIO.

O que fazes, havendo porquê.

CESAR.

Ainda mal porque tanto *porquê* ha! porque os teus olhos andam tão seguros, porque o não vêem.

JULIO.

Que hão-de ver os meus olhos?

CESAR.

O que vêem os de todo o mundo.

JULIO, encolhendo os hombros.

Sempre me vens com uns casos de morte de homens!!

CESAR.

Mais graves foram teus erros.

JULIO, ironico.

Muito grande bem me queres! cuido que me porás na forca.

CESAR, severo.

Não é mais grave matares tua mulher?

JULIO.

Si.

CESAR.

Pois porque a matas tão sem causa?

JULIO.

Mas porque me dizes isso tão sem causa?

CESAR.

Diga-o a vizinhança, digam-n-o os que o ouvem, e o que eu vejo.

JULIO.

E o que eu faço das minhas portas a dentro ninguem o ouve nem o sabe, se o tua filha não palra.

CESAR.

Folego lhe dás tu para isso? Se o pensamento lhe poderas tirar, tambem o fizeras.

JULIO.

O que tu vês é.

CESAR.

Quantas vezes t'o disse?

JULIO.

Quantas vezes te respondi?

CESAR, crescendo para Julio.

Ó Julio!

JULIO, sereno.

Ó Cesar!

CESAR, reprimindo-se.

Quero dissimular.

JULIO.

Sou mais moço que ti, entendo muito bem o que cumpre a minha honra e tua.

CESAR.

Como o entendes? ou em quê?

JULIO.

Tu não tens *senão*, pelo que presumes.

CESAR.

Eu presumo o que vejo.

JULIO.

E não pelo que verás adiante?

CESAR.

Que hei-de ver?

JULIO.

O sizo, e o repoiso, e a honestidade, com que tua filha sairá da forja quando fôr tempo.

CESAR.

E quando será esse tempo, se o já não fôr?

JULIO.

Quando eu tiver razão de me fiar d'ella.

CESAR.

Se a tu não tens, ou tiveste até aqui, não me parece que a terás nunca.

JULIO.

Se a eu não hei-de ter melhor do que até aqui tive, não me parece que a terei nunca.

CESAR.

Paciencia; de que casa foi ella? cuja filha é? onde se creou, para te tu não honrares muito d'ella em todo o mundo?

JULIO.

Eu não me deshonro até agora, mas seguro-me.

CESAR.

Como te seguras?

JULIO, mofando.

Tu és ainda d'aquelle bom tempo, quando jogavam as mulheres o aléo na praça.

CESAR.

Por isso choro eu.

JULIO.

Agora são outros tempos.

CESAR.

Tu os fazes, que sempre os homens honrados honram muito suas mulheres, e as tratam igualmente.

JULIO, com orgulho.

E em que deshonro a minha?

CESAR.

No que cuidas que a mais honras.

JULIO.

De que maneira?

CESAR.

Em dares que fallar d'ella aos ociosos.

JULIO.

Como se todos meus trabalhos não são segurar-lhe a fama contra a infamia!

CESAR.

Tu verás como te enganas; não queres tu que dos taes extremos presumam grandes coisas?

JULIO.

Antes as presumam que as affirmem.

CESAR.

Eu não quero que as presumam, nem menos que as haja. Não sabes quanto mais pode a opinião que a verdade? E de que vês valerem tanto os rostos magros e defumados, e tão pouco as faces lavadas, como Deus manda?

JULIO.

E nós andamos ao costume.

CESAR.

Se te esse valesse no outro mundo, bem dizes.

JULIO.

Ora dize-me : a quem doe mais minha honra? a mim, ou a ti?

CESAR.

Pode ser que a mi.

JULIO.

Mais me és tu logo do que me eu sou.

CESAR.

E como sou, por isso me mato e por isso soffro.

JULIO.

Eu (louvores a Deus!) não sou doido nem parvo, e contento-me muito de meu sizo.

CESAR.

Essa mercê nos fez Deus : reparte-o de maneira, que cada um se contenta.

JULIO, com altivez.

Sou para ensinar todos os velhos e moços a viver com suas mulheres.

CESAR.

És para te ensinarem todos os moços a viver com tua mulher bem. Não darás tu mais credito a estas cãs tanto tuas amigas? não te parece que fui eu mancebo, e que vi, e andei, e fiz? não sabes tu que a amizade de teu pae me obriga a mi a estes confederamentos?

JULIO.

Obrigou-te a ti teu proveito.

CESAR.

Bem se vê.

JULIO.

Pois porque me enganaste? eu importunei-te nunca?

CESAR, com muita energia e severidade.

Tu me enganaste; tu me destruiste; tu me roubaste.

JULIO.

E tu agastas-te?

CESAR, moderando-se, e com leve ironia.

Não me agasto, que se me agastára já estivera desagastado; mas lembra-me que tenho a culpa, e com isso me componho.

JULIO.

Queres tu, Cesar, que deixe eu andar tua filha pelas praças e pelos banqueiros, e que me encerre eu em casa?

CESAR, ironico.

Que extremos de bom sizo!

JULIO, com vigor.

Pois minha mulher, a pesar de todo o mundo, ha-de viver a meu modo.

CESAR, com igual energia.

Pois eu sou Micer Cesar, que ainda tenho nome, e vida; e em quanto a tiver, minha filha ha-de ser outra.

JULIO, querendo apasiguar o sogro.

Ora não mais. (Á parte.) Isto vem d'ella; á casa iremos.

CESAR, continuando.

Se é livre, que viva livre; se é companheira, que não seja escrava, e peor que escrava. Para que fez Deus a justiça no mundo, se não para bem dos bons, e mal dos maus?

JULIO, com desprezo.

És velho; não te respondo.

CESAR, com furor.

Assi velho, se outras forças me não atalharam as minhas..... (Reprime-se; em voz mais baixa) Mas estâmos na rua.

JULIO, com insolencia.

Eu tenho mais poder sobre tua filha que ti; e hei-de fazer d'ella o que quizer: preza, captiva, mettida em ferros.

(Encaram-se alguns instantes: Cesar tremulo de furor; Julio desfarçando a sua exaltação quanto sabe e pode; depois do que, diz)

CESAR, á parte.

Quebrado é o fio; folgo muito, porque me corria do que passava. (Alto.) Minha filha virá para minha casa antes de oito dias, se eu vivo.

(Sai abruptamente, deixando a Julio pasmado e só.)

SCENA VIII

JULIO, só.

(Vendo sair a Cesar.) Isso ganharás tu com todos esses teus feros? (Desce o palco.) Não hei eu de tapar a bocca a este velho que nunca me deixa!? Ando por me honrar e tirar sua filha de infamia, como todo bom e prudente deve fazer; não quer senão arrancar-me os olhos. (Reflectindo.) Não é já d'elle; ainda agora o acabei de conhecer; sempre até aqui me fallou por outro modo tão brando! a senhora sua filha lhe deu aquelle esforço. Não me tentem ambos com alguma doidice! asinha eu quebrarei o banco, e darei comigo em Chypre. (Pausa.) Velhos babosos,

que tornam a engatinhar, não são já para fazerem differença entre bem e mal, e querem a pesar de todolos diabos, que tomeis seus conselhos. Isto me faz ainda desconfiar mais da filha de um homem, que tanta liberdade deu a sua mulher. (Meditando.) Quantos fariam o que eu faço!

SCENA IX

O PRECEDENTE e ARDELIO, que entra apressado, sem ver a Julio.

ARDELIO.

Suado e tressuado ando, e não n-o posso descobrir. Pois não me ha-de escapar.

JULIO, á parte.

Que apressado é este?

ARDELIO, continuando sem ver a Julio.

O melhor que tenho é que elle não me conhece, nem me viu, e não me ha-de fugir.

JULIO, para si.

Vou-me a casa antes que dêem comigo.

(Vai-se encaminhando sorrateiro para casa.)

ARDELIO, percebendo-o, e á parte.

É elle aquelle que vai para casa? aquelle é; ditoso fui; aferro n'elle antes que se me entre.

JULIO, á parte, vendo que o seguem.

Quem corre apoz mi?

ARDELIO, chamando.

Ó Senhor!

JULIO, virando-se.

Que mandas?

ARDELIO, acercando-se d'elle.

A ti buscava.

JULIO, mirando-o.

A mi? aqui me tens.

ARDELIO, cortejando-o.

Não és tu o senhor Micer Julio?

JULIO, meio desconfiado.

Assi me chamam. E cujo és tu?

ARDELIO.

D'aquelle mancebo hespanhol que te hoje fallou.

JULIO, confuso, mas querendo sorrir.

Que sizo o meu! zombo comtigo; não sou quem cuidas.

ARDELIO, admirado.

Como não?

JULIO, á parte.

Em afronta me vejo.

ARDELIO.

Não te vi eu agora no porto?

JULIO, com fingido pasmo.

A mi?

ARDELIO, com signal affirmativo de cabeça.

E te deu meu senhor uma carta.

JULIO, como acima.

Que carta?

ARDELIO, rindo.

Oh! que graça!

JULIO.

De que te ris?

ARDELIO, insistindo.

Não te deu uma carta de Genova?

JULIO.

Quem?

ARDELIO.

Bernardo portuguez.

JULIO.

Que Bernardo? que portuguez?

ARDELIO.

De teu amigo Benedicto.

JULIO, com fingida serenidade.

Não sabes com quem fallas. Em toda minha vida não fui a Genova. (á parte.) Sou perdido se me não nego.

ARDELIO, querendo rir.

Zombas?

JULIO, muito serio.

De quem hei-de zombar?

ARDELIO.

Se foste a Genova não o sei; mas Benedicto nunca o viste?

JULIO.

Que Benedicto?

ARDELIO, á parte.

Oh! desavergonhamento de homem!

JULIO.

Mancebo, vê se buscas alguem que eu saiba; encaminhar-te-hei.

ARDELIO.

A quem me has-de encaminhar, se me negas quem busco?

JULIO.

Quem buscas?

ARDELIO.

A ti busco.

JULIO.

Quem sou eu?

ARDELIO, á parte.

Eu te queimarei o sangue. (Alto.) Não és tu o senhor Micer Julio, veneziano.....

JULIO, com susto.

Passo, não brades.

ARDELIO, continuando a phrase.

Que poisa aqui n'estas casas?

JULIO.

Que has? digo que não.

ARDELIO, com exaltação.

Não poisas aqui? (Aponta para a casa da direita)

JULIO, confuso.

Como o sabes?

ARDELIO.

Porque já aqui andei bem de dias, e te conheço.

JULIO, cada vez mais atrapalhado.

Como me conheces, se te eu nunca vi?

ARDELIO.

Havia-te eu de ver com os meus olhos, ou com os teus?

JULIO, insistindo.

Nunca me viste. (Quer fugir.)

ARDELIO, segurando-lhe no braço.

Não me has-de assim escapar, genro de Micer Cesar.

JULIO, tapando-lhe a boca.

Não grites.

ARDELIO, alteando a voz.

E casado com sua filha.

JULIO, á parte, confusissimo.

Que farei?

ARDELIO, gritando mais.

Amigo de Benedicto.

JULIO, desembaraçando-se d'elle.

Tu és doido. (Faz por ir-se embora.)

ARDELIO, atravessando-se-lhe.

Aonde te vás?

JULIO.

Que me queres?

ARDELIO.

Porque te negas? se o has por Bernardo, já tem poisada.

JULIO.

Vai ora buscar quem buscas, e deixa-me.

ARDELIO.

Acham-te a ti em dois logares?

JULIO, á parte, e succumbido.

Que desastre tammanho! estou corrido; não sei que faça.

ARDELIO.

De maneira, que tu dizes, e affirmas, e confessas publicamente n'esta rua, n'esta rua publica, que não és Micer Julio!!

JULIO.

Digo que te não conheço, e que nunca te vi, e que não sei quem és.

ARDELIO, com fingimento.

Verdadeiramente eu jurára que eras elle; mas quero te antes crer, que aos meus olhos.

JULIO, cobrando certo animo.

Não te espantes; muitas vezes se enganam os olhos.

ARDELIO, affirmando-se.

Nunca vi leite mais semelhado a leite do que tu és com elle.

JULIO.

Se eu fôra, porque me negára?

ARDELIO.

Tu o saberás; pois conhécel-o?

JULIO.

Já o ouvi nomear.

ARDELIO, com intenção.

Não me parece que pode haver mais ruim homem no mundo.

JULIO, picado.

Não praguejes dos ausentes.

ARDELIO, á parte.

Hei-me de vingar. (Alto.) Por justiça o haviam de lançar de Veneza, porque a infama.

JULIO, confuso.

E porquê?

ARDELIO.

Micer Cesar! velho tão parvo que sua filha lhe deu a elle!

JULIO, timidamente.

Fazes mal de fallar mal dos homens de bem.

ARDELIO, com uma gargalhada intencional.

Chamas a Julio homem de bem?

JULIO, com azedume.

Para isso o buscavas?

ARDELIO.

Não sei a quem chamarás homem de mal. Tão coitado e tão misero.....

JULIO.

Que te fez?

ARDELIO, continuando.

Que foge aos homens, porque o vê nenhum homem.

JULIO, á parte, e amargurado.

Coitado de mi! como me irei d'este!

ARDELIO, crescendo em rancor.

Espanto-me como esta nobre cidade tal consente. Mandem-lhe tomar a mulher, e dèem-n-a a quem a merece.

JULIO.

Mancebo, meu costume é não ouvir praguejar de quem o merece; quanto mais de quem o não merece!

ARDELIO, apanhando-o.

Não dizes tu que o não conheces?

JULIO.

Conheço-o por bom homem e sizudo.

ARDELIO, com insistencia.

Não o conheces.

JULIO.

Como não?

ARDELIO.

A um cioso malaventurado, desconfiado, que martyrisa a mulher de dia e de noite, chamas bom e sizudo?

JULIO, reprimindo-se a custo.

Já pode ser que o será mais que todos.

ARDELIO.

Já pode ser que sua mulher tal não fôra.

JULIO, com impeto colerico.

Que fôra!?

ARDELIO.

Deus o sabe. Não vê o parvo, que o que se mais guarda mais se deseja?

JULIO, voltando-lhe as costas.

Vai buscar quem te oiça. (Á parte.) Ondas se me vão; ondas se me vêm; mas melhor é já dissimular até o cabo.

ARDELIO, com astucia.

Pois se o tu conheces e o vires, dize-lhe que Benedicto lhe manda, por aquelle seu amigo, de quem elle fugiu, certas peças.

JULIO, com mostras de interesse.

Peças!! que peças?

ARDELIO.

Que o busque quanto elle buscou, e lh'as dará.....

JULIO, á parte e meditando.

Como as haverei?

ARDELIO, continuando.

Ainda que merecera negar-lh'as, como se lhe elle negou.

JULIO, com curiosidade.

Dize-me o que é para lh'o saber dizer.

ARDELIO, fazendo-se de manto de seda.

Lá virá na carta.

JULIO, á parte.

Fui tão parvo, que a não acabei de ler.

ARDELIO.

Mas ella foi escrita depressa; já pode ser que as confiaria Benedicto de meu amo.

JULIO.

E elle não lh'as dará?

ARDELIO.

Onde ou como, se o elle não vê nem o acha?

JULIO.

De homem de bem é dar boa conta das encommendas.

ARDELIO.

Por amor de Benedicto o fará elle, que aquell'outro outra coisa lhe merece.

JULIO, furioso.

Desbocado és.

ARDELIO, com serenidade e finura

És-lhe tu alguma coisa?

JULIO.

Amigo.

ARDELIO, fingindo pasmo:

Como és amigo de tal homem?!

JULIO, á parte, e corrido.

Já me arrependo da dissimulação.

ARDELIO, á parte, e rindo muito.

Mato-o; ferve-lhe o sangue.

JULIO, com intenção.

Não folgará elle de saber isto?

ARDELIO.

Assi t'o digo para que lh'o não digas; nem é bem, pois me confio de ti. Não me dirás onde poisa?

JULIO.

Queres que o descubra a seus imigos?

ARDELIO.

Que imigos?

JULIO.

Tu e teu amo.

ARDELIO.

Mal o sabes ainda.

JULIO.

Quem o tão bem pragueja não sei que bem lhe quererá.

ARDELIO.

Quem quer que o tão bem pragueja, não sei que bem merece.

JULIO.

Esse teu amo onde poisa?

ARDELIO.

Não t'o quero dizer. (á parte.) Busque-o.

JULIO, indeciso.

Ora..... (Mudando de projecto.) Mas não.

ARDELIO, á parte, e gozando da confusão de Julio.

Está morto; não sabe que diga.

JULIO, depois de meditar um pouco.

Isto me parece melhor: elle não é agora aqui; podes mandar o que quer que é á casa de Fabricio Colonia, tão seguro como á sua.

ARDELIO, á parte.

Bom recado é esse! quem se nega a si mesmo melhor negará o mais. (Alto.) Se o elle em pessoa não receber perante testemunhas, e com estrumento publico, não faça conta de nada.

JULIO.

E se Fabricio fizer tudo isso?

ARDELIO.

Não sei que meu senhor quererá fazer; fallem-lhe, e responderá.

JULIO.

Tens razão.

ARDELIO.

E porque te fui algum tanto importuno, aconselho-te que lhe não fallem sem tabellião, e testemunhas presentes.

JULIO.

Eu t'o agradeço, e pela amizade que com elle tenho o negociarei.

ARDELIO, intencionalmente.

Não se detenha muito, que nós estamos de caminho.

JULIO.

Logo será feito. (Ardelio corteja a Julio que vai saindo, e dizendo.) Que desastre tammanho! Mas creio que lhe fiz crer que não era eu. Vou-me a casa de Fabricio dar-lhe conta, por que se não perca o meu.

SCENA X

ARDELIO, só, seguindo a Julio com os olhos.

Assi, assi cançarás como eu cancei; e enganar-te-hão como nos enganaste. (Desce o theatro.) Com que *parvo* se tomava! mais raposas tenho mortas n'este mundo do que cuidas. É coisa isto para se pôr em comedia. Quem me dera que nos ouvira Bernardo, porque me não ha-de crer. (Pausa.) Mas, pois se elle foi, não hei-de deixar de apalpar a porta á entrada. (Vai-se aproximando da porta da casa de Julio.) Eu enxerguei lagrimas na velha; pode ser que a má vista obrigue a algum desmancho. (Pausa.) Livia nunca quiz mal a Bernardo, mas temeu-se de seu pae; razão tem agora para se vingar. (Muda de resolução subitamente.) Todavia, melhor será seguil-o um pouco a ver se torna do caminho, por que faça meu salto mais seguro, e tomarei este gosto por mantimento.

(Sai correndo, mas cauteloso e arteiro, pelo sitio por onde saíu Julio.)

SCENA XI

Depois de algum tempo de theatro vazio, entram BERNARDO e OCTAVIO, conversando.

BERNARDO, muito melancolico.

Tão cheios de Veneza andavam os meus olhos, que a cada passada a viam, e com isto descançavam. E agora de a verem choram e cançam.

OCTAVIO, animando-o.

Não te entregues a esses pensamentos, que elles se desfarão per si.

BERNARDO, encostando-se no braço de Octavio, e caminhando mui de vagar.

Não sei; tão viva trago eu a alma em Livia, que em quanto viver a hei-de achar sempre n'ella.

OCTAVIO.

Lembre-te que a tem morta, e morrerá tambem em ti.

BERNARDO.

Mas isso é o que a faz em si mais viva; com essa mágua não podem os meus olhos.

OCTAVIO.

Está já tal, que te abhorrecerá se a vires.

BERNARDO, com muito sentimento.

Não pode ser, que com a sua alma andava eu de amores.

OCTAVIO.

Com a sua alma?

BERNARDO.

Espantas-te?

OCTAVIO, sorrindo.

Não queres que me espante de amores tão novos?

BERNARDO.

Pois crê que o bom amor é este; é só dos homens.

OCTAVIO.

Quanto eu, não me namoro senão de um corpo bem feito e de uns olhos graciosos.

BERNARDO.

Isso não são amores, mas deleite de amor.

OCTAVIO.

E tu que querias de sua alma?

BERNARDO, com enthusiasmo.

Honra, riqueza, contentamento.

OCTAVIO.

Tudo isso vias n'ella?

BERNARDO, como acima.

Tudo.

OCTAVIO.

E como?

BERNARDO.

Com os meus olhos nos seus. Agora sabes que ali se vêem as almas, e se fallam.

OCTAVIO.

Pouco te dará logo da prisão do corpo?

BERNARDO.

Mas dá-me por esse corpo aquella alma.

OCTAVIO, rindo maliciosamente.

Eu te dou de boa mente todas as almas de quantas mulheres ha no mundo, e dá-me tu os seus corpos.

SCENA XII

OS PRECEDENTES e UM EMBUÇADO.

(Em quanto Bernardo e Octavio conversam do lado esquerdo do palco, vem pé ante pé um embuçado, espia que o não vejam, bate ousado á porta de Julio, faz uns signaes por gestos para alguem que entreabriu cauteloso a gelosia, e sentindo que lhe abrem a porta escoa-se para dentro da habitação. Os dois amigos não deram por esta scena muda.)

SCENA XIII

OS PRECEDENTES, menos o embuçado.

BERNARDO, com tristeza.

Os teus pensamentos são differentes dos meus.

OCTAVIO.

Não sei ser tão espiritual.

BERNARDO.

Claro está, que quem quer bem não quer mal aos olhos que o affeiçoam ; mas quem bem o sabe querer, o deleite põe a uma parte, e o verdadeiro contentamento a outra; que se isto não houvesse, pouca firmeza me darias nos matrimonios.

OCTAVIO.

Ainda tu queres mais pouca ?

BERNARDO.

E de que vem?

OCTAVIO.

Tu o dize.

BERNARDO.

De lhe enfadarem os corpos e abhorrecerem as almas. E eu a Livia buscava mais honra que apetite.

OCTAVIO.

Quanto darias pela ver?

BERNARDO, com muita melancolia.

E para quê?

OCTAVIO.

Todavia.

BERNARDO, suspirando.

Para quê?

OCTAVIO.

Partiras com esse gosto.

BERNARDO.

Mas partira com o desgosto.

OCTAVIO.

Ella, se algum bem te quiz, ficaria magoada de seu erro.

BERNARDO.

Por ambas essas razões a não veria.

OCTAVIO, ironico.

Bem lhe queres!

BERNARDO, com resolução dolorosa.

Vou-me. (Pausa.) Para que lhe hei-de lembrar, nem ella a mi? fique viva; descance; Deus lhe mude a sua má ventura em outra boa.

OCTAVIO.

Passas por esta rua, como se a não conheces.

BERNARDO, estremecendo, e reconhecendo o sitio.

Não me lembrára, se m'o não disseras.

OCTAVIO, apontando a casa de Cesar.

Conheces essas janellas?

BERNARDO, em extase.

Oh! casas! oh! janellas! tão continuadas nos meus olhos! tão imaginadas na minha alma!

OCTAVIO.

Finge que a vês, como sohias.

BERNARDO, com amargo sorriso.

Outra graça lhe achava eu certo; com outro alvoroço as via.

OCTAVIO.

Tu cuidas que poisa ahi?

BERNARDO.

Pois onde?

OCTAVIO, enfiando-lhe o braço.

Vamo-nos avante; vês aqui o castello em que a tua Livia está. (Aponta-lhe a casa de Julio.)

BERNARDO.

Aqui?

OCTAVIO.

Aqui.

BERNARDO, espantado no sombrio da clausura

Aqui está Livia?

OCTAVIO.

Aqui está.

BERNARDO, examinando a frontaria.

Têm estas casas para traz alguns jardins ou quintaes?

OCTAVIO.

Tinham, e desfizeram-se.

BERNARDO.

E porquê?

OCTAVIO.

E umas frestas e janellas que n'elles caíam, taparam-se.

BERNARDO, com explosão.

Quero mal a toda esta vizinhança.

OCTAVIO.

Que queres que façam?

BERNARDO.

Como *que façam?* Tal coisa costumais vós outros? antes as mulheres são aqui mais livres que os homens.

OCTAVIO, apontando a casa de Julio.

Na verdade, isto se estranha muito.

BERNARDO.

Como se estranha, pois se soffre? Ó minha Livia, n'este captiveiro estás tu! quão mal respondeu a fortuna aos teus merecimentos!

OCTAVIO.

Tambem ha hi mulheres!... Que sabes tu o que seu marido achou n'ella! se lhe enxergou algumas lagrimas! algúns suspiros! e alguns signaes de desgosto e arrependimento, que lhe desse causa a isto!

BERNARDO.

Não ha hi causa para isto.

OCTAVIO.

Desapaixonado és.

BERNARDO, com energia.

Ou a mate, ou a soffra.

OCTAVIO, rindo.

Tambem esses são bons extremos!

BERNARDO.

Não é melhor que dar-lhe peor vida que a mesma morte?

OCTAVIO.

Temer-se-ha de algumas suspeitas.

BERNARDO.

E não queres que todo o homem, principalmente os que casam com fermosas, desejadas de muitos, façam conta comsigo, que podia ella em algum tempo desejar outro?

OCTAVIO.

Que queres que faça d'essa conta?

BERNARDO.

Os de tão pouco saber e tão baixos espiritos o farão; mas o homem prudente ha-de ser tão confiado quando casa, que crendo de ante mão ao que se pode presumir (para que depois lhe não seja novo) confie que sua pessoa pode fazer esquecer tudo.

OCTAVIO.

Quanto a mi, enfadar-me-hia muito cuidar, que aos olhos de minha mulher podiam já outros parecer melhor que os meus.

BERNARDO.

Não tens razão.

OCTAVIO.

Não?

BERNARDO.

As mulheres são de pau, ou de pedra? não sentem? não gostam? não têem olhos? não se affeiçoam?

OCTAVIO.

Antes por mais fracas e mais affeiçoadas, não soffreria eu suspeita.

BERNARDO.

Por isso, sê tu tão discreto, que se n'ella conheces esta

affeição tão viva, ou és tão desconfiado que te pode dar má vida, a deixes e busques outra.

OCTAVIO.

Em amores me dás tu esse vagar?

BERNARDO.

E queres, se te elles cegam e forçam uma vontade livre, vingar-te em quem te não tem culpa?

OCTAVIO.

Que remedio!

BERNARDO.

Que com mimos, e branduras, e affeições, e não com asperezas e desconfianças...

OCTAVIO.

Oh! que a mulher ou ama ou aborrece.

BERNARDO.

Sim; mas antes que cáia n'estes extremos passa por muitas obrigações; e a uma affeição de olhos sómente, não os gera de maneira que com seu marido a não perca.

OCTAVIO.

Mofina Livia! quem te prendeu?

BERNARDO.

Ella estará mais rica; mas certo que estivera mais contente.

OCTAVIO, com ar significativo e mysterioso, encaminhando-se para casa de Julio.

Todavia vejamol-a.

BERNARDO, detendo-o.

Não pode ser, que por seu perigo o não tentaria.

OCTAVIO.

Para tudo ha hi remedio.

BERNARDO.

Como se pode entrar fortaleza tão guardada?

OCTAVIO.

Com a vontade.

BERNARDO.

E de quem?

OCTAVIO.

De Livia.

BERNARDO.

Quão mal Julio crerá isso, que cuida que os olhos são os que peccam! E como a veremos?

OCTAVIO.

Com te ver, ou saber de tua vinda.

BERNARDO, indicando o que quer que seja a Octavio, e detendo-o pelo braço.

Espera assi.

SCENA XIV

OS PRECEDENTES e ARDELIO, que embuçado e furtivo sai de casa de Julio.

OCTAVIO, sem o reconhecer.

Que é isso?

BERNARDO, depois de pausa, e observando cheio de anciedade.

É aquelle Ardelio que de lá sai?!!

(Pausa.)

OCTAVIO, affirmando-se melhor.

Ardelio é.

BERNARDO, no auge do pasmo.

Aquelle ! ! ! Jesus, que coisa é esta ? !

ARDELIO, afastando-se sem os ter visto, e fallando comsigo mesmo.

Ó fortuna cruel e má ! que semrazões são as tuas !

OCTAVIO, baixo a Bernardo.

Chamemol-o.

BERNARDO, chamando.

Ardelio.

ARDELIO, revirando-se, dando para elle alguns passos, e reconhecendo-o.

Ah senhor !

OCTAVIO, com muita curiosidade.

Quem te metteu n'essa casa ?

ARDELIO, com ufania e contentamento.

Mereço triumphar hoje.

BERNARDO, sem querer entender.

De quê ?

ARDELIO, com malicia.

Se soubesses minhas aventuras ! !...

BERNARDO, como que traspassado.

Dize, por tua vida.

ARDELIO, com mysterio.

Melhor será em casa, que eu não comi hoje, e a historia quer vagar.

OCTAVIO.

Tem razão.

BERNARDO.

Vamos logo.

(Saem apressados todos tres.)

(Cai o pano.)

ACTO III

Camara em casa de Faustina. Janella aberta ao fundo. Á esquerda a porta da saida; á direita as do interior da habitação.

SCENA I

FAUSTINA e CLARETA.

(Ao levantar do pano está Faustina elegantemente vestida, e com todos os affectados requintes das mulheres da sua igualha, recostada n'um divan de seda entre almofadas, espanejando-se com uma ventarola de plumas, e lançando de vez em quando o olhar pela janella. N'uma almofada aos pés de Faustina está Clareta conversando com sua ama.)

FAUSTINA.

Ha dias, que tanto á minha vontade me não lavei e enfeitei como agora.

CLARETA.

Se te o amor lava e enfeita, não queres ser differente do que d'antes eras?

FAUSTINA, com um suspiro.

Dizes verdade : aos olhos sós do meu Octavio me enfeito.

CLARETA, mirando-a e sorrindo.

Ditosos olhos que poderam ser teus espelhos!

FAUSTINA, adamando-se, e compondo ainda o trajo.

Ora olha, Clareta, por tua vida, se vês em mi algum desconcerto. Não lhe queria parecer mal em nada.

CLARETA, ageitando-lhe uma renda.

Pois por não ser tão pechosa não seria namorada.

FAUSTINA.

Namorada não; não sabes o que perdes. (Suspirando.) Bemaventuradas as casadas, que usam d'este amor limpamente!

CLARETA.

Deixa-o logo para ellas, que têem sua vida segura; mas tu, que vives do commum, porque te fazes particular a um só?

FAUSTINA.

Porquê? parece-te mal?

CLARETA.

Antes me espanto de ti, caíres em tammanho erro! Queira Deus que não venhas caír na conta, a tempo que te não preste!

FAUSTINA, com susto.

Como dizes isso?

CLARETA.

Enganas-te, Faustina, cuidando que o has-de ter sempre seguro e certo; deixa-o enfadar, e verás.

FAUSTINA, com muito amor.

Isso queres tu que eu espere de quem me tanto amor mostra?

CLARETA, com uma gargalhada.

Ai! como és parvoa! não te lembra quando tu roubaste o outro com amores falsos e lagrimas fingidas?

FAUSTINA.

E a que proposito?

CLARETA.

Como não cuidarás agora que as fingem tambem por ti?

FAUSTINA.

A verdade é tão senhora, que logo o descobre.

CLARETA, rindo.

Mais senhora é a mentira, que a lança fora cada vez que quer. (Pausa.) Eu não sei que tu achas a este Octavio...

FAUSTINA, com affecto.

Se o tu sentisses, não me culparias.

CLARETA, continuando a phrase.

que te não deva parecer melhor o rubí de Julio, e a cadeia de Patricio..

FAUSTINA, com muita dignidade.

Ó Clareta, que isso é oiro, que não farta a alma; e outro é seu mantimento.

CLARETA, com malicia.

Pois eu prometti-lhe a noite, e hei-o de cumprir.

FAUSTINA, com má vontade.

Não queria.

CLARETA, insistindo.

Que contas são as tuas, Faustina? desprezares todos por este! quando te elle deixar, como terás os outros?

FAUSTINA, com orgulho.

Elles me buscarão.

CLARETA.

N'essa confiança vives, como se outra não houvesse de taes olhos e taes cabellos!

FAUSTINA.

Encarecer-me eu tanto me fará mais desejada.

CLARETA.

Mas encareces-te tanto, que hei medo que te não vendas.

FAUSTINA.

Nunca fallece um mais appetitoso, que pague pelos outros.

CLARETA.

E queres perder tão bom bocado!!

FAUSTINA.

Mas queres que faça essa traição a Octavio?

CLARETA.

Ha hi mãe? e Octavio é teu marido? Deixa-me, que eu darei maneira com que o não suspeite.

FAUSTINA, com um sorriso triste.

Lá te avem. Olha o pego onde e em que me mettes.

CLARETA.

Mais perigoso será o da velhice pobre. Coitadas de nós, se não somos como as formigas, que encovam no verão para comer no inverno!

FAUSTINA, levantando-se e saracoteando-se diante de Clareta

Está-me bem esta saia?

CLARETA, concertando-lh'a um pouco.

A graça é o que lustra, que o pano não.

FAUSTINA.

Um bom concerto muito afeiçôa!

CLARETA.

As fermosas, quanto mais chãs mais fermosas.

FAUSTINA, depois de se perfumar com um vidro de essencias.

Cheiro-te bem?

CLARETA.

Não queria que cheirasses.

FAUSTINA, admirada.

Porquê?

CLARETA.

Deixa isso a essas velhas desdentadas, que querem encobrir a velhice com affeites; então fazem lá umas mogenifadas de misturadas, de aguas, de oleos, e de cheiros!!!...

FAUSTINA.

Se as velhas o fazem, que farão as moças!

CLARETA.

A moça cheira muito bem quando não cheira.

FAUSTINA.

Que dizes logo a esses mancebos untados e perfumados?

CLARETA.

Mereciam ser mulheres, homens que taes coisas fazem. Como os consentem os outros homens?

FAUSTINA, pasmada na palrea de Clareta.

Quem te ensinou tanta coisa?

CLARETA, com intenção.

Quem tinha mais experiencia do mundo que ti; aquella te digo eu, que vivia, e roubava, e enganava.

FAUSTINA, suspirando.

Assi o soía eu de fazer.

CLARETA.

Assi o faze; e Octavio enforque-se. Casará um dia d'estes, e tu ficarás viuva.

FAUSTINA, aterrada.

Não m'o praguejes por tua vida.

CLARETA, vendo que Faustina se está dispondo para saír á rua.

Bem escusada fôra agora lá esta ida.

FAUSTINA, pondo o manto.

Eu vou lá por meu gosto, e não pelo seu.

CLARETA.

Por isso te estima elle tão pouco. Se queres bem não o encobrirás?

FAUSTINA.

Não posso.

CLARETA.

Não podes?

FAUSTINA.

Jesu! como és crua!

CLARETA.

Crê tu que se eu fôra a ti, outra fôra!

FAUSTINA, acabando de se adereçar, e dispondo-se a partir.

Vamos por tua vida, que me canças com tua parola.

CLARETA.

Não te venha mais cançar a fome e a necessidade!

FAUSTINA.

Bom marinheiro temos; e Deus o accrescentará.

CLARETA.

Deus queres que o accrescente?

FAUSTINA.

Que queres que diga?

CLARETA, que, em quanto se estava vestindo tambem, acertou de chegar perto da janella.

Espera; não saias; parece que enxergo lá vir Octavio.

FAUSTINA, agradavelmente sobresaltada.

Vê pois se é elle.

CLARETA, affirmando-se.

Aquelle é; para cá deve vir.

SCENA II

Outra vez a vista da praça.

OCTAVIO, entrando.

Quão pouco sabe um homem em quanto é mancebo! quantos segredos tem o mundo que cá não crêem! (Pausa.) Parecia-me a mi que todo o sizo estava em não crer nada! agora me parece que está em crer já tudo. A quem crêra eu, ou quando, que uma mulher tal vida passasse, qual passa Livia, e tanto se enganasse um homem como se engana Julio! (Pausa.) Coisas nos contou Ardelio! cruezas, miserias, e vergonhas, que só de lh'as ouvirmos chorámos. E no meio d'estas miserias, tal esforço em uma mulher, que não abafa, ou não se mata! (Pausa.) E tem taes ardís e artes, que a furto do marido anda, come, pratica com quem quer, cuidando elle que a deixa como em cova. Parvo, porque não vês nem entendes, que á malicia da mulher, quando quer, não abastam portas! Se eu caso, eu não amostrarei nunca a minha mulher desconfiança, que eu por baixeza e parvoice não culpo a coitada no que commette. (Pausa.) Manda pedir a Bernardo com grandes rogos e lagrimas que a veja, pois seus peccados lhe estorvaram tanto bem; mas o meio não sei como é. Diz que hei eu de pedir a outra, que me quer maior bem que a si, que dê uma noite a Julio, para elle lá ter entrada mais segura. Parece-vos que cabe em razão commetter eu isto a Faustina? ou que será semrazão em me não querer ver nunca? Mas que hei já de

fazer? rogou-me, abraçou-me, chorou-me, venceu-me. (Reflectindo.) Eu aventuro honra, ou perda de alguma coisa? Perda é todavia aggravar uma vontade tanto minha; vergonha me ha de ser. Mas a amizade então se vê, quando se em mór pressa prova. Lá me vou. (Encaminha-se para casa de Faustina.) Não sei com que palavras lh'o peça. (Ouve-se rumor de vozes na casa do lado esquerdo.) Revolta sinto cá em casa de Cesar. (Escuta um momento, depois entra resoluto pela porta de Faustina.)

SCENA III

Sala em casa de Cesar.

PORCIA e CESAR.

(Ao levantar o pano está Cesar como tendo chegado de pouco, esbaforido e zangado a conversar com sua mulher.)

PORCIA.

Para que era isso? coitada de mi! foste lançar o azeite no fogo. Com os conselhos e rogos se escandalisa; que faria com injurias e ameaços!

CESAR.

Levantou-se-me a colera.

PORCIA.

Mas levantaste-lh'a a elle para se ir fartar em minha filha, que certo que a tem já morta.

CESAR.

Quem queres que tenha tanta paciencia?

PORCIA.

Quem têm necessidade d'ella. Agora te deixou ella mais que nunca.

CESAR.

Agora, porque tambem me fallou mais descortez que nunca.

PORCIA.

Soffrêral-o como fizeste sempre.

CESAR.

Não pude, e espero que seja por melhor.

PORCIA.

Melhor fôra e mais seguro dissimulares, e sem o elle saber ires-te ao senado chamar, e pedir que te dessem tua filha.

CESAR.

Assi o farei.

PORCIA.

Ai Cesar, Cesar! que nunca me creste! rias te de minhas lagrimas, e zombavas de meus medos. Os meus olhos e o meu coração viam já o que agora choram e vêem.

CESAR.

É verdade que eu me enganei; mas quem se não enganára?

PORCIA.

Se me tu crêras, se me tu ouviras, não te enganáras; sempre zombaste dos meus conselhos, sempre fizeste tua vontade.

CESAR.

O feito é feito; no mais, atalharemos.

PORCIA.

Atalhe-lh'o Deus, que elle só pode. Filha, que eu sempre te prophetisei este mal tammanho, e assi te entreguei a esse como a um inimigo.

CESAR.

Ah fortuna!

PORCIA.

Não te aqueixes da fortuna, senão de ti só; que culpa tem ella a quem se entrega ao mal?

CESAR.

Ora tudo terá remedio. Eu venho sem folego, e tu queres-m'o acabar de tirar.

PORCIA.

Não queres que grite e endoideça, e que me mate, lembrando-me o que te sempre disse: « Cesar, este man-« cebo creado sem pae vive á sua vontade, sem deixar « conversações de outros taes como elle; porque queres « ora aventurar tua fazenda, e tua honra? porque queres « ora, por cubiça de mais dois reis, perderes o que tens, « e veres nojos em tua velhice? não te engane o seu « trato, o seu dinheiro, que a somenos parte no homem « é o dinheiro e a riqueza. » Quantas vezes clamei isto? quantas lagrimas chorei! quão mal me creste sempre!

CESAR.

E eu porque o fiz? por ventura era Livia mais tua filha que minha? presumia eu, ou era bem que presumisse, que de Micer Julio, meu amigo, tão bom homem e tão sizudo, nascesse um tal como esse?

PORCIA.

Porque não presumias o que vias, e porque não perguntáras por sua vida? E tão semelhantes viste tu sempre os paes com os filhos?

CESAR.

Pois que queres agora! queres que me mate?

PORCIA, com aceno negativo.

Mas que não deixes matar tua filha.

CESAR.

Forte mulher é esta! e eu que faço? as consolações que me ella dá! os conselhos e os remedios!

PORCIA.

E tu queres meus conselhos nem quizeste-os nunca?

CESAR.

E teus conselhos têem razão em nada? serão acertos? desastres, e appetites!

PORCIA.

Bem o tens visto; d'essa confiança te vem a ti teres-me em tão pouco.

CESAR.

Parece que o quizeram meus peccados, que acertasses tu n'isto para mór trabalho meu, e para cada dia me tirares os olhos e a alma.

PORCIA.

A mi a tirara eu de boa mente, se podera.

CESAR.

Fizeras cá pouca falta.

PORCIA.

Bem creio eu que a ti a faria eu menos, pelo muito amor que me mostraste sempre, que nunca já uma hora me fizeste a vontade em nada.

CESAR.

Prouvera a Deus que fôra assi, que outra vida tivera eu, e outra tenho. Parece-vos que se pode isto soffrer? se a filha tal é, não culpo o que faz o outro. (Senta-se amuado a um canto.)

PORCIA.

Coitada de mi! a mi se tornam todas as culpas! Mas os homens que desprezam os conselhos de suas mulheres caem n'estes erros, como se ellas não tivessem razão

como elles. Então aos erros das coitadas não ha desculpas? os seus têem trinta mil. Minhas contas eram boas; fazia-o por taes respeitos! quem havia de cuidar? se me isso a mi parecera!... Com isto passam; e querem que as mulheres não tenham juizo, nem entendimento! e que não vejam o que vêem! e que não entendam o que entendem! (Sai muito agastada.)

SCENA IV

CESAR, só.

(Depois de longa pausa.) Não podera eu viver n'este mundo sem mulher e filhos? (Pausa; levantando-se e passeando no proscenio.) Bemaventurados os que não casam, e malaventurados os que o desejam, que não sabem o bem que têem e o mal que buscam. Em quanto um homem vive, duas obrigações tem: uma do mundo, e outra de Deus; d'estas ambas pode melhor usar sendo solteiro, que casado; pode conversar os homens mais soltamente, desenfadar-se com mais gosto, lograr-se da vida de maneira que ganhe tambem a outra com menos trabalho. Não sei quem nos cega, quem nos engana; parece que ordenou Deus este appetite nos homens, porque sem elle, mal se entregara ninguem a tammanho captiveiro; mal se conservara a geração humana; que não sem causa chamou o outro á mulher « mal necessario. » Cuidais que vos hão-de levar nada em conta! Se alguma hora acertam a ter razão, haveis-lhe de confessar que sabem mais que vós; se quereis ter vida, vós lh'a haveis de tirar por que vos não matem. (Pausa; olha para a porta por onde Porcia acaba de

sair.) De dia e de noite, na meza e na cama, em casa e fora de casa, nunca me deixa!! (Com vehemencia.) Tu o fizeste, tu o quizeste, tal o tens. E não cuida que aquillo é o que mais doe, que o mesmo engano meu. (Pausa; meditando.) Não sei que farei áquelle doido; eu vou fazer o que a mi convem. (Sai arrebatadamente em direcção á rua.)

SCENA V

A vista já sabida da praça.

CESAR, vai saindo de casa; n'este comenos vêm descendo do fundo, conversando entre si, BERNARDO e ARDELIO.

CESAR, sem ser visto, e affirmando-se em Bernardo.

Que mancebo é este? Já o eu aqui vi outr'ora. Homem de bem, parece. Não sei que é isto, que a todo o homem de bem hei agora inveja! a todo o homem quizera antes ter entregue minha filha, com mais ainda do que tenho e do que lhe dei, que a quem a tem. Coitados de nós, que a mais certa coisa que temos é o arrependimento! Mas de que vem? de se errarem os principios; d'onde se seguem os maus fins. (Sai.)

SCENA VI

OS PRECEDENTES menos Cesar.

BERNARDO, cheio de curiosidade.

Por tua vida, Ardelio, que me digas: que rostro te mostrou Livia quando entraste?

ARDELIO.

O que tinha.

BERNARDO.

Não se lhe mudou já?

ARDELIO.

Não havia ahi mudar nem contrafazer; e se alguma mudança fez, foi de mais tristeza, e de mais lagrimas.

BERNARDO.

Que te disse?

ARDELIO.

Não t'o disse já?

BERNARDO.

Dirias; mas eu não sei se te ouvi; não me lembra.

ARDELIO.

Para que perguntas logo, se não ouves nem te lembra?

BERNARDO.

Este gosto só me ficou; rogo-te que m'o mostres.

ARDELIO.

Eu não sabia que t'o havia de dizer tantas vezes como t'o disse; não o queiras mais saber.

BERNARDO.

Que lhe disseste, vendo-a assi?

ARDELIO.

O que se me offereceu.

BERNARDO.

Quê?

ARDELIO, refugindo-lhe.

Que..... bofé! que me não lembra.

BERNARDO, supplicando.

Oh! lembre-te por tua vida!

ARDELIO.

Que te parece a ti que lhe eu diria?

BERNARDO, com um suspiro.

Muito havia que dizer!

ARDELIO.

D'esse *muito* lhe disse eu um pouco.

BERNARDO.

Que pouco?

ARDELIO, insoffrido, e afastando-se.

Oh! que enfadamento este! tres vezes lh'o contei já, e não o acabou de ouvir.

BERNARDO, indo atraz d'elle.

Não m'o queres dizer?

ARDELIO.

Ouvil-o-has tu?

BERNARDO.

E eu porque o pergunto?

ARDELIO.

Para m'o tornares a perguntar logo.

BERNARDO.

Dize-m'o, que eu t'o ouvirei.

ARDELIO.

Ora lembre-te que t'o digo: disse-lhe que agora veria onde chegava um engano, e um arrependimento.

BERNARDO, vendo que elle se calou.

E mais?

ARDELIO.

Que mais?

BERNARDO.

Vai por diante.

ARDELIO, vagamente.

E outras palavras conformes aos mesmos propositos.

BERNARDO.

Quaes?

ARDELIO.

Quaes tu mesmo lhe disseras.

BERNARDO.

E ella?

ARDELIO.

N'isto levanta os olhos aos ceos, ou aos telhados (não queria nunca mentir em nada) chorando, e soluçando, e torcendo as mãos.

BERNARDO, ancioso.

Dizendo?...

ARDELIO.

Nada; mas tornou-os a baixar sem poder dizer palavra com o grande impeto das lagrimas.

BERNARDO, commovido.

Não choravas, por tua vida?

ARDELIO, rindo.

Esta é outra demanda. Não.

BERNARDO.

Não?!

ARDELIO.

Bofé não.

BERNARDO.

Porquê?

ARDELIO, com uma grande gargalhada.

Não pude; sou muito secco dos olhos; e todos por onde vimos, assi o somos.

BERNARDO, pasmado.

De que choráras logo?

ARDELIO.

De nada. Verdade é que desejei eu de chorar um pouco, por amor d'ella e de ti.

BERNARDO.

Oh! quanto folgára com isso, porque em ti conhecera ella o meu amor e a minha magua.

ARDELIO.

Quanto?! Se sem lagrimas são os amores seccos, não me fez Deus para elles. Morreu meu pae, e minha mãe, e meus avós, e meus irmãos, e nunca chorei, nem me parece que choraria, ainda que me visse morrer.

BERNARDO.

Chorarias, se tu bem quizesses.

ARDELIO.

Antes, por não chorar, hei-de trabalhar por querer sempre mal.

BERNARDO, com amargo sorriso.

Gracioso estás, que em tammanha magua me fazes rir por força.

ARDELIO.

Não é melhor que chorar por vontade?

BERNARDO, um pouco enfadado.

Finalmente, em que ficaste?

ARDELIO.

No que já sabes.

BERNARDO.

Eu que sei?

ARDELIO, com fingido agastamento.

Cuido que me queres fazer chorar de raiva com tanta pergunta?

BERNARDO.

Com que palavras t'o disse? com que geito? com que olhos?

ARDELIO.

As palavras, creio eu que eram venezianas; o geito, me não lembra, nem os olhos.

BERNARDO, com modo aspero.

Parece-me que queres chocarrear a cinte.

ARDELIO.

Muitos outros chocarreiros verás a cinte, e que porventura ganham mais com suas graças contrafeitas, que eu com as minhas naturaes.

BERNARDO.

Assi, que te disse que me queria ver e fallar?

ARDELIO.

E mais á noite, que é grã peça.

BERNARDO.

Como se não teme do marido?

ARDELIO.

Porque lhe não quer bem.

BERNARDO.

Tens razão.

ARDELIO.

Cuidas tu que pode com a mulher mais o medo que o amor?

BERNARDO, com signal negativo de cabeça.

Nem com os homens tão pouco.

ARDELIO.

Está a coitada, que não pede senão morte, nem deseja outra coisa; e arreceará commetter nada.

BERNARDO, com jubilo.

Se Octavio faz o que me prometteu, quem é mais ditoso que eu?

ARDELIO, vendo Octavio saír furtivamente de casa de Faustina.

Agora o saberás, que eil-o sai.

BERNARDO, com anxiedade.

Que voltas me dá o coração! Mande-me Deus ora algumas boas novas.

SCENA VII

OS PRECEDENTES, OCTAVIO e FAUSTINA.

(Depois de saír a porta e dar alguns passos na rua, sem todavia reconhecer os amigos, volta Octavio a traz, a porta entreabre-se, e Octavio falla com Faustina, que o acompanhou até á porta, e de pé no limiar escuta o seu amante e chora.)

BERNARDO, vendo os movimentos de Octavio.

Mas a que se torna dentro?

OCTAVIO, para Faustina.

Outra vez te prometto: esse amor e essas lagrimas, minha Faustina, não me merecem enganar-te. Peza-me somente do teu desgosto; nem desconfies, que eu sou teu, e o serei sempre.

BERNARDO, que junto com Ardelio permanece em espia no lado esquerdo do theatro.

Muito se detem.

ARDELIO, baixo.

E sai affrontado.

OCTAVIO, despedindo-se de Faustina, afastando-se d'ella em quanto ella fecha a porta, e descendo o palco a passos vagarosos, sem ainda dar com Bernardo e Ardelio.

Se tal soubera, rira-me de Bernardo. Corrido venho do que passei com esta. Tanto que lhe toquei no caso, deu-se por aborrecida de mi, e a mi por enfadado.

BERNARDO, observando Octavio, e baixo para Ardelio.

Parece-me que o enxergo triste.

OCTAVIO, continuando a fallar para si.

Lançou mãos aos cabellos e aos toucados, chamando-se enganada, e fazendo extremos de uma doida. Não cuidei que n'estas mulheres se achasse amor tão inteiro!

BERNARDO, dando alguns passos para Octavio, que ainda o não viu.

Não posso mais esperar.

OCTAVIO, proseguindo o seu monologo.

Emfim, não fiz mais que anojar a ella, e ella envergonhar a mi, que nem me deixou dizer para que lh'o pedia.

BERNARDO, chegando-se a elle, e batendo-lhe no hombro.

Que novas trazes? que novas me dás, meu Octavio?

OCTAVIO, reconhecendo-o, e depois de breve pausa.

Não quiz Faustina.

BERNARDO.

Não quiz?

OCTAVIO.

Digo-te que mais me quizera morto, que ver-me na affronta em que me vi com ella.

BERNARDO, com exaltação.

Que farei logo?

OCTAVIO.

Não te agastes. Julio é bargante; não pode ser que em quanto aqui estiveres não acertemos uma noite.

BERNARDO, muito triste.

Oh! que não nasceu para mim nenhum bom acerto.

ARDELIO, adiantando-se.

Ninguem entende essa senão eu.

OCTAVIO.

Que entendes?

ARDELIO.

Ella o mostrará cedo. Tu vigia, e guar'te.

BERNARDO.

Pois a fortuna se vingou em mi, no mais eu não o hei-de estranhar. Ao menos lograr-se Julio do que lhe ella deu, e a mi negou!

OCTAVIO, olhando para longe, para dentro dos bastidores.

Este parece elle, que cá vem.

ARDELIO.

Quem?

OCTAVIO.

Julio.

BERNARDO, observando tambem.

Este é.

ARDELIO.

Não é.

BERNARDO.

Não é este Julio?

ARDELIO, com insistencia.

Não.

OCTAVIO.

Como não?

ARDELIO.

Quem o saberá melhor? elle, ou tu? É um seu amigo, que lhe anda arrecadando as peças.

BERNARDO, para Octavio, rindo.

Octavio, ah! ah! ah!

ARDELIO, apontando Julio que vem entrando.

De má graça vem; deixae-me com elle, e escondei-vos para aqui, e rireis um pouco.

(Escondem-se todos tres á pressa atraz de uma esquina, espreitando e rindo á sucapa.)

SCENA VIII

BERNARDO, OCTAVIO e ARDELIO meio occultos, JULIO que entra cabisbaixo e meditativo, e desce o palco mui de vagar.

JULIO, comsigo mesmo.

Não sei quem diz que um mal é começo de um bem. Eu digo que um bem é começo de um mal, e um mal começo de muitos males.

ARDELIO, baixo e rindo.

Bernardo, matemos este, que mata Livia; sós estamos, não ha testemunha.

OCTAVIO, baixo, rindo tambem.

Tal colerico houvera ahi, que tomára teu conselho.

JULIO, comsigo mesmo.

Dou ao diabo Benedicto, dou ao diabo meu sogro, dou ao diabo aquelle rapagão que zombou de mi, que assi todos me enfadaram e cançaram.

ARDELIO, saindo do seu escondrijo, dando alguns passos de grotesca feição pelo tablado, e fingindo procurar a um lado e outro.

Dou ao diabo este Julio amigo de Benedicto, que o não posso descobrir hoje.

OCTAVIO, apertando as ilhargas.

Ah! ah! ah!

ARDELIO, como acima.

Dou ao diabo aquell'outro seu amigo com que hoje fallei, que o não vejo nem parece.

OCTAVIO, em voz sumida para Ardelio.

Vales quanto ha no mundo!!

JULIO, que ouviu a voz de Ardelio.

Quem oiço eu?

ARDELIO, á parte.

Viu-me, chego-me.

JULIO, reconhecendo-o a furto; á parte.

Que farei? hei-de soffrer que se vingue este assi de mi?

ARDELIO, alto para Julio, e com seriedade comica.

Ó amigo de Julio, tens já prestes?...

JULIO.

Que hei-de ter prestes?

ARDELIO.

Teu estrumento e tuas testemunhas.

JULIO, exasperado.

Tão pouca vergonha tens! que fôra se mandára vir Julio d'onde está para arrecadar..... o vento!

ARDELIO.

Que vento?

JULIO.

Que peças ou que mentiras são as tuas?

ARDELIO, com seriedade ficticia.

Julio,..... ou..... digo : Amigo de Julio, se mal fallares, mal ouvirás.

JULIO.

Fui saber do piloto da nau de Genova; disse-me que não trazia esse teu amo mais fato que o de sua pessoa, e que o sabia em certo.

ARDELIO, admirado.

Isso te disse?

JULIO.

Perante trinta homens que dirão o mesmo.

ARDELIO.

Foste ditoso em o crêres logo.

JULIO.

Em quê?

ARDELIO, com subito estratagema.

Se apertáras com elle, caíras na verdade, que meu senhor pelas salvar do frete e dos direitos as escondeu que as não visse elle.

BERNARDO, baixo para Octavio.

Que dirás a este?

OCTAVIO, baixo para Bernardo.

É diabo; atarracou-o.

(Pequena pausa.)

JULIO, depois de meditar.

Onde as tem?

ARDELIO.

Não tens necessidade d'isso. Virá Julio, e achal-as-ha se as quizer, pois te tu enfadas de as negociar por elle.

JULIO.

Perdoa-me, que cuidei que me enganaras.

ARDELIO.

Não me espanto, porque que amigos pode ter esse?

JULIO.

Mas, por tua vida, já que me metti n'isso, e tenho fallado a Fabricio, e com tudo prestes quando fui á nau, cuidei que era engano; que ordenes de maneira com que lhe eu faça esta boa obra.

ARDELIO, com finura.

Como te chamam?

JULIO, corrido.

Para que o perguntas?

ARDELIO, como acima.

Não queres que diga a meu amo com quem fallei?

JULIO.

Não é necessario; basta que sou um amigo de Julio, de que elle confiará tudo.

ARDELIO.

Tirando a mulher.

JULIO.

Ora te digo que a mulher tambem.

ARDELIO.

Não és tu logo seu amigo, mas és seu corpo e sua alma.

JULIO.

Assi; sou sua alma, e elle é a minha.

ARDELIO.

Muito ruim alma tens!

JULIO.

Digo, porque entre os bons amigos ha uma só alma.

ARDELIO.

Essa será boa; mas do amigo máu como esse, será tão má que damnará as outras.

JULIO.

Tu não o conheces, e queres-lhe mal?

ARDELIO.

Peor é conhecêrel-o tu, e quereres-lhe bem.

BERNARDO, rindo, e baixo para Octavio.

Eu se não vira isto, não o crêra.

OCTAVIO.

Nem o crerá ninguem a quem o contar.

JULIO.

Ora eu me torno a negociar; pode ser que ainda hoje se arrecadem.

ARDELIO.

Vejo-te d'outro cabo tão sollicito, que parece que tens n'isto algum quinhão.

JULIO.

Que melhor quinhão queres tu que a boa amizade? O homem de bem ha tanto de folgar com o bem de seu amigo, como com o seu proprio, que outro dia fará elle por mi o mesmo.

ARDELIO, com intenção.

Mas cuido que o faz sempre. Emfim, lá te avem; e se tardares, tu perderás esse gosto, e elle seu proveito. Meu senhor está de caminho, como te disse; tornal-as-ha a mandar a Genova.

JULIO, á parte, depois de se despedir de Ardelio por aceno.

Parece-me que hei-de vir ainda a dar ao diabo as peças com tantos encarregos. Já este dia assi ha-de passar. O outro que vier, Deus o melhore.

(Sai.)

SCENA IX

OS PRECEDENTES menos Julio.

(Depois de elle saír saem os dois do seu escondrijo, andam algum tempo a tombos de riso a um lado e outro, sem proferirem palavra. A final diz)

ARDELIO, apontando com o dedo o sitio por onde Julio se foi.

Apeçonhentado vai; que vos parece?

OCTAVIO.

Coitada da mulher e do sogro, que tão boa honra têm n'este!

BERNARDO, tornando-se serio.

Mais coitado de mi, a quem estimaram menos que a elle!

ARDELIO.

Souberas tu tambem caçar; dêsque teve a preia nas mãos, tornou ao seu. Não é a condição coisa que se tanto tempo encubra.

OCTAVIO.

Andava aquelle velho tão cego, que o mal d'este lhe parecia bem; agora algum bem, se o tiver, lhe parecerá outro tanto mal.

BERNARDO.

Ora nos vamos; vigiemos esta noite.

ARDELIO.

Ás vezes estão os acertos guardados a quem os busca.

(Saem os tres.)

SCENA X

A mesma camara da scena I d'este acto, em casa de Faustina.

FAUSTINA e CLARETA.

(Clareta desencosta-se da janella do fundo onde estava tomando o fresco da tarde. Faustina entra da porta da esquerda, que é a da saída, com modo entre arrebatado e triste, enchugando os olhos, e lagrimejando.)

FAUSTINA.

Ai Clareta, tal ha no mundo! e taes são os homens!

CLARETA.

Ai Faustina, que te dizia eu? aprenderás ás tuas custas, pois não quizeste ás alheias.

FAUSTINA, atirando-se para o divan.

Somos tão coitadas e tão parvoas, que os queremos e desejamos.

CLARETA.

Agora saberás que o amor tanto se estima, quão caro se vende.

FAUSTINA.

Oh! que não é isso amor, mas roubo. Que crerás já, ou a quem crerão? (Chorando.) Oh! meu Octavio! oh! meu amor! oh! meu mano!

CLARETA, arremedando-lhe o tom.

Oh! teu ladrão! oh! teu rafião! oh! teu enganador!

FAUSTINA, continuando.

A quem me eu dei toda, que tantas vezes jurava que outra coisa não queria.......

CLARETA, acabando-lhe a phrase.

Senão lograr-se de ti quantas vezes quiz, e depois passar-te a outro.

FAUSTINA.

Não pode ser, senão que me quiz tentar.

CLARETA.

Ai como te vejo tornar a metter no fogo! Faustina, olha o que te cumpre; estes parvos dormem tão seguros sobre seus enganos, que não acordam senão depois que se acham n'elles. Já que tão bem contrafizeste teu nojo, deixa-me, que eu o trarei ás redes. (Preparando-se para sair, tomando o manto, e saindo.) Vou onde te disse.

SCENA XI

FAUSTINA, só.

(Fica por muito tempo encostada, como que absorta e alheia a tudo. Por fim exclama :)

Coitada de mi! que farei, que me não soffre o coração lançar fora a quem tammanho logar dei n'elle, quem me mudou tanto da que d'antes era?! Quantos se mataram por mi! quantos se destruiram! quantos choraram de dia e de noite, uns enganados, outros roubados, sem minha vontade se dar a algum! Este Octavio me affeiçoou, assi que não sei viver sem elle. Amo-o, desejo-o, n'elle cuido, n'elle sonho; (com ironia triste) olhae quão bem o emprégo!

(Levanta-se.) Não me pode lembrar sem lagrimas o rosto e a desenvoltura, com que me veio com aquelle requerimento. Então, guardae verdade! tende amor a ninguem! (Pausa.) Coitadas de nós! se amamos, somos aborrecidas; se não amamos, roubamos. E emfim, melhor é o roubo pois nos enriquece, e os roubados vão mais contentes. (Com muito sentimento.) Mas minha condição não era essa; sempre desejei um bom amor. Agora que cuidava que o tinha, não o vejo. Enganaste-me, Octavio! não t'o merecia; trabalho me será esquecer-te. Trabalho será aos meus olhos não te verem; mas por que outra vez não se enganem, fiquem com esta mágua.

(Pausa.) Clareta, por derradeiro, é minha amiga; porque terei eu amor a quem m'o não tem?

(Fica chorando encostada ás almofadas do divan. Cai o pano.)

ACTO IV

A mesma sala do acto I em casa de Julio. É noite. Uma candeia allumia o aposento.

SCENA I

JULIO, desusadamente alvoroçado e alegre. Está de sombreiro e capa, como para saír.

Não cuidei que tão bem acabasse o dia. Forte cubiça de anel foi esta, que o não guardou Faustina para mais tarde! Logo eu hoje enxerguei na moça bons desejos; e com tanto alvoroço me veio chamar agora, que parecia que lhe fugia. (Pausa; passeia e medita.) Mas com que mentira encobrirei eu esta minha ida a taes horas, que me não entendam? (Aponta para o interior da sua propria casa.) Dou ao diabo esta velha, que já estive por vezes para a lançar fora de casa; e hei-o de vir a fazer. Não sei quem a fez tão endiabrada! parece que tem algum espirito familiar que lhe diz quanto eu faço, que já agora no seu rosto e nos seus olhos entendo eu que me entende. Mas como a enganarei? Ora! andar! boa dissimulação tenho.

(Chega a uma das portas interiores e chama.)

Bromia!

A VOZ DE BROMIA, á parte.

Já me chama; começará com seus esconjuros.

JULIO, impaciente, tornando a chamar.

Bromia!

SCENA II

O PRECEDENTE e BROMIA no limiar da porta.

BROMIA.

Que mandas?

JULIO, fazendo-lhe signal para que se adiante, e venha fallar-lhe ao meio do theatro; com voz melliflua e amigavel.

Quanto me deves pela confiança que em ti tenho!

BROMIA.

Deus o sabe.

JULIO, com affectada naturalidade.

Eu sou convidado para uma certa festa de um meu amigo; por isso (afasta a capa, e apparece todo aperalvilhado) vou assi de festa. Não me parece que tornarei esta noite.

BROMIA, com o seu ar azedo.

Para que me dás essas contas? avezado és ires e vires, quando e cada vez que queres. Achaste por ventura alguma hora as portas abertas a outrem, e fechadas a ti?

JULIO.

Não papeies; por isso t'o digo, por que durmas descançada de me vires abrir.

BROMIA, á parte.

Quem tivesse o teu descanço!

JULIO.

A porta, da maneira que a eu deixar, assi fique até que eu torne.

BROMIA.

Que não seja mais, que pelo costume ella o fará já de si.

JULIO.

E porque muitas vezes acontecem enganos, fallo isto pelo que já vi. Ainda que outrem venha com recado meu, ou diga que sou eu, não lh'o creias.

BROMIA.

De que servem tantos medos, por tua vida!? quem vês, ou quem ouves, para os teres de ninguem?

JULIO.

Isto não são medos, mas sizos; ás vezes acontece o que homem não cuida; e por não cuidar no que pode acontecer, vem a caír no perigo sem remedio.

BROMIA.

Bom é atalhar em tempo; mas.....

JULIO.

E que melhor tempo que este? Sabes tu se está ali por ventura (aponta para o lado da rua) alguem espreitando quando eu saio, e me pode contrafazer tão bem a falla, que te engane e lhe vás abrir?

BROMIA, com muitos escarceos.

Ai que mau homem! ora dou-lhe que aconteça isto; em entrando não haverá ahi olhos que o conheçam?

JULIO, assustado.

Em entrando? e querias que entrasse?

BROMIA.

Que peccado era entrar, cuidando que eras tu?

JULIO.

Mas que peccado é avisar-te eu para que não entre? não poderá elle mais que ti? não te matará? ou não te tapará essa bocca para fazer tudo a seu salvo?

BROMIA.

Como te pode caír isso no pensamento, que nunca se viu nem se ouviu?

JULIO.

Porque o tu não viste nem ouviste, crês logo que ninguem o veria nem faria? por isso eu digo que quem não vê não sabe o caso; e eu não quero que ainda que eu mesmo torne (olha o que te digo!) ainda que eu mesmo torne, não quero que me abras.

BROMIA, pasmada.

Que dizes?

JULIO.

Isto que ouves.

BROMIA.

Ainda que tornes?

JULIO.

Ainda que eu torne.

BROMIA.

Que te não abra?

JULIO.

Que me não abras.

BROMIA.

Isso me mandas?! não cuidarás que te pode acontecer coisa, por ventura, que te obrigue a vir a casa? ou se te arrependerás da ida e do caminho?

JULIO.

Eu que t'o digo, bem sei que não hei-de tornar.

BROMIA.

Se tornares?

JULIO, com intimativa.

Mata-me e não me abras, ainda que brade e que grite, e tu me vejas e conheças. Crê que é o diabo e não sou eu, porque eu vou para não tornar, nem mandar recado algum; ouves-me tu?

BROMIA.

Oiço, mas não sei como isso seja; não queria ter mais guerra comtigo da que tenho. Hei-te de ver eu estar batendo á porta, e não te hei-de abrir?

JULIO, impacientissimo.

Se te digo...... (esta é a mais perra velha do mundo!) que nem hei-de tornar, nem me has-de ver, e ainda que me vejas me não abras!!

BROMIA, resignada e rindo á socapa.

Digo que assi o farei, pois m'o mandas. Quem crêra tal!

JULIO.

Deitae-vos logo, apagae a candeia, e dormi descançadamente.

BROMIA.

Aosadas.

JULIO, batendo-lhe no hombro.

E lembre-vos o que vos sempre digo: que vivamos em paz.

(Embuça-se no capeirote, carrega o sombreiro, e sai.)

SCENA III

BROMIA, só.

De quantos desastres os bons acham pelo mundo, não haverá um só para este mau, que o mate? Homem é isto? alma tem este? razão tem este? (Com desconfiança.) Faz-me crer que cheirou já os recados de Bernardo, e que nos vai espreitar a todos. (Pausa.) Coitada de mi, que nunca pude tirar Livia de tammanho commettimento! offerecida está a seu perigo; o odio que tem a este (aponta para o sitio por onde saíu Julio), e o amor de Bernardo, lhe dá este animo e affoiteza. Hoje lhe mandou dizer que a desejava ver; hoje se foi ordenando como se vissem. Ociosos! enganados! cegos! quero ver, antes que o outro acerte de vir, se a posso tirar de sua teima.

(Sai.)

SCENA IV

Outra vez a praça, para onde dão as casas de Julio, Cesar, e Faustina. É noite. Ouvem-se muito por longe tanger frautas suavissimas, e no vago, para a banda de S. Marcos, as barcarolas nocturnas do canal. Uma ou outra casa, aqui, ali, tem luz. Brilha a lua cheia no esplendido firmamento da Italia. Vão-se esvanecendo os rumores a pouco e pouco.

JULIO, só.

(Sai de casa, preoccupado, cheio de incertezas deliciosas, e de amor. Detem-se alguns instantes no proscenio.)

Bem cuidada deixo a minha mentira. (Desembuça-se; põe a mão sobre o coração.) Mas que alvoroço é este que eu levo

no meu espirito? vou-me assi, deixo minha mulher moça toda uma noite só, offerecida a se vingar de mi e fazer o que quizer. (Pausa.) Mas que pode acontecer? ella fica fechada, e será já deitada. Tão mofino serei eu que logo o perigo estê mais prestes agora que outrora? mal fiz de dizer que não havia de tornar; melhor fôra tel-as seguras com meu medo. (Pausa.) O alvoroço me enganou; torno lá. (Dá alguns passos para casa, mas detem-se.) Mas para quê? tão pouco me temem que ousem nada? (Torna a embuçar-se, e vai para partir.) Uma noite asinha se passa. Com o prazer de Faustina me esquecerá este medo.

(Entra furtivo para casa de Faustina; com a pressa, esquece-lhe fechar a porta da rua.)

(Pequeno intervalo de alguns minutos. Para o preencher, soam as barcarolas. Depois d'elle, apontam á esquina, embuçados em suas capas, Bernardo, Octavio, e Ardelio. Ardelio ahi os detem com o gesto, impondo-lhes silencio com o dedo sobre os labios, e vai pé ante pé rondar a porta de Julio. Bromia, que o pressente, entreabre a gelozia, e conversa com elle por acenos; elle dá-se por entendido; e no bico dos pés, como viera, se torna á esquina onde o esperavam os dois mysteriosos. Ahi lhes narra Ardelio por gestos o que quer que seja, de pois do que descem todos tres o palco com grande cautela e fallando baixo; encaminham-se para defronte da casa de Julio.)

SCENA V

BERNARDO, OCTAVIO, ARDELIO.

BERNARDO, com receio e desconfiança.

Bromia t'o disse, Ardelio? como poude?

ARDELIO.

Não sei como poude, mas disse-m'o.

BERNARDO.

Não receio senão ser tão mofino, que em tammanho prazer como este me queira empecer a fortuna a cinte.

OCTAVIO.

De que te vem essa desconfiança? não tens que arrecear.

ARDELIO, para Bernardo, indicando-lhe primeiro o coração d'elle Bernardo, e depois as pessoas dos presentes.

Bom coração, e costas que te segurarão o campo; de que has medo?

BERNARDO, com enthusiasmo.

Mal me entendeis ambos. Se com minha morte se encobrisse a infamia de Livia, seguro e perfeito seria o meu gosto.

OCTAVIO, rindo.

Ora te digo que é esse um bom escrupulo! Se ella isso não teme, porque o temes tu?

BERNARDO.

Porque o amor que me tem a faz não temer; e eu não lh'o queria pagar mal.

ARDELIO, animando-o.

Não ha de que temer; Julio é fora; nós vigiaremos. Logra-te da noite, e não esperes a manhã.

BERNARDO.

Não creio que me hei-de ver em tammanho bem, até que me não veja n'elle.

OCTAVIO.

Porque temes logo o mal, sem te veres n'elle?

BERNARDO.

No mór bem se ha-de arrecear mais o mal.

ARDELIO, com seriedade comica.

Ora espera, a mi me parece que acho um bom seguro.

BERNARDO, ancioso.

Dize, por tua vida.

ARDELIO.

E tu, Octavio, julga se fallo bem.

(Bernardo e Octavio acercam-se muito de Ardelio; este continúa, dirigindo-se a Bernardo.)

Torna-te para casa; irei a Livia, dir-lhe-hei que não queres ir.

BERNARDO, espantado.

Que dizes? bom!

ARDELIO, sorrindo malicioso.

Este é o melhor remedio para teu medo.

OCTAVIO, com uma gargalhada.

Ah! ah! ah! eh!

BERNARDO, vendo Ardelio encaminhar-se para a porta de Julio.

Velhaco, que fazes? onde vás?

ARDELIO, parando.

Que me queres? seguro-te.

OCTAVIO.

Nunca melhor fallou.

(Pausa. Os dois encaram Bernardo, que muito serio permanece na sua longa indecisão.)

BERNARDO, com certa resolução, para Ardelio.

Chega-te á porta; vê se é tempo.

ARDELIO, ironico.

Olha o que fazes; os desastres andam mui correntes; e mais de noite! pode ser que aches uma bombarda nos peitos em entrando.

BERNARDO.

Não curemos de mais graças.

(Ardelio encaminha-se de novo para a casa, e tem com Bromia outro dialogo mudo á gelosia.)

OCTAVIO, para Bernardo, indicando-lhe Ardelio.

Aconselha-te bem; á falla está.

ARDELIO, chamando de longe e com voz sumida a Bernardo

Aqui está. St! st!

OCTAVIO, para Bernardo.

Acolhe-te, e entrega-te.

BERNARDO.

Ó fortuna! acaba bem tão bons começos.

(Entra furtivo e cauteloso em casa de Julio; a lua sumiu-se de todo; a noite escureceu.)

SCENA VI

OCTAVIO e ARDELIO.

OCTAVIO, vendo cerrar-se a porta.

Boa foi a entrada.

ARDELIO.

Tal será a saída.

(Pausa.)

OCTAVIO.

Que faremos agora?

ARDELIO.

Eu t'o direi. (Põem-se ambos a escutar uma voz que vem de longe cantando e aproximando-se.) Quem vem lá cantando?

OCTAVIO.

Aquelle parece Janoto.

SCENA VII

OS PRECEDENTES, e JANOTO.

ARDELIO, chamando.

Janoto.

JANOTO.

Quem é?

ARDELIO, com ar de mysterio.

A bom tempo vens; o negocio está pacifico. (Para Octavio.) Tu te devias ir, que nós abastamos.

OCTAVIO.

Assi me parece. (Reflectindo.) Eu onde posso já melhor passar esta noite, que com Faustina? (Para os dois.) Se alguma coisa acontecer, vôe Janoto.

(Janoto dá-se por entendido, e fica meio sumido na sombra a conversar baixinho com Ardelio; Octavio continúa, passeando no proscenio, e fallando comsigo mesmo.)

Quão gostosas são as obras da amizade, que o teu trabalho tomas por grande gosto, e o gosto do teu amigo por teu proprio! (Pausa.) Parece que se me carrega a consciencia em me ir agora d'aqui. É este Bernardo de tão boa arte, que, sendo estrangeiro, não somente o hei por natural, mas por amigo e por irmão. Quantas vontades prende a boa condição e sizo! peza-me na alma de se ir d'esta terra. Dera muito do meu pelo ver casado com Livia; e melhores foram seus fados do que são. Ao menos,

creio eu que outro nenhum tão bello lhe podera fazer o que agora fez por elle. Vêde ora se a poderam ter todas as prizões e chaves! E Julio tão cego, que nem lhe vem pelo pensamento a que vieram parar todos os ardís dos seus ciumes.

(Encaminha-se para casa de Faustina. Ao entrar repara em que está aberta a porta da rua.)

Olá! que descuido foi este? porta aberta a taes horas!

(Entra.)

SCENA VIII

ARDELIO, e JANOTO.

(Continuam meio escondidos e embuçados.)

ARDELIO, depois de longa pausa.

Quanto agora, vingar. Bofé, Janoto, nós vamo-nos buscar nossa vida.

JANOTO.

Bem te parece isso?! e Bernardo?

ARDELIO.

Não é esta a primeira aventura. Homem é que dará bom recado de si em toda a parte.

(Longa pausa.)

SCENA IX

OS PRECEDENTES e JULIO, de quem primeiro só se escuta a voz, escondido em casa de Faustina, e que passadas poucas fallas apparece em scena.

A VOZ DE JULIO, em tom colerico.

Assi se faz isso? ah! rafião! traidor! infame!

JANOTO, prestando ouvidos.

Que brados são os que oiço?

A VOZ DE JULIO, como acima.

Ah! traição! ah! má mulher! covil encobridor de ladrões!

ARDELIO, escutando.

Eu não conheço aquella falla.

A VOZ DE JULIO, como acima.

Tinham-se concertado? eu te conhecerei, quem quer que és.

(Sai Julio de casa de Faustina, e vem cheio de ira e confusão, descendo o theatro em grandes vozes.)

JANOTO.

Para que vem?

JULIO, ameaçador para a casa de Faustina.

Antes de amanhã a estas horas, um e outro saberão com quem o houveram, pois depennaria eu quantas barbas tenho, se com esta me escapassem. Parece-vos, se foi grande valentia saltar com quem estava á meza para cear, tão seguro como quem estava com uma mulher ás

portas fechadas! e ella tinha-as abertas ao rafião! ah! beleguinazo! fugidiço das galés! eu o acolherei.

JANOTO, reconhecendo-o.

Este parece Julio.

JULIO, continuando.

Não de balde me detinha ella em jogos e em trapaças! e toda a festa era ao meu anel, que me logo arrebatou em entrando.

ARDELIO, observando e rindo de soslaio

Janoto, boa; este é Julio.

JANOTO.

E vai-se direito a casa.

(Desce Julio o palco até sua casa, e bate á porta tres fortes pancadas.)

ARDELIO, baixo a Janoto.

Janoto, boa; pode ser mór mofina?

JANOTO.

Escondamo-nos um pouco para aqui; veremos em que pára.

JULIO, desesperado.

Não ouvem.

(Torna a bater tres argoladas.)

JANOTO, rindo como um perdido.

Que graça se não ouvissem nem abrissem!

(Escondem-se melhor atraz da esquina, d'onde esprcitam.)

SCENA X

OS PRECEDENTES, BROMIA á janella, abrindo a gelosia.

BROMIA, á parte.

Coitada de mi se é Julio! que farei?

(Julio torna a bater quatro valentes argoladas repenicadas, de mão de dono da casa; Bromia falla de cima.)

Quem está ahi? quem bate?

JULIO.

Abre lá.

BROMIA.

Quem é?

JULIO, com voz aspera.

Quem ha-de ser? outrem costuma por ventura bater a esta porta senão eu?

BROMIA, baixo, para dentro de casa.

Somos perdidos. Elle é. Escondei-vos bem, em quanto o detenho. (Alto para Julio.) E quem és tu?

JULIO, zangado.

Abre, que eu sou.

BROMIA

Não te conheço; nomeia-te.

JULIO, em voz clara.

Sou Julio; conheces-me?

BROMIA, com um rir de bruxa.

Julio! não pode ser; o diabo serás tu mais azinha.

JULIO.

Não me conheces?

BROMIA.

Deus! ainda seus esconjuros me valem. Não entrarás cá hoje.

JULIO.

Porquê?

BROMIA.

Porque aqui não entra senão Julio, cuja a poisada é.

JULIO, furioso.

E eu quem sou?

BROMIA, com uma gargalhada.

Tu o saberás.

JULIO, em tom paciente.

Não sou eu Julio, que fui d'aqui esta tarde?

BROMIA, no mesmo tom.

Não te parece que o conhecerão aqui?

JULIO.

Pois como me não conheces?

BROMIA.

Porque não sei quem és.

ARDELIO, lá do seu canto, baixo.

Ó boa velha, Deus te faça moça se lhe não abres.

JULIO, como recordando-se.

Já, já; lembra-me o que deixei dito. Aconteceu tornar; que remedio? não me vês tu?

BROMIA, malignamente.

Vejo que não és elle, nem que o fosses te abriria.

JULIO, amargurado.

Que farei?

BROMIA.

Vai embora; se és espia que cá manda, dize-lhe que bem pouca necessidade tem d'ellas.

ARDELIO, cheio de jubilo, baixo a Janoto.

Janoto, vivo; esta velha me segurou; não lhe quer abrir.

JANOTO, admirado.

Como não?

ARDELIO.

Nega-o, como se elle hoje negava.

JULIO, em tom carinhoso e languido.

Bromia, não gracejes, que não são horas; abre; e senão.....

BROMIA.

Mas quem és tu, com quem fallo, ou a quem hei-de abrir?

JULIO.

A mi.

BROMIA.

E porquê? és tu Julio?

JULIO.

Pois quem?

BROMIA, muito espevitada.

Ou sejas ou não sejas, podes-te tornar por onde vieste.

ARDELIO, baixo a Janoto.

Não me parece que o diabo ousará tanto.

JANOTO.

Serão feros de Bernardo, que o não deixem entrar.

JULIO, insoffrido.

Velha, que graças estas tuas!

BROMIA, muito serena.

As que vês; como podes tu ser Julio, se elle deixou dito que não havia de vir?

JULIO.

É verdade que disse eu isso, porque cuidei que não tornasse; mas se me vês e ouves?

BROMIA.

Oiço e vejo; mas tu não és esse; e se esse és, tu me disseste que te não cresse.

ARDELIO, baixo a Janoto e rindo.

Pode-se crer isto?

JANOTO.

Não te rias tão alto, que te ouvirão.

(Pausa.)

JULIO, em tom manso outra vez.

Não me queres abrir?

BROMIA, arremedando-lhe o tom supplicante.

Não te queres ir? não é esta a casa, em que de dia nem de noite, quanto mais a estas horas, costuma entrar ninguem senão seu dono?

JULIO, repentinamente irado.

Ah! cão de mi! e quem é seu dono?

BROMIA.

Ao menos, não já tu. Se erras a porta, acerta-a, que não poisa aqui quem cuidas.

JULIO, na maior furia.

Velha malaventurada! comida dos bichos! alma do diabo! porque me não abres?

(Ameaça-a em vão, e de punho cerrado, com os assomos mais descompostos de ira comica.)

BROMIA, muito secca.

Agora si; com esses rogos bem podes entrar.

(Fecha-lhe a janella na cara com grande estampido.)

ARDELIO, baixo a Janoto.

Fechou-lhe a janella.

SCENA XI

ARDELIO e JANOTO escondidos, JULIO no meio do palco em grande confusão.

JULIO.

Tammanha má ventura foi a minha que me trouve a isto?! Sou eu Julio, ou não? Conheço-me eu, ou perdi-me?

JANOTO, baixo a Ardelio.

Viste tal acontecer?

JULIO, continuando as suas lastimas.

Fazem mais a um marido atraiçoado?

ARDELIO, baixo a Janoto.

Justamente; fallou ao pé da lettra.

JANOTO, baixo.

Ainda o elle não crê..

JULIO.

Que farei? onde me irei a estas horas? medo hei que me ouvisse a vizinhança. Parece-vos que tenho mulher? ou casa? ou honra?

ARDELIO, baixo a Janoto.

Em ponto estou de o fazermos ir mais de pressa.

JANOTO, baixo.

Demos-lhe uma coçadura?

ARDELIO, como acima.

Não é bem, que perigará Livia e Bernardo.

JULIO, cabisbaixo, passeando, e de braços cruzados.

Não fôra eu antes morto, que passar estas vergonhas que passei dêsque hoje saí d'esta casa até agora!!

ARDELIO, baixo.

Se tu alguma tivesses, não passarias por ellas.

JULIO, suspirando.

Que dia malaventurado foi este!

JANOTO, baixo.

Pois a noite podes tu gabar.

JULIO, arrepellando os cabellos.

Que noite de diabos foi esta! Ah! mulheres! quem vos vê? quem vos quer? quem vos deseja?

SCENA XII

OS PRECEDENTES, e OCTAVIO, que sai de casa de Faustina embuçado, e vem descendo o palco.

ARDELIO, que pelo escuro da noite o não reconhece.

D'onde viria agora este?

JULIO, sem ver Octavio, e dirigindo-se outra vez a casa.

Quero tornar a bater. (Bate tres pancadas, espera, vê que ninguem responde, torna a esperar; e parte a final com subita resolução.)

JANOTO, baixo a Ardelio.

Responde-lhe, Ardelio.

JULIO, furioso.

É por demais. Já não desejo senão o dia. Se eu não mouro eu farei justiças.

(Repara no vulto de Octavio.) Não sei quem lá vem. Vou-me a casa de meu sogro. Se me quizer abrir, contar-lhe-hei a honra que me dá sua filha.

(Cruza-se com Octavio; ao passarem um pelo outro mettem a cara, mas nas trevas não chegam a reconhecer-se. Julio vai á casa de Cesar, bate, e entra.)

SCENA XIII

ARDELIO, JANOTO, e OCTAVIO.

(Ao passo que vem Octavio descendo ao proscenio, vão Ardelio e Janoto saíndo do seu escondrijo, e chegando-se a Octavio a passos furtivos e desfarçados.)

OCTAVIO, vendo mover-se ainda longe aquellas figuritas esguias e angulosas.

Não sei quem cá vem. (Pausa.) Guarde Deus Bernardo e Livia de vergonha e de perigo. (Pausa.) Se soubera que era Julio, e me aquella matreira de Faustina deixára, viera mais cedo. Metteu-me em cabeça que elle se me viera metter em casa por força; com rogos e piedades, que lh'a fizeram ter d'elle, e com outras maiores e mais lagrimas me pediu perdão. Engana-se; feito é; não sou dos que esperam pela segunda. (Pausa; contemplando a casa de Julio.) O perigo de Bernardo temo, que não sei como sairá.

(A este tempo já Ardelio e Janoto se lhe aproximaram mais, cada um por seu lado; ambos o miram; Octavio continua desconfiado.)

Que gente enchergo eu? (Mira-os tambem, e reconhece Ardelio.) Lá! Ardelio!

ARDELIO, para Janoto.

Escuta!

OCTAVIO, reconhecendo Janoto.

Janoto!

JANOTO.

Quem chama! quem é?

OCTAVIO.

Chega cá.

ARDELIO, reconhecendo-lhe a voz.

Ó Octavio!

OCTAVIO, abaixando o tom.

Manso, não nos oiça ninguem. Como passastes cá?

ARDELIO.

Se soubesses, pasmarias.

OCTAVIO, com muito interesse.

E Bernardo?

JANOTO, apontando a casa de Julio.

Ainda lá jaz.

ARDELIO, para Octavio.

Vai-te a casa, e lá saberás tudo; que eu hei já de esperar a manhã por essas ruas.

OCTAVIO.

Não farei. Vigiemos fortemente cada um por sua parte: tu por lá, e eu por cá. Não é isto coisa para se assi deixar á ventura.

ARDELIO.

Esta é a noite das aventuras. Poderá mais acontecer? por isso dizem que andam os diabos de noite e as

almas peccadoras. Não me posso ter ao riso com as mofinas d'este coitado; tanto se matou hoje por não ser Julio, até que o não foi no tempo que o mais houvera de ser. Em quanto Bernardo não sai, vou ver onde se mette.

(Saem todos tres com ar de espiarem o arredor. Fica a rua deserta por largo espaço.)

SCENA XIV

BERNARDO, só, entreabrindo cauteloso a porta da casa, e olhando rua a baixo rua a cima; em voz sumida.

Espera; verei se passa alguem. (Pausa.) Bem é; ninguem parece. (Para Livia, que se não vê, mas se crê tel-o acompanhado até á saída.) Deus fique comtigo.

(Sai para a rua. Fecha-se a porta. Bernardo desce ao proscenio.)

Que desastres vão pelo mundo, e que acontecimento! se se pode imaginar coisa que não haja! Bem me prophetisava a mi o meu espirito tudo o que passei! que eu não sinto por minha causa, mas por Livia, que por mi se aventurou a tammanho perigo em que fica. (Todo voltado para a casa de Livia.) Oh! Livia! Livia! quanto te devo! e quão pouco deves a quem tão mal te trata (não o posso dizer sem lagrimas!)! Coitadinha de ti, Livia! moça, formosa, tão sizuda, e tão boa filha! uma só filha, e um pae tão rico e tão honrado! creada em tanto mimo e em tammanhas esperanças! empregada em quem, em vez de te venerar te deshonra assi e te mata! Melhor me fôra não te ver qual te deixo; mas, pois n'isso te fiz a vontade, queixar-me-hei só da for-

tuna, que te levou de mi, e me deixou com esta mágua. (Pausa.) Para que cuidareis ora que me mandou ella chamar? para desabafar só comigo, e me pedir perdão do seu erro. Com os olhos e rosto banhado em lagrimas me saíu a receber, com um abraço mais de amizade que de amor; tão differente do que d'antes a conhecia, que no primeiro impeto a desconheci. Todos tres nos assentámos chorando, e chorando começa ella : « Bernardo, aventurar-me eu a isto, não é bem que o attribuas senão á parte por que o faço. Quizeste-me bem e eu t'o quiz; a fortuna só me quiz tanto mal, que em pago do que te devia me obrigou pedir-te perdão da má vida que por mi passaste, porque a que eu agora passo sei que me deixará cedo; e porque aquelle amor passado não é já em mi poder-t'o pagar com outro que elle merecia, contenta-te com estas lagrimas de meu arrependimento. » — E n'isto corriam ellas de maneira, que por um espaço lhe impediam a pratica; e as minhas lhe começaram a fazer boa companhia. Então me deu conta de toda sua vida, a que ella chamava morte, sem eu poder acabar comigo de a deixar de ouvir, ou lançar mão de mais do que me sua vontade e honestidade concedia. Finalmente que, gastada a mór parte da noite n'estas coisas, concruíu por derradeiro : — « Rogo-te, Bernardo, que isto que comtigo passo, ninguem o saiba senão tu; ou, se quizeres que o saibam, matem-me por que o eu não oiça. Sei que me podes ter em má conta, e eu quero que saibas, para que te não enganes, que o espirito de uma mulher magoada é tão grande, que não receia estes perigos. Aquella que merecer a Deus o que eu em ti perdi, trata-a melhor do que me tratam, por que a não

obrigue a algum despejo como este. » — Que diria eu aqui, eu que faria? fiquei confuso e pasmado do saber e virtude de uma moça. Aquelle amor que lhe sempre tive, se me accrescentou então de maneira, que acabando ella, comecei eu a chorar minha desaventura em a perder. Senão quando, o marido bate á porta; com que ella ficou morta, e eu mais morto por ella. Medo hei, segundo elle é, que não bastem escusas da velha para o tirar da suspeita! Saí-me logo consolando-a assi, e offerecendo-me a aventurar a vida por sua honra, sem entre nós haver mais que lagrimas magoadas de amor e de saudade. Alguns se rirão de mi; principalmente estes endiabrados, perdidos por homens, que se agora costumam; mas eu certo me não arrependo do que fiz. Folgo de lhe dever aquelle amor tão casto e tão honesto. Hei já de esperar o que sobre isto passa; Deus o remedeie, que se Livia mal passa, não me soffrerá o estomago deixal-a sem vingança.

(Embuça-se na sua capa e sai. Cai o pano.)

ACTO V

A mesma praça. É manhã.

SCENA I

MICER CESAR só, saindo de casa.

Que farei? quem me aconselhará em tammanha affronta? Tenho minha honra e minha filha offerecida á fortuna. Ah! velho parvo de mi! quem me cegou? quem me matou? Oh! oiro, tão perigoso n'este mundo! para tanto mal achado! (Pausa.) Não sei que diga; não sei que faça. Entrou aquelle doido em minha casa esta noite (tal, que houve medo d'elle!) jurando, brasfemando que havia de matar minha filha. Ah! filha malfadada! por meu mal nascida!..... (Pausa.) Minha mulher está morta; e eu para me matar. Estrondos fez, diabruras e terremotos, que acordou a vizinhança; acudiram meus amigos, poseram-se a amansal-o; então se indignava mais. Os seus juramentos são para crer, o caso não é para crer. Como havia de haver no mundo bater elle á sua porta e não lhe abrirem? sonhou-o, inventou-o o diabo para me acabar de matar. Vou saber de Livia

como passou o negocio, que ainda me Deus fez grande mercê em m'o trazeŕ a casa, que já agora não tivera filha.

(Entra em casa de Julio.)

SCENA II

VALERIO e IGNACIO, passeando e conversando pela rua.

VALERIO.

Segundo os signaes que me dás, não pode ser outro. Octavio, com quem conversa, é muito bom filho, e bemquisto n'esta terra; e eu o conheço de menino, de quando o deram ao Duque.

IGNACIO.

Prouvesse ora a Deus, que hei medo de não achar já o pae vivo, que só na vida d'este filho tinha sua honra e sua vida.

VALERIO.

Não lhe ficou outro?

IGNACIO.

Não; de dois que lhe Deus deu, um lhe desappareceu em Lisboa em idade de cinco annos, e nunca mais soubemos d'elle; cremos que moiros ou francezes lh'o furtaram. Este Bernardo, só que lhe ficava, desejoso de ver terras o importunou tanto, que lhe deu licença temendo ir-se sem ella.

VALERIO.

Esse é o primeiro impeto da mocidade.

IGNACIO.

Como se os homens todos não fossem homens, e todo o ceo um!

VALERIO.

Bom é uma pouca de experiencia.

IGNACIO.

Oh! que se danam cá muito com a soltura e liberdade. Se fosse para ir buscar virtude e exemplos de bem viver, bem me está; mas não é senão para vicios, e para ter que contar depois ou mentiras ou peccados; que eu d'esses dias que já por aqui gastei não tirei mais que aconselhar a todos, que vivam em suas terras.

VALERIO.

Esse é o mais seguro; mas a mocidade ferve; e em quanto ferve, não lhe lançar agua que será peor. Os mais d'elles tornam tão escaldados dos desastres e dos perigos, que se contentam, quando vêm, de se verem fora d'elles.

IGNACIO.

Deu-lhe o pae a licença a este por dois annos; e passa já de cinco que cá anda. Então, que quereis que cuide um velho triste? ou é morto, ou é captivo; que do dó que houve d'elle me offereci a este trabalho.

VALERIO.

Foste ditoso em vires aqui ter, porque sem duvida aquelle é.

IGNACIO, respirando.

Com isso descanço e vivo. E esse seu amigo quem é?

VALERIO.

Dir-t'o-hei, porque por ventura ninguem mais d'elle

sabe que eu. (Dispõe-se a narrar a historia. Ignacio acerca-se-lhe com o maior interesse.) Ha já bem de annos que Micer Octavio foi d'aqui por embaixador ao Grã Turco; acompanhei-o eu. Depois de acabarmos este negocio da embaixada, vindo-nos a embarcar em Constantinopla, vimos vender ao pregão certos meninos christãos, entre os quaes lançando Octavio os olhos, assi os afeiçoou a um, que o comprou em idade que não podia dar mais razão de si, que mostrar que era portuguez na lingua. E trazendo-o aqui, o deu Octavio ao Duque, em cuja casa se creou até agora; e é este Octavio que te digo, a que ficou o nome de seu senhor, se se assi pode chamar.

IGNACIO, com muito prazer.

Ditoso acontecimento! que dirás aos males que vão pelo mundo?

VALERIO.

E logo hi soubemos, que francezes o venderam.

IGNACIO.

Ai! já pode ser que entre esses iria o meu Ambrosio, que eu criei, irmão de Bernardo.

VALERIO.

Bem aposto eu que não lembre isto a Octavio, que se ha por mais natural da terra, que eu.

IGNACIO, para si.

Não sei que alvoroço sinto ao espirito; mas que pode ser ha tanto tempo?

VALERIO.

Que fallas comtigo?

IGNACIO, reflectindo

Nada; afigurava-se-me se por desastre poderia ser esse.

VALERIO.

Grandes são os milagres de Deus.

IGNACIO, suspirando.

Si; mas quem lh'os merece?

VALERIO.

Ás vezes os faz elle a quem lhe apraz; e tu conhecêl-o hias?

IGNACIO, com alvoroço.

Si, que o criei. (Reprime-se.) Mas isto são sonhos; com Bernardo me contentaria. Rogo-te que tornemos lá; pode ser que será vindo.

VALERIO.

Vamos; mas devias ver primeiro esta cidade, que tanto ha que a deixaste! ainda que, a quem vem de Lisboa nenhuma outra coisa parece grande.

IGNACIO.

Senão Veneza, que certo é coisa grande, e de cada vez maior. Mas hi fica tempo depois; vamos, que me não repoisa o coração.

VALERIO, vendo entrar alguem.

Quizera dar uma palavra a este homem que cá vem; depois o farei.

(Saem Valerio e Ignacio.)

SCENA III

JULIO, só.

(Vem devagar, e como meditando, dirigindo-se á sua propria casa.)

Nunca ninguem tão bem ordenou sua vida, que o tempo e as mudanças d'elle lhe não trouxessem alguma

novidade, e ensinassem que aquillo que tinha por melhor, experimentado o houvesse por peor; como a mi agora aconteceu. Dês que casei até agora, segui uma maneira de viver, que ao meu juizo era melhor, e mais segura para minha honra e descanço. Agora vejo que não tão somente não era vida, mas uma vergonha e baixeza. (Pausa.) Olhae as cegueiras e desenganos! ainda hoje quiz mal e deshonrei a quem me dizia que me enganava. (Em tom nobre e franco.) Agora que acabei de me ver, e que me lembra o passado, assi me aborreço a mi mesmo como a um imigo. Agora conheço que todos aquelles meus fundamentos e boas razões eram cegueiras e doidices; e todas aquellas minhas contas, em que eu cuidava que mais que todos acertava, eram erradas e bestiaes. Tal força tiveram as razões e os conselhos que (em que me pez) me deram, que de cego que era me abriram os olhos; de danado, e determinado de matar minha mulher e pôr fogo ás casas, me tornaram tão manso, que não sei já senão chorar as tristezas e magoas com que até aqui a tratei. (Pausa.) Que coisa é o peccado! tão pesado e desgostoso! Em todo este tempo que vivia, eu tinha gosto de nada; no mór contentamento entristecia; no mais pesado somno acordava em casa, e fora de casa. Que vida era a minha! temia-me dos homens, das mulheres, dos ventos, e das sombras; e não me temia de mi mesmo e do meu peccado, de que mais devêra. Louvores a Nosso Senhor, que tanta mercê me fez! já sei que coisa é ser casado, e este nome de matrimonio quão honrado é, e quão gostoso a quem sabe usar d'elle. Já sei que me deu Deus mulher para minha igual companheira em meus prazeres e trabalhos. E mais que mulher! oh!

Livia! com que olhos te olharei agora! Livia, quão pouco amor me deves! Mas eu o emendarei. (Com resolução e enthusiasmo.) Sus! sus! d'aqui por diante, nova vida. Se até aqui foste minha captiva, serás d'aqui por diante minha senhora; da casa e da fazenda, farás o que quizeres; e de mi tambem. (Pausa.) E não viverei eu como os outros homens? De crêr não é, (como me a mi diziam) que eu só sou o que acerto e todos errem; não pode ser. Os que me d'antes conheciam, vejam-me e conheçam-me novamente. Quantos sabiam os meus erros, venham ver a minha emenda. Se podéra tomar outro nome, deixára o que tenho, para que em tudo parecêra novo homem. Já não sou aquelle mau Julio que soía; as vergonhas que passei com Bernardo é necessario que lh'as emende com outra mór honra. Quizera buscal-o, e desculpar-me como melhor podér; não saiba Benedicto, ou não suspeite, que estimo pouco sua amizade; convidal-o-hei, e ficar-me-ha por hospede. Mais vergonhosa coisa é o peccado, que a emenda d'elle; pois pelo peor passei, não é razão que o melhor receie. (Repara em Ardelio, que vem entrando.) Cá vem o seu criado; dir-me-ha d'elle.

SCENA IV

JULIO e ARDELIO.

ARDELIO, sem reparar em Julio, caminhando com o seu modo grotesco e desenvolto, fallando comsigo e rindo.

Coisas ha hi, que parece que a cinte as ordena o diabo! e as d'esta noite taes foram. Eu não sei do que

mais me ria: se da parvoice de Bernardo, ou dos desastres de Julio, ou da lealdade de Faustina com Octavio! Parece-vos que um frade capucho tivera a consciencia de meu amo? chamado de uma mulher a que queria bem, e que o queria a elle, e que se aventurava a tamanho risco, sair-se assi, sem um só abraço d'ella! viu-se nunca tal paciencia!? (Ri muito.)

JULIO, á parte.

Que grão travesso, repetenado, de que se vem rindo?

ARDELIO, como acima.

Se o Livia já quizer ver, que me matem. (Pausa.) Ora deixae o Octavio! não me posso ter desculpar a Faustina! (Rindo.) Ah! ah! e diz que si, que lhe quer grande bem, que entrou Julio por força, e jura que é verdade, que ella lh'o jurou e chorou!

JULIO, á parte.

Em quantas vergonhas me metteram meus peccados! corrido estou do que passou por mi.

ARDELIO, como acima.

Aquella velha tão endiabrada, que negou o outro! parece-me que o sonhei! tal aconteceu todavia. É verdade que a mi me lembra que não dormi esta noite. Andei desde então até agora vigiando, e não vi signal de nada. (Examina a casa de Julio.) As portas e as janellas estão como se vêem. Não creio que tornou ainda.

JULIO, vendo que Ardelio se aproxima a passos lentos.

De vagar vem.

ARDELIO, vendo Julio, e á parte.

Mas eil-ó acolá. Vejo-o tão paciente, que hei dó d'elle. (Hesita.) Não sei se o commetta.

JULIO, adiantando-se cortezmente; á parte.

Vou-me a elle. (Alto.) Por tua vida, mancebo, que me faças um prazer.

ARDELIO.

As peças? perdôa-me, que te enganei. Jurára que as trazia Bernardo; folgo de o não termos dito a Julio.

JULIO.

Não digo isso, mas que me mostres teu amo, que me releva muito.

ARDELIO.

Para quê?

JULIO.

Eu sou Julio.

ARDELIO, fingindo pasmo.

Julio? como pode ser?!

JULIO.

Encobri-me até agora, ou neguei-me, porque me temi de um certo negocio de Genoa.

ARDELIO, fingindo não o acreditar.

Como se houvesse muito que eu fallei comtigo!

JULIO, com a maior seriedade.

Não zombo.

ARDELIO.

E como crerei que és tu agora mais que d'antes?

JULIO.

O que te eu digo é assi.

ARDELIO, com finura.

Muito se parece comtigo aquelle teu amigo!

JULIO.

Que amigo?

ARDELIO.

Um que lá andava, muito negociador por tua parte.

JULIO.

Tens razão, porque eu era o mesmo.

ARDELIO.

Perdôa-me logo, porque tu me tiraste de meu sizo. Se crêras que eras Julio, como eu cria, não cançáramos tanto.

JULIO.

Perdôa-me tu o que eu passei comtigo, que eu te perdôo todas tuas graças. Mas Bernardo desejo muito de ver.

ARDELIO.

Que lhe queres?

JULIO.

Pedir-lhe perdão de minhas culpas, que eu creio que m'o elle dará sabendo a causa. Rogo-te que me leves, ou lhe digas de minha parte, que me faça mercê de me dar licença para me ver com elle.

ARDELIO.

Far-t'o-hei. (Á parte.) Isto que será?

JULIO.

E seja hoje, por tua vida.

ARDELIO.

Queres que vá elle lá dar comtigo?

JULIO.

Se o não tomar por trabalho......

ARDELIO.

A tua casa? (Aponta para a casa.)

JULIO, com a maior naturalidade.

Si.

ARDELIO, á parte, pasmadissimo.

Jesu! que oiço? se endoideceu este?! (Alto.) Irá ter comtigo a tua casa?

JULIO, com insistencia.

Si. E quanto mais cedo, mais folgarei.

ARDELIO, á parte, confuso, e ideando como saír da entaladella.

Ora não mais; isto é trato. Não nos paparás. Como eu estava parvo!....

JULIO.

Fal-o-has assi?

ARDELIO, coçando na cabeça, mas apparentando naturalidade.

Eu te direi, pois já queres que te conheçamos : elle é ido, desde hontem pela manhã, fora da cidade; não sei se tornará hoje.

JULIO, admirado.

É fora?

ARDELIO.

Si.

JULIO, contrariado.

Oh! dou-me a Deus. Hi anda elle já de caminho.

ARDELIO, socegando-o.

Tomae lá; não se deterá nada; (titubeia) não digo bem; eu não sei; todavia...... creio que ainda está de vagar.

JULIO.

Por tua vida, que me não enganes, porque me vai muito n'isto.

ARDELIO.

A nós vai mais que a ti; é como te digo, e bem o podes saber. (Corteja a Julio, para saír.)

JULIO, vendo-o afastar-se, á parte.

Ora eu terei cuidado de o buscar; fica-te embora. Sentirei muito ir-se-me assi, sem alguma desculpa ou comprimento, por amor de Benedicto. Escrever-lhe-ha quão mal o fiz com elle, eis-me sem amigo.

ARDELIO, observando manhosamente Julio, e á parte.

Que me matem, se isto não é manha. Vou-me com tempo dar aviso ás partes.

(Sai correndo por um lado, Julio sai apressado pelo outro.)

SCENA V

CLARETA, só,

(Sai de casa muito açodada, e desce ao proscenio.)

Que direis a tammanho desastre! a tammanho descuido! a tammanha parvoice minha! ficar-me assi a porta aberta a tal tempo! estou para arrebentar. Faustina fica comendo os pés e as mãos; desespera já de se vingar de Octavio. Emfim, Julio pagou por elle, coitado! Estava com a meza posta e a cama feita; e nem de meza nem de cama levou bocado. Nós já estamos de levante, que elle, ou se ha-de vingar, ou ha-de querer tornar haver o seu anel. A isto vieram parar todos os amores e lagrimas de Faustina! Folguei em parte, porque saberá viver d'aqui avante.

SCENA VI

CLARETA e JANOTO, que entra, como que á procura de alguem.

JANOTO, comsigo mesmo.

Onde poderei achar Octavio, ou Bernardo, ou Ardelio?

CLARETA, baixo.

Este é Janoto; hei-o de tentar.

JANOTO, como acima.

Dizem-me que andam aqui dois homens muito mortos apoz elles; não sei que seja.

CLARETA, preparando-se artificialmente para chorar.

Se podesse ora chorar um pouco!

JANOTO, como acima.

Medo hei que pairam aquellas bacorinhas algum mal.

CLARETA, chorando estrepitosamente.

Ai! ai! Faustina! quão pouco dó haverei de ti! quem te mata!.....

JANOTO, revirando-se e notando-a.

Quem chora aqui?

CLARETA, como acima.

Coitadinha, que te não merecem esse amor!...

JANOTO, indo para ella.

Ó Clareta, que é isso? de que choras?

CLARETA.

Ai Janoto! onde está Octavio?

JANOTO.

Que has? que lhe queres?

CLARETA, chorando sempre.

Morre Faustina; deixei-a tal.....

JANOTO.

Falla.

CLARETA, acabando a sua phrase.

Que não parece viva.

JANOTO.

Que fez? quem lhe fez mal?

CLARETA.

Estirada no meio da casa como um corpo morto.

JANOTO.

De quê?

CLARETA, chorando.

Eu toda esta noite andei com ella com aguas, e com cheiros; parece que arrebenta, e que lhe salta o coração fora.

JANOTO, sorrindo

Já entendo.

CLARETA.

Diz que se lhe Octavio não falla e a não ouve, que sobre elle carregue a sua morte.

JANOTO, dando uma gargalhada.

Ah! ah! ah! eh!

CLARETA.

E ris-te?

JANOTO, rindo.

Endiabrada és; mas eu te direi: uma mofina não vem sem outra.

CLARETA, com certa reprehensão no tom.

Bem parece em ti se lhe merece Octavio o que por elle passa.

JANOTO, rindo sempre.

Clareta, não me enganes; essas lagrimas são de mostarda. Andastes muito mal em vossos raposios.

CLARETA.

Assi os pagamos, ainda que todo o mal é da coitadinha.

JANOTO.

Pois se soubesses para quem Octavio negociava aquillo!

CLARETA.

Para quem, que ainda Faustina crê que era zombaria?

JANOTO.

Porque hei dó d'ella e de ti, t'o quero dizer : para Julio.

CLARETA, admirada.

Para Julio?

JANOTO.

E foi tão recatado, que o entendeu.

CLARETA.

Zombas?! mas, por tua vida, que digas a teu amo que haja dó de quem por elle tal fica.

JANOTO.

Zombo? mas tu com alvoroço deixaste a porta aberta a Octavio. Vai, vai; bem parvo é quem escapa de uma, e se torna a metter em outra. Faustina tome outros amores de melhor rendimento.

CLARETA, com o semblante já serenado das lagrimas fingidas, e com despeito concentrado; á parte.

Foi-se. Se tal é, que paciencia terá Faustina para Julio? agora cremos que nós outras somos as parvoas e as coitadas. Algum peccador virá em que se tudo emende. (Pausa; olhando de revez para Janoto.) O traidor como me entendeu!

(Sai.)

SCENA VII

JANOTO e VALERIO, que entra pelo lado opposto por onde saíu Clareta.

VALERIO, para si.

Ha dias, que tanto prazer não tive, como hoje. Oh! Senhor Deus! que grandezas são as vossas! Quem cuidára, depois de vinte annos, que tanto haverá que viemos do turco, se viesse a descobrir o que agora por minha causa se descobriu? Para algum bem grande guardou Deus aquelle moço.

JANOTO, para Valerio.

Valerio, viste-me por aqui Octavio?

VALERIO.

Qual « Octavio »! não é senão Ambrosio.

JANOTO, sem entender.

Como « Ambrosio »? eu digo meu amo.

VALERIO.

Eu digo teu amo. Já não é Octavio.

JANOTO.

Como não?

VALERIO.

Vai-te a casa de Cesar, lá o verás.

JANOTO.

Não te entendo.

VALERIO.

Eu o creio; mas se o queres entender, vai onde te disse, que eu vou depressa.

(Encaminha-se para a casa de Cesar, onde entra.)

SCENA VIII

JANOTO e ARDELIO, que vem entrando transportado de prazer.

ARDELIO.

Jesu! que prazer e boa dita!

JANOTO, referindo-se ao que ouviu a Valerio.

Não sei que diz aquelle velho. (Repara em Ardelio.) Cá vem Ardelio.

ARDELIO, sem ver a Janoto.

Que dia tão bemaventurado!

JANOTO, como acima.

Que pressa é esta! parece doido.

ARDELIO.

Ainda que em nossa mão fôra dar bom fim a taes perigos, não podéra ser como aconteceu.

JANOTO, chamando-o.

Ardelio, que é isso?

ARDELIO, abraçando a Janoto.

Ó Janoto, hei-te de abraçar.

JANOTO.

Que houveste, de que vens tão alvoroçado?

ARDELIO, esfregando as mãos, e correndo, louco de prazer, a um lado e a outro.

A Portugal! a Portugal!

JANOTO.

Que dizes?

ARDELIO.

Que havemos de ir todos a Portugal.

JANOTO.

Quaes todos?

ARDELIO.

Bernardo, e Octavio, e Ardelio, e Janoto.

JANOTO.

Tu és doido?

ARDELIO, como acima.

Não se pode crer. Julio já não é Julio.

JANOTO, com cuidado.

Morreu?

ARDELIO, com signal negativo.

Mas mudou-se de maneira, que o não conhecerias. Digo-te que aquelle desastre de hontem foi bemaventurado para Livia; já é mulher; já é casada; já vive.

JANOTO, sem o perceber.

Muito assombrado vens! começas n'uma coisa, e saltas n'outra.

ARDELIO.

Cuidas'que estou em mim?

JANOTO.

Toma folego; não te afogues.

ARDELIO, chegando-se a Janoto.

Emfim : para que me hei-de deter em palavras? veio aqui em nossa busca Ignacio, amo de Bernardo, foi dar com elle a casa de Cesar, onde o levou Julio convidado para um banquete, que faz por festa da sua nova vida.

JANOTO, pasmado.

Que me contas?

ARDELIO.

Espera, topa-o n'essa rua com Octavio, levou-os ambos, com grandes desculpas e perdão do passado. Inspirou-lhe Deus graça para se conhecer e arrepender-se da vida passada. Dês hoje por diante toma outra, e hoje faz conta que recebe sua mulher.

JANOTO.

E por isso havemos de ir a Portugal?

ARDELIO.

Não sei o que conto. Isso te houvera dizer primeiro : Ambrosio é irmão de Bernardo.

JANOTO, cada vez mais abismado.

Qual Ambrosio?

ARDELIO.

Octavio teu senhor.

JANOTO.

Hum? tu tens sizo?

ARDELIO.

Não duvides; conheceram-n-o agora milagrosamente.

JANOTO, com grande prazer.

Como estou encantado!

ARDELIO.

E eu tambem. Um velho natural d'aqui contou a sua

historia, e Ignacio, o nosso amo o conheceu por signaes, como quem o creou.

JANOTO.

Isso é assi?

ARDELIO.

Assi.

JANOTO.

Que é Octavio? irmão de teu senhor?!

ARDELIO.

Para que é estar comtigo em praticas? vem, e vel-o-has com o olho.

JANOTO, correndo e com grande alegria.

Jesu! Jesu, Ardelio!

ARDELIO, vendo Cesar saír de casa.

Eil o velho; sai chorando de prazer.

(Entram correndo, Janoto e Ardelio, em casa de Micer Cesar.)

SCENA IX

CESAR, só.

(Desce ao proscenio, como agitado de alegria grande.)

Quanto devo a Deus pelo prazer que me mostrou hoje! Livrar minha filha de infamia, e de um perigo tão certo, tammanho, tammanho era a suspeita que o marido tomou d'ella! E na verdade (posto que tivessem alguma desculpa de seu medo) que elle avesado era a dizer e fazer. Porem, não se soffria todavia vel-o bater

á porta e não lhe abrir. Nosso Senhor lhe inspirou nova alma e nova vida, quando mais parecia que estava fora d'ella. Vai ter a casa, e lança-se aos pés de Livia, e quiz-me beijar os meus; com lagrimas o levantei, e com lagrimas conto isto. Ajuntou-se outro prazer d'aquelles mancebos que se chamam irmãos, que vêl-os a elles e a um velho seu amo é para louvar a Deus. Livia estava morta, já agora vive, já terá vida que lhe sempre desejei, que (segundo o que enxergo n'elle) vai já caindo em outro extremo demasiado. Vou convidar meus parentes e amigos, que me ajudem a rir e a folgar, como d'antes me ajudavam a chorar. (Para o publico:) E vós tambem, festejae este meu contentamento. (Inclina-se, e sai. Cài o pano.)

FIM.

INDICE

PARIS. — TYP. SIMÃO RAÇON E COMP., RUA D'ERFURTH, 1.